

SUPLEMENTO

Belo Horizonte, Junho/2016
EDIÇÃO ESPECIAL
Secretaria de Estado de Cultura



MURILO RUBIÃO
O CENTENÁRIO DO MÁGICO

sem cejude!

É com muita le-

funda.

pitca

De De Cachoeira

de susten-

A AVENTURA SOLITÁRIA DE UM GRANDE ARTISTA

HUMBERTO WERNECK

Os escritores em geral se dividem — ou são didaticamente divididos pela crítica — em correntes, escolas, times. O mineiro Murilo Rubião (1916-1991) é um caso à parte. Durante muitos anos não houve no Brasil, e talvez não haja ainda, um contista “tipo Murilo Rubião”.

Para entender melhor a sua singularidade, convém voltar no tempo, à segunda metade da década de 60, quando ocorreu o fenômeno editorial conhecido como o cacofônico “boom da literatura hispano-americana”. Autores como o colombiano Gabriel García Márquez e o argentino Julio Cortázar ganharam então leitores pelo mundo afora com uma prosa de ficção que, com sua atmosfera de sonho, levou o rótulo de realismo mágico, ou de realismo fantástico.

Traduzidos pela primeira vez no Brasil, os hispanos, como se dizia, fizeram sucesso de público e de crítica. Iluminaram um terreno pouco explorado de nossa literatura — e só aí começamos a perceber que havia entre nós, fazia tempo, um escritor cuja obra merecia ser qualificada de, em mais de um sentido, fantástica.

A matriz da ficção de Murilo Rubião não era, porém, exatamente a mesma dos hispanos: cristalizou-se sobretudo na leitura apaixonada de Machado de Assis — “aos 21 anos”, costumava dizer, “eu já tinha lido *Memórias póstumas de Brás Cubas* vinte vezes.” Admitia ter sido decisivamente influenciado, também, pelos alemães Adelbert von Chamisso (1781-1833) e E. T. A. Hoffmann (1776-1822), pelo americano Edgar Allan Poe (1809-1849), pelo *Dom Quixote* do espanhol Miguel de Cervantes (1547-1616), pela mitologia grega, pelo folclore germânico e, de maneira especial, pela Bíblia, livro em que ele, mesmo agnóstico, ia garimpar epígrafes para seus contos — todos, sem exceção. Mas, ao contrário do que supõem alguns, entre os autores que marcaram a sua formação não está Franz Kafka (1883-1924), pois já era autor maduro e publicado quando leu pela primeira vez o escritor checo.

É espantoso verificar, hoje, o quanto Murilo Rubião foi ignorado, durante tantas décadas, quando na verdade antecipara entre nós um tipo de literatura que só vinte anos mais tarde daria renome universal a seus confrades hispano-americanos.

Seu primeiro livro, *O ex-mágico*, saiu em 1947, por uma pequena editora (publicou apenas quatro títulos, entre eles *Sagarana*, na estreia de Guimarães Rosa, em 1946), a Universal, do Rio de Janeiro, com tiragem de 2 mil exemplares, dos quais quinhentos foram bancados pelo próprio Murilo, que além disso, antevendo um humilhante encalhe, comprou outros mil para distribuir. (No dia em recebeu os primeiros volumes, acondicionou quantos pôde numa sacola e saiu pelas ruas de Belo Horizonte, à procura de amigos para presentear-los. Naquela noite, dormiu com *O ex-mágico* embaixo do travesseiro. “Nunca mais me emocionei tanto com uma publicação”, dirá, já calejado, décadas mais tarde.) O segundo livro, *A estrela vermelha*, de 1953, teve tiragem confidencial, de 116 exemplares. Do terceiro, *Os dragões e outros contos*, de 1965, tiraram-se mil, que mal

chegaram a algumas livrarias, pois não saíram por uma editora comercial, e sim pela Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais.

Não é de espantar, assim, que Murilo Rubião tenha reagido com ceticismo quando, no início dos anos 70, bateu em sua porta, em Belo Horizonte, o editor paulista Jiro Takahashi, disposto a publicar uma coletânea de contos seus. Nunca que vai vender, duvidou o escritor — e caiu das nuvens, antes de cair nas nuvens, quando, em pouco mais de um ano, 100 mil exemplares de *O pirotécnico Zacarias* se evaporaram nas livrarias.

Só então, já beirando os 60 anos de idade, Murilo começou a existir, vamos dizer, para o leitor brasileiro. E se isso aconteceu, em grande parte foi graças a nosso maior crítico em atividade, Antonio Candido, que, ao receber em 1965 um exemplar de *Os dragões e outros contos*, se penitenciou por não haver percebido, já em *O ex-mágico*, o grande escritor que ali estava.

Poucos perceberam, na verdade. Nem mesmo o atento e generoso Mário de Andrade, com quem Murilo se correspondeu na primeira metade dos anos 40, soube avaliar no primeiro momento a novidade daqueles contos datilografados que lhe chegavam de Minas pelo correio. Mário, contará Murilo bem mais tarde, gostava do escritor e se esforçava por gostar da obra...

É espantoso, também, que, sem o devido reconhecimento, e estando tão desemparelhado na literatura brasileira de seu tempo, Murilo não tenha simplesmente desistido das letras. Para felicidade dos que hoje se encantam com suas histórias, e de tantos que farão o mesmo enquanto houver bons leitores, ele perseverou.

Sem alarde, nas brechas do serviço público, no qual ganhou a vida (foi, por exemplo, um dos mais próximos colaboradores de Juscelino Kubitschek), Murilo Rubião nunca parou de escrever. Lentamente, muito lentamente — basta dizer que um de seus contos, “O convidado”, demorou nada menos de 26 anos para ficar pronto, como revelou o poeta Paulo Mendes Campos numa crônica deliciosa que republicamos na página 30 desta edição.

O discreto Murilo foi uma prova de que não é preciso escrever pelos cotovelos para ser um grande escritor. Em meio século de atividade literária, ele publicou, em jornais e revistas, cerca de cinquenta contos, e para figurar em livro selecionou apenas os 33, encontráveis hoje numa edição de bolso da Companhia das Letras.

Embora fisicamente magra, a sua obra para em pé na estante de nossa melhor literatura. E isso, em boa medida, pelo fato de Murilo ter sido um reescrevedor obsessivo. Perfeccionista, rasgou livros prontos e jamais releu um conto seu sem retocar o texto, nessa busca de perfeição que vem a ser a marca dos artistas genuínos. Nada é definitivo, insistia ele. A não ser, podemos ressaltar, o ouro de uma literatura tão incansavelmente refinada como a de Murilo Rubião.

HUMBERTO WERNECK

é mineiro de Belo Horizonte e foi um dos primeiros jovens escritores convidados por Murilo Rubião para integrar o corpo de redação do *Suplemento Literário*.

O FANTÁSTICO EM MURILO RUBIÃO

JORGE SCHWARTZ

A realidade de Murilo Rubião é quase uma realidade de ficção. No apartamento de Belo Horizonte, grande número de obras inspiradas nos seus contos. Um quadro repleto de coloridos dragões, no meio da sala. É a vida de um homem que cultiva o hábito de estar só. Nada fora do lugar. Cada detalhe é pensado, um fruto de vivência. Aquarelas ilustradas com a sua própria escritura. Estatuetas e quadros espanhóis, do país onde foi adido cultural por quatro anos. Finalmente, uma sala de livros, a mesa e a máquina de escrever, indicando batalhas na produção das obras. Murilo, o caso de um escritor que ficou relegado na história das letras brasileiras. Sua primeira obra data de 1947. Pioneiro da narrativa fantástica na literatura brasileira.

E os aspectos vanguardistas de Murilo Rubião? Do ponto de vista geográfico temporal, a sua obra surge de maneira insólita (como é a própria temática dos contos), desengajada de qualquer movimento literário no Brasil. Anterior a Julio Cortázar, que publica os primeiros contos em 1951 (*Bestiário*), tematicamente se vincula aos escritores de vanguarda hispano-americanos, os exploradores do chamado “realismo mágico” (Jorge Luis Borges, Julio Cortázar, Juan José Arreola, Gabriel García Márquez etc.). Em Murilo Rubião, o fantástico está no cotidiano. Ausência de rupturas bruscas na sequência narrativa ou de efeito de suspense no leitor. Acontecimentos referencialmente antagônicos e inconciliáveis conciliam-se tranquilamente pela organização da linguagem. Dragões, coelhos e cangurus falam, mas não há mais o clássico “enigma” a ser desvendado no final.

E a função do relato fantástico, já que o elemento suspense e consequente explicação final ficam totalmente diluídos na escritura? Uma das explicações possíveis é a da fruição como um pacto lúdico com o leitor, o que implicaria

em reduzir a obra a mero jogo de arte pela arte. Não é propriamente o caso de Murilo Rubião. O fenômeno fantástico de sua escrita é justificado na medida em que há a percepção dos níveis simbólicos e alegóricos de significação. A leitura atenta de *Os Dragões* sirva-nos de exemplo. Nítido esquema de oposição binária: Dragões x Sociedade. A luta da sociedade para integrar os dragões. A sociedade age e os dragões são integrados. Participantes ativos da vida em grupo acabam por ser corrompidos e chegam ao fim.

Uma crítica subjacente aos valores e preconceitos sociais. Os dragões se apresentam desprovidos de qualquer repertório histórico ou cultural. No início representam o elemento neutro, amoral. Vivem à margem da sociedade e simbolizam a própria dimensão da pureza, tanto assim que só podem ser compreendidos pelas crianças. Mas os valores sociais os corrompem e os destroem. Um círculo vicioso. João, o último dos dragões, se iniciara em jogos de cartas e retomara o vício da bebida. E os dragões não voltam mais à cidade. Foram desintegrados no próprio processo de integração. A escritura bíblica é o lugar de leitura dos contos murilianos. Em cada um deles, uma epígrafe extraída do Velho ou do Novo Testamento. E assim como Adão e Eva perdem a chance de continuar vivendo no Paraíso, os homens também perdem a oportunidade de conviver com os dragões. Esperam e esperarão e sempre em vão o retorno dos dragões...

A crítica à sociedade inverte também os valores do fantástico. O elemento extraordinário não é a presença dos dragões no meio humano, mas a condição do meio e das relações nele criadas. Aqui um paralelismo possível com as obras de Kafka. Em *A metamorfose* o fantástico deixa de ser Gregor, convertido em monstruoso

inseto e fantásticas são as reações da família diante do fato. Em Murilo e Kafka, o código social possibilita a leitura ideológica e não se trata de simples recriação na leitura do fantástico.

Na moderna narrativa hispano-americana, outras convergências dos temas tratados por Murilo Rubião. Um dos últimos contos de García Márquez, “Um Señor Muy Viejo Com Unas Alas Enormes” (1968), um ser angelical aparece magicamente (como o diz o título). Imediatamente inserido na sociedade de consumo, é industrializado e exposto à visitação pública. Os valores da sociedade são postos à prova. Seu súbito desaparecimento é análogo à inútil espera pela volta dos dragões.

Em autores brasileiros, o mesmo tipo de organização temática, de narrativa pode ser observado. Um evento anormal serve para testar as reações da sociedade. Em José J. Veiga, no conto “A máquina extraviada”, uma inexplicável máquina causa alvoroço e desarticula as normas da população da pequena cidade. Na novela *Sombras de reis barbudos* uma enigmática e alegórica Companhia põe em xeque os valores da pequena cidade local.

Conhecer Murilo é penetrar no mundo do fantástico. Penetrar no mundo do fantástico é ler a escritura muriliana. Murilo, o homem que vive no apartamento em Belo Horizonte.

Revista Planeta, número 25, São Paulo, setembro de 1974

JORGE SCHWARTZ

é natural de Posadas, Argentina, e radicado em São Paulo desde os 16 anos de idade. Professor aposentado de Literatura da USP, é diretor do Museu Lasar Segall. Escreveu, entre outros, o ensaio *Murilo Rubião: a poética do Uroboro* (Ed. Ática, 1981).

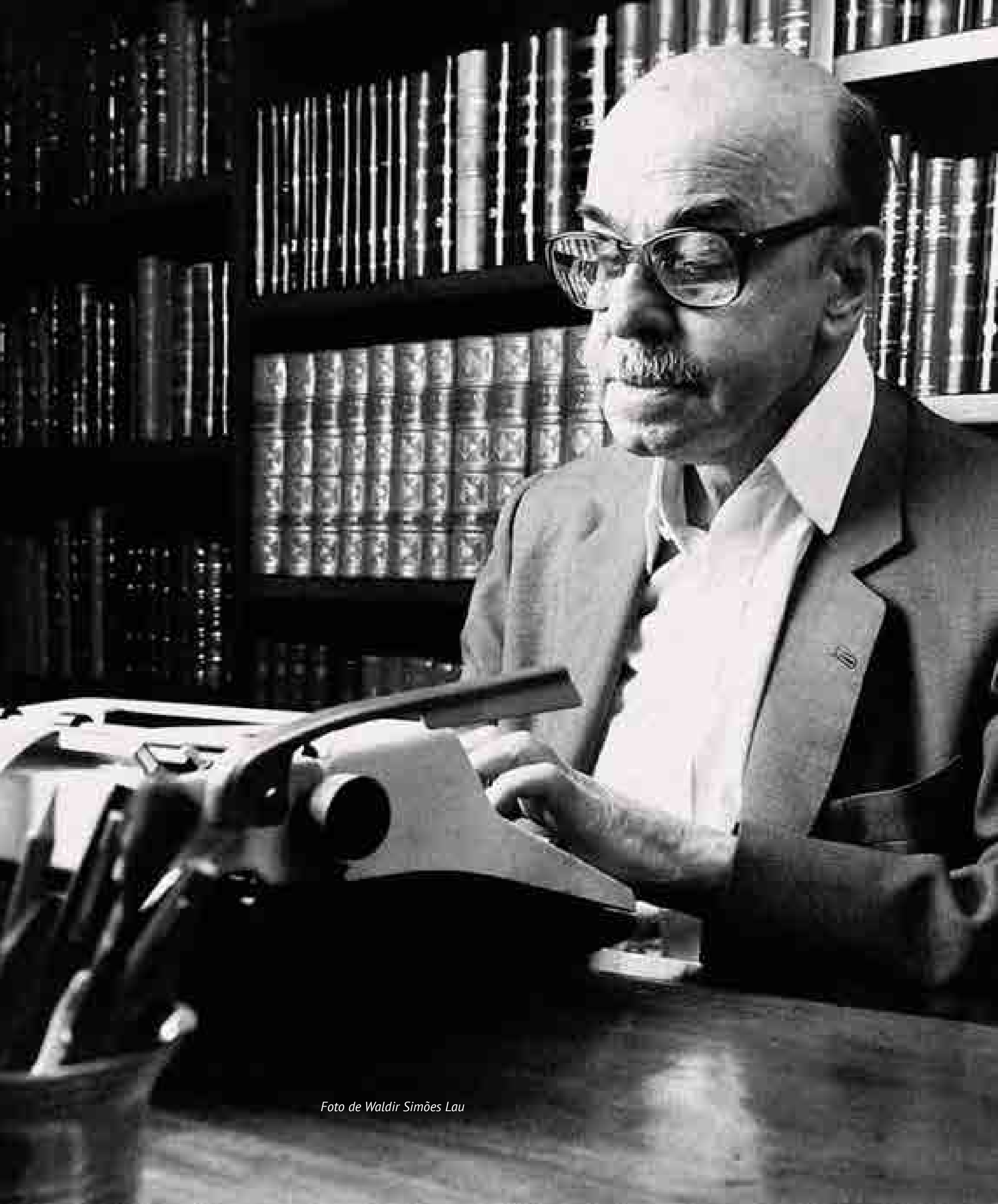


Foto de Waldir Simões Lau

ADESÃO AO HERÓI DE NOSSO TEMPO

OTTO LARA RESENDE

O desejo de evasão foi sempre e sempre será um motivo poético dos mais fecundos¹. Em algumas épocas, ele se torna epidêmico e assume o aspecto de um cacoete. Fatalizado a viver num mundo curto, insuficiente e, por isso mesmo, passageiro, o poeta se entrega aos mitos da poesia que são, em última análise, muito mais reais do que a duvidosa e insólita realidade do mundo. É também esse, o dos mitos, um mundo além do mundo. Com esse “pays de nulle part”² sonham os insatisfeitos e os rebelados: “Fuir! Là-bas fuir! Je sens que des ois-seaux sont ivres!”³

O desejo de evasão tem o seu verbo, conjugado em todos os tempos: partir. Feita a aventura, o poeta verifica, porém, que apenas “morreu um pouco”. É o que Baudelaire exprime nos versos magníficos de “Le Voyage”⁴.

*Pour l'enfant, amoureux de cartes et d'estampes,
L'univers est égal à son vaste appétit.
Ah! que le monde est grand à la clarté des lampes!
Aux yeux du souvenir que le monde est petit!*⁵

O poeta de hoje sabe que o universo é pequeno. A terra, devastada em todos os sentidos, oferece pouca margem para a aventura. O mundo está sem segredo, Rimbaud foi o último poeta andante, e esgotou um caminho, sufocado em silêncio. Ir para o Oriente, hoje, pode ser uma simples operação burocrática, própria para o burguês diplomata Claudel. Ou um equívoco inútil, como o sabe o degaulista Malraux.

Nem por isso, contudo, desapareceu a raça dos inconformados. Contra eles, é verdade, se arma o mundo, cada vez mais aparelhado para a fruição da mediocridade. Eles resistem, porém; e existem, apesar de tudo. Sem possibilidades de fuga dentro de um mundo sem surpresas, adotam uma nova forma de evasão, uma evasão para dentro, ou: uma invasão. O poeta de nosso tempo está invadido de si mesmo. Num movimento de introspecção, sem mover um passo, ele descobre um continente rico e inesgotável: o seu mundo, o mundo interior.

Eis, de novo, aberto o caminho de uma fascinante abertura para o artista. Nesse continente, onde os novos tempos plantaram uma bandeira de desespero, o poeta vai agora operar. A imaginação tem, aí, voo curto, mas há todo um reino a ser inventado, ou reinventado. É uma era de descobrimentos, que, dobrando o artista sobre si mesmo, numa decida interminável nesse “puits de Babel”⁶, alarga a visão do homem e amplia, em profundidade, os seus sempre limitados, por demais limitados, horizontes!

Kafka é o novo símbolo. A sua voz ecoa, voz familiar e necessária: “Não é preciso que saias de casa. Fica assentado à mesa e escuta. Nem mesmo esperes,

permanece silencioso e solitário. O mundo vai oferecer-se a ti para ser desmascarado, não poderá impedir que o faças. Extasiado, ele se contorcerá em grandes círculos em torno de ti”⁷. O herói romântico, perseguidor do sonho, está substituído. Um outro herói se levanta: um herói solitário, triste, desesperado. Um poderoso e viril herói do subsolo, perseguido, ainda aí, nesse “terrier” em que se situa, por sombras exasperantes e terríveis, que a sua consciência não permite se esvaneçam ou se apaguem.

É preciso escapar – o novo herói sabe disso. Os monstros estão nos seus calcanhares. É preciso escapar sempre e cada vez mais até uma constatação dolorosa: escapar a si mesmo. Em casa, “junto da lâmpada, no quarto silencioso”, não há também segurança: “como se tivéssemos acendido a luz para pô-los ao nosso encaicho”. O homem, mais do que nunca, está só, e está perseguido por si mesmo: é o medo. E a náusea. A última porta, que abre sobre uma região de ressonâncias infinitas, está trancada: a infância. O nosso herói perdeu a solidariedade de si mesmo: resta um espectro. Um espectro sem passado e sem futuro, curvado ante o espetáculo de seu próprio mistério. Para ele, tudo é incompreensível e é impossível, e porque é impossível, tudo se tornou possível. Uma nova lógica, ainda obscura e indefinível, está criada, fendida pela cunha forte do sobrenatural.

Quero falar de um livro que se coloca perfeitamente dentro destas considerações: *O ex-mágico*, de Murilo Rubião, agora publicado pela Editora Universal. Começarei por falar de dois personagens que não sei se existem realizados literariamente. Não têm nomes, nada possuem. Um nasceu, uma madrugada, de dentro de um esgoto. Sem mais nem menos, ali de debaixo daquela tampa de ferro em frente à Feira de Amostras, em Belo Horizonte, ele surgiu. Um personagem sem passado, sem ligações, portanto, com o presente. Um homem nascido do esgoto, um homem que tem apenas a si mesmo, ao qual tudo foi negado. O outro personagem é um estranho viajante, de um estanho navio. Um dia, no porto, ele embarca. Mas o navio não se afasta da costa. Só ele, porém, percebe que o vapor está parado. Quando tenta comunicar essa descoberta simples aos seus companheiros de viagem, tomam-no como louco. Ele sabe, porém, que não está efetivamente viajando. Ele sabe que não vai a parte alguma, que está condenado.

Eis aí dois personagens típicos do contista Murilo Rubião. Conheço-os apenas através da palavra de seu autor, um torturado autor que com uma paciência incrível, que os seus amigos bem conhecem, busca dar forma a uma estranha fauna. Esquisitos personagens esses que nascem do esgoto, sem infância, sem passado, sem direito à evasão, porque o navio, preso por uma força misteriosa ao porto, não viaja. É o herói de que há pouco falávamos, não é outro. É o herói do nosso tempo, triste e desamparado herói!



A luta dos que procuram dar-lhe forma é uma luta áspera, a do exprimir o inexprimível. Porque é aí, na zona do indizível, que ele se coloca. É preciso arrancá-lo ao silêncio, arrancando pedaços de seu desespero, de sua solidão, de sua tristeza.

Há, em todos estes quinze contos de Murilo Rubião, agora reunidos em livro, uma constante visível, conseqüente da colocação do autor diante da vida e de seus problemas. Os contos são, aparentemente, fantásticos. O leitor, logo às primeiras páginas, fica prevenido para tudo que acontecer, porque tudo pode acontecer. Há, todavia, uma lógica ligando os acontecimentos que comunicam ao leitor uma insegurança e um mal-estar que é o primeiro sinal de que alguma coisa se quebrou. Quebraram-se os moldes tradicionais, quebrou-se o cotidiano, com a irrupção pura e simples do mistério, do inexplicável. Quase tudo, em Murilo Rubião, é inexplicável mas está marcado de verossimilhança. Um homem de boné cinzento vai morar numa rua quieta. Ninguém sabe quem é esse homem: chama-se Anatólio. Chamasse Nabucodonosor, nós, como o irmão de Artur, nada temos com ele. De repente, porém, o homem passa a nos interessar. Sentimos que temos, sim, muito a ver com ele.

Quanto Anatólio desaparece, vai ficando transparente até virar só perfil, com o coração parecendo estar dependurado na maçaneta da porta, uma esquisita tristeza nos invade. Não sabemos quem é Anatólio, mas já estamos irmanados, preparados para o fantástico, agora tão real: Anatólio vomita fogo que varre a ruazinha quieta, e a intranquiliza. Nossa alma, como a de Artur, fica então reduzida, diminuída, e uma angústia desconhecida a transforma numa bolinha negra, tal como sucedeu, exatamente, a Artur.

Da leitura do conto fica-nos uma salsugem de tristeza, um vácuo se abre no leitor. Ele sente que alguma coisa lhe foi transmitida através de uma narrativa tão louca, que a princípio nada tinha a ver conosco. Quase todos os contos de *O ex-mágico* nos comunicam esse sentimento triste e sufocante. O autor nos fala por símbolos, quebra a nossa lógica de todo dia, sobre um novo caminho. Sente-se, então, a força da parábola, uma nova forma de parábola que tem, frequentemente, a nudez e o imprevisto das parábolas bíblicas.

Como o homem do boné cinzento, outros personagens realizam o impossível. Um pobre e desencantado funcionário público outrora fez mágicas, as mais mirabolantes. No entanto, permanecia amarrado ao tédio. (O tédio asfixia,



Murilo, anos 40



aliás, todo o livro.) Num momento em que precisou fazer um passe salvador, o mágico falhou e continuou amarrado ao seu tédio. Uma fresta de luz, porém, se introduziu em sua vida: “Como eu amo agora as criancinhas!”.

Essa luz é o amor. Um amor que resiste a tudo, de uma fidelidade totalmente doída. É o amor do marido de Bárbara por sua mulher; um amor levado até as últimas consequências, que não se destrói apesar das piores conspirações. Bárbara apenas sabia engordar e pedir. Pede o mar, pede uma árvore, pede um navio, pede uma estrela. Seu filho, a única coisa que ela deu ao marido, foi “um ser raquítico e feio, pesando menos de um quilo”.

Ele, porém, a ama, e a serve. Não pode desprender-se, é um escravo de seu amor, um amor inexplicável, mas que o sustenta.

É sempre assim. É assim com “Alfredo”, um conto dotado de excepcional poder, um conto que marca: uma criação autêntica. Alfredo se transformou num dromedário e apenas bebe água. Seu irmão, todavia, o ama, fica-lhe fiel, seguindo-o do vale à montanha, da montanha ao vale, em busca de uma paz que não existe, que nenhum dos dois encontrou: nem o que fugiu para o fantástico, transformando-se num camelo, nem o que se amarrou à realidade, casando-se e vivendo pacatamente numa aldeia. Tudo é irremediável. O amor existe, mas não consola. Antes, é motivo para o desespero, como em “A noiva da casa azul”, onde o irremediável e a melancolia atingem o desvairamento. Um conto trágico, que dói pela força cega de uma fatalidade, de um destino mais alto, desconhecido, que dirige, de resto, todos os atos humanos. Os homens, são, por isso mesmo, condenados, como Anatólio, como José Ambrósio, que trabalhava liricamente num jornal que não circulava, que não tinha linotipos, que não tinha nada. José Ambrósio tinha apenas o seu amor por Marina, a Intangível (sempre a intangível), a sua poesia, que, ao fim de tudo, pouco vale, ou nada, ou é uma

simulação como os músicos que sopravam instrumentos silenciosos... Não há fuga. Godofredo sabe disso: “Desejava pensar no que me acontecerá amanhã e senti que a vida se repetiria incessantemente sem possibilidades de fuga, silêncio e solidão”. Godofredo muda de mulher, acontecem-lhe coisas, mas nada sabe. Sucumbe ante o desconhecido: “que inimigos seriam eles?”.

O mesmo amor, fiel até a loucura, que aparece em “Bárbara”, encontra-se também em “O bom amigo Batista”. Uma fidelidade ao ser amado que conduz ao sacrifício pessoal, a uma autofagia, mas que nunca trai. Porque é este o destino do amor, o destino de resistir inexplicavelmente a tudo, até às exigências e as traições mais absurdas.

Poderia ainda prolongar as considerações sobre o livro de Murilo Rubião. *O ex-mágico* é um livro rico, cheio de sugestões. É um testemunho artístico de nosso tempo. Um livro que espantará o leitor, e provocará a sua adesão ou repulsa. Jamais o deixará indiferente. Creio, contudo, que a adesão a esse livro já está dada. Sentimos que nele estamos empenhados, porque é um livro que procura deter, e detém, por um momento, o misterioso jogo do destino do homem, do nosso destino.

Na literatura brasileira, de onde a civilização parece ausente, *O ex-mágico* é um livro raro. Um livro que merece uma consagração e que, por isso mesmo, talvez não a obtenha... Eu, de minha parte, admiro daqui ao mineiro Murilo Rubião, pois não seria possível permanecer indiferente diante de um livro que tocou alguma coisa de essencial em mim.

Não me resta mais do que convidar o leitor a buscar esse estremecimento salutar, com a leitura de *O ex-mágico*, um livro onde, por trás de todas as aparências, se encontra uma face conhecida e obscura, misteriosa e lógica: a face do homem.

1 Artigo sobre o livro *O ex-mágico*, de Murilo Rubião, publicado no jornal *Estado de Minas* em 07/12/1947. Fonte: Acervo Murilo Rubião / Acervo de Escritores Mineiros / Centro de Estudos Literários e Culturais / UFMG.

2 Termo que designa lugares ou mundos imaginários. No caso, Otto parece fazer menção à “Terra do Nunca”, criada por J. M. Barrie em *Peter Pan*.

3 Citação da segunda estrofe do poema “Brise marine”, de Stéphane Mallarmé. Na tradução de Augusto de Campos, “Fugir! Fugir! Sinto que os pássaros são livres”.

4 Último poema do livro *Flores do mal*, no qual Baudelaire aborda o tema da evasão.

5 Primeira estrofe da primeira parte do poema, na tradução de Ivan Junqueira: “Para a criança, que adora olhar mapas e telas, / O universo se iguala ao seu vasto apetite. / Ah, como é grande o mundo à tibia luz das velas! / E na saudade quão pequeno é o seu limite!”.

6 Poços de Babel.

7 Esta tradução, provavelmente, foi feita por Otto a partir de edição em francês ou espanhol de algum livro de Kafka. Na biblioteca de Otto, hoje no Instituto Moreira Salles, do Rio de Janeiro, constam sete títulos do autor tcheco, com datas entre 1938 e 1985, sendo três em francês. Há duas traduções para este aforismo de Kafka em português brasileiro: *Contos, fábulas e aforismos*, Ed. Civilização Brasileira, 1993 (seleção de Ênio Silveira) e *Essencial Franz Kafka* – Ed. Penguin Classics Cia. das Letras, 2011, seleção e tradução Modesto Carone. Tradução de Ênio: “Não precisas sair de teu quarto. Permanece sentado à tua mesa e escuta. Não, nem mesmo escutes, simplesmente espera. Não nem mesmo esperes. Fica imóvel e solitário. O mundo simplesmente se oferecerá a ti, para ser desmascarado. Ele não tem escolha, e acabará rolando em êxtase a teus pés” (p. 121). Tradução de Carone: “Não é necessário que você saia de casa. Fique junto à sua mesa e escute. Nem mesmo escute, só espere. Nem mesmo espere, totalmente em silêncio e sozinho. O mundo irá oferecer-se a você para o próprio desmascaramento, não pode fazer outra coisa, extasiado ele irá contorcer-se a seus pés” (p. 208).

EDIFÍCIO INTERDITADO

RICARDO IANNACE

Publicada em *Os dragões e outros contos* (1965), “A armadilha” é mais um dos textos de Murilo Rubião ambientado na esfera da construção civil. Passados muitos anos, dois homens se reveem em uma pequena sala do décimo andar de edifício reservado para fins comerciais.

“Alexandre Saldanha Ribeiro.” Esse é o sintagma que introduz o conto. A personagem acaba de entrar no prédio e apresenta-se disposta a percorrer vários pavimentos: “desprezou o elevador e seguiu pela escada, apesar da volumosa mala que carregava e do número de andares a serem vencidos. Dez.”

Narrada em terceira pessoa, arma-se a história com períodos verbais curtos, linguagem concisa e rigor gramatical conhecidos ao leitor dos escritos murilianos. Breve e em fluxo direto, a intriga dispensa a digressão quanto ao porquê da chegada fortuita do cidadão ao local. O suspense e a tensão a ela confiados devem-se muito ao olhar penetrante do narrador ao sujeito de nome considerável. Assim estruturado, o enredo segue as trilhas da ficção policial, visto que o fio episódico induz preliminarmente ao contexto do crime, ao relatar uma perseguição acirrada.

A trama instaura um silêncio incômodo, que persevera, encobrendo com firme propósito o motivo da reaproximação entre Alexandre e o antagonista que o aguarda num dos compartimentos do último piso. De fato, a situação hasteada pulveriza a taciturnidade prescrita nessa área impessoal do edifício, área metaforicamente acintosa.

Narrada em terceira pessoa, arma-se a história com períodos verbais curtos, linguagem concisa e rigor gramatical conhecidos ao leitor dos escritos murilianos. Breve e em fluxo direto, a intriga dispensa a digressão quanto ao porquê da chegada fortuita do cidadão ao local. O suspense e a tensão a ela confiados devem-se muito ao olhar penetrante do narrador ao sujeito de nome considerável.

O interior é palmilhado como se percorrido em câmara lenta, como se uma máquina filmadora esquadrinhasse a engenharia, perscrutasse os objetos, medisse exaustiva e pormenorizadamente o revestimento e as peças da construção: ladrilhos tomados de “poeira” e “detritos”, maçaneta e porta “cujo

madeiramento empenara”. O “biombo” e a “mesa empoeirada” vêm identificar a saleta oculta a que se tem acesso depois de atravessada “uma porta semicerrada”; em tal recinto encontra-se o senhor de cabelos grisalhos.

A panorâmica estimula os sentidos: tanto o visual, convidativo ao tato e às sensações térmicas (“Percorreu com os olhos os móveis, as paredes”), quanto o olfativo (espaço “recendendo a mofo”, “tudo respirava bolor”) e o auditivo (das salas não “escapava qualquer ruído”, um “silêncio pesado”); afora o estado psicopatológico, que traduzirá a claustrofobia e o pânico de Saldanha. Não há dúvida de que essa torre de dez andares retém e personifica tal hesitação.

A personagem que decide subir os pavimentos, examinando precavidamente os espaços internos do prédio, apresenta a roupagem da indefinição. Quando Alexandre Saldanha Ribeiro se depara com o idoso que o espera para uma revanche de causa misteriosa, um diálogo tomado de vagas reminiscências passa a ocupar a narrativa. Um nome de mulher (Ema) é pronunciado pela figura grisalha que afirma aguardá-lo ali há dois anos, pacientemente sobre aquela cadeira, em uma mesma e única posição.

A discórdia entre homens na disputa de uma amante soa trivial no conto. Adicionem-se a isso alguns dados inscritos ao longo do trecho: Saldanha é um viajante apto na falsificação do próprio nome (é possível que atue em zonas portuárias: associa os olhos do inimigo posicionado à sua frente ao azul do mar). Tantos teriam sido os expedientes ilícitos, que ele se torna um indivíduo defensivo: a prova está no comportamento, no modo esquivo e refratário

de caminhar pelo edifício. (Cria-se-lhe à volta uma película que inspira a ilegalidade e a malfeitoria.) Sobre essas incorreções declina-se o acento da ironia.

O conto admite correspondência com gêneros de alcance popular. Nessa história, o aceno parece se direcionar seja para aventuras policiais seja para aventuras em que a contenda se cumpre entre personagens cuja rivalidade culmina com embates ameaçadores: “Preparavam-se para golpes mais fundos ou para desvendar o jogo em que se empenhavam”.¹ (E quantos não foram os duelos ao curso das narrativas folhetinescas e cinematográficas, envolvendo mocinhos e bandidos, senão bandidos e bandidos, à moda do *bague-bague*?)

Aí reside um *humour* sagaz do contista, que revisita estruturas e gêneros fartos de clichês (oriundos da indústria cultural), paralelizando-os com a categoria do fantástico. É evidente que essa fatura muriliana não prevê a inclusão do *western*. Hilário seria se Rubião dialogasse com o Velho Oeste propagado pelo cinema norte-americano, maximizado e saturadamente adaptado para HQs: xerifes, *cowboys*, prostitutas, jogatinas, álcool. A alusão – a imaginar que haja

uma alusão em “A armadilha” – é a outro segmento de histórias, aquele no qual o ajuste de contas se efetiva em perímetro urbano, em circuito onde o foragido é um gângster, conhecido na sociedade por práticas infratoras: delação, subornos, corrupção implicando altas somas de dinheiro, drogas e muito mais.

Faltam ao leitor as peças para a montagem do quebra-cabeça sobre o grau de aproximação entre essas personagens que agem no topo do arranha-céu. Deve-se perguntar se Saldanha e o grisalho teriam trabalhado como sócios (O prédio ou parte daquelas salas lhes pertencera, antes de uma suposta concordata? Ema seria, em tempo real, a esposa e a amante de qual deles? Na mala estariam escondidos dinheiro e documentos reveladores de uma conspiração? Provas de um crime... de estelionato?).

“A armadilha” convida para uma emboscada capciosa: ao nebuloso reencontro dos dois homens acredita-se a irresolução da escrita. É que na parede do edifício há um registro. Saldanha, ao subir as escadas, parou “diante do último escritório e perdeu algum tempo lendo uma frase, escrita a lápis, na parede. Em seguida passou a mala para a mão esquerda e com a

direita experimentou a maçaneta, que custou a girar, como se há muito não fosse utilizada.”²

O leitor não é participado do teor da frase. Curioso é o fato de ela aderir a um suporte que em si conduz à falácia do signo, pois a alvenaria do arranha-céu passa a mimetizar a ilegibilidade da palavra, reavivando, por extensão, o mito babélico presente no conto “O edifício”.

A narrativa reiteraria assim a recusa a todo pragmatismo verbal. A rubrica debuxada a lápis vem endossar, acima de tudo, a rasura tal como a idealiza Jacques Derrida: “elemento regulador da polissemia”, estabelecendo “uma lógica de suplementaridade na própria sintaxe em que se inscreve”.³ Rasura esta fundadora do rastro, que “escapa a qualquer apreensão, a qualquer monumentalização, até mesmo a qualquer arquivamento”.⁴ Nessa junção, o sintagma delineado a grafite, na parede do prédio, assoma-se à tessitura como nota excedente, realçada e paradoxalmente recuada – ou seja, potencializada, mas enclausurada e sufocada, a exemplo de Saldanha e do idoso dos olhos azuis, que permanecerão *ab aeterno* trancafiados na saleta.

1 RUBIÃO, Murilo. “A armadilha”. *Contos reunidos*. São Paulo: Ática, 1997. p. 155.

2 RUBIÃO, Murilo. “A armadilha”. *Contos reunidos*. São Paulo: Ática, 1997. p. 153.

3 SANTIAGO, Silviano (Org.). Verbete “Rasura”. *Glossário de Derrida*. Superv. Silviano Santiago. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976. p. 74.

4 DERRIDA, Jacques. “Outrem é secreto porque é outro”. *Papel-máquina*. Trad. Evando Nascimento. São Paulo: Estação Liberdade, 2004. p. 347.

RICARDO IANNACE

é pesquisador no Acervo de Escritores Mineiros e professor na Faculdade de Tecnologia do Estado de São Paulo. Este texto integra o livro inédito *Murilo Rubião e as arquiteturas do fantástico*, cuja publicação está prevista para o segundo semestre de 2016 pela Edusp.

MURILO RUBIÃO - O CENTENÁRIO DO MÁGICO

ESPELHO DOS ESCRITORES

HÉLIO PELLEGRINO



Murilo, em 1991

MURILO RUBIÃO – Nome de família e de notário: Murilo Eugênio Rubião. Nasceu na cidade mineira de Silvestre Ferraz, a 1º de junho de 1916. Recentemente houve choro e ranger de dentes em torno do nome dessa cidade: queriam chamá-la Carmo de Minas, apareceram os resistentes, os vigilantes, a polêmica se traduzia em oratória e agitação. Rubião, à semelhança de seu homônimo machadiano, limitou-se a olhar a enseada, isto é: entre Silvestre Ferraz e Carmo de Minas, preferiu Belo Horizonte, onde esperava viver e – num dia remoto – morrer. Estudou as primeiras letras do alfabeto em Conceição do Rio Verde; as outras, acabou de aprendê-las em Passa Quatro e Belo Horizonte, para onde se transferiu ainda criança. Fez curso secundário no Colégio Arnaldo, dirigido por padres, e aí, entre outras coisas, deixou de ser católico, embora tenha profunda vocação religiosa. Bacharelou-se pela Faculdade de Direito da Universidade de Minas Gerais no ano de 1942, e sua formatura foi comemorada com um pileque que fez época na Capital mineira. Apesar do pileque, no entanto, e dos brindes ao futuro lidador forense, não retirou da escola o seu diploma de bacharel (medo que o nomeassem o promotor, sem mais aquelas, e abertura financeira: não tinha os duzentos cruzeiros para os emolumentos de praxe). Pertence a uma família de escritores, e considera que a tradição doméstica influenciou poderosamente sobre sua vocação literária: o pai, professor Eugênio Rubião, já falecido, foi uma das mais sólidas culturas humanísticas de sua geração, tendo deixado poemas e obras didáticas: sobrinho de Álvares Cabral Rubião, contista casmurro e escorreito na linguagem; o avô paterno, flor dos Rubiões e uma das grandes admirações de seu neto, legou à posteridade dois romances completos e um volume de memórias que se perderam numa inundação. Começou a escrever aos 16 anos, sob o signo das musas. Seus primeiros dois livros (de poesia) foram dedicados a uma namorada. Acabou perdendo a namorada, como sói acontecer nessa idade, e rasgou os livros (sem que dessa ação guarde o menor remorso). Aos 21 anos, encontrou a ficção, passando a considerá-la desde essa época como o seu único instrumento expressivo. Autor que mais contribuiu para a sua formação literária: Machado de Assis (chegou a ler vinte vezes as *Memórias Póstumas de Braz Cubas*, numa descoberta permanente de valores sintáticos e estilísticos). Deve muito a Guy de Maupassant e o considerava como o fundador do conto moderno. Acontecimento mais importante de sua vida: a revelação que teve a Bíblia, lendo o Eclesiastes. Aí, como correr dos tempos, pôde compreender o seu próprio destino e o destino



humano. Homens que mais o ajudaram em suas pesquisas interiores: Carlos Drummond de Andrade, através da poesia e seu avô paterno, através da presença e do carinho. Respeita muito as manchetes dos jornais e acha que os rumos do mundo dependem daqueles que o frequentam, desde Ademir e Eisenhower e Malenkov. Virtude que mais preza um homem: a mansidão. Na mulher, a bondade (nos dois sentidos). Embora não seja ainda católico, erigiu os dez mandamentos como tábuas de valores éticos, e tem grande fé em Nossa Senhora. Em matéria política, chegou a Chefe de Gabinete do governador Juscelino Kubitschek. Não se considera, no entanto, homem público, e sempre foi levado ao terreno da controvérsia cívica por razões sentimentais: amigos,

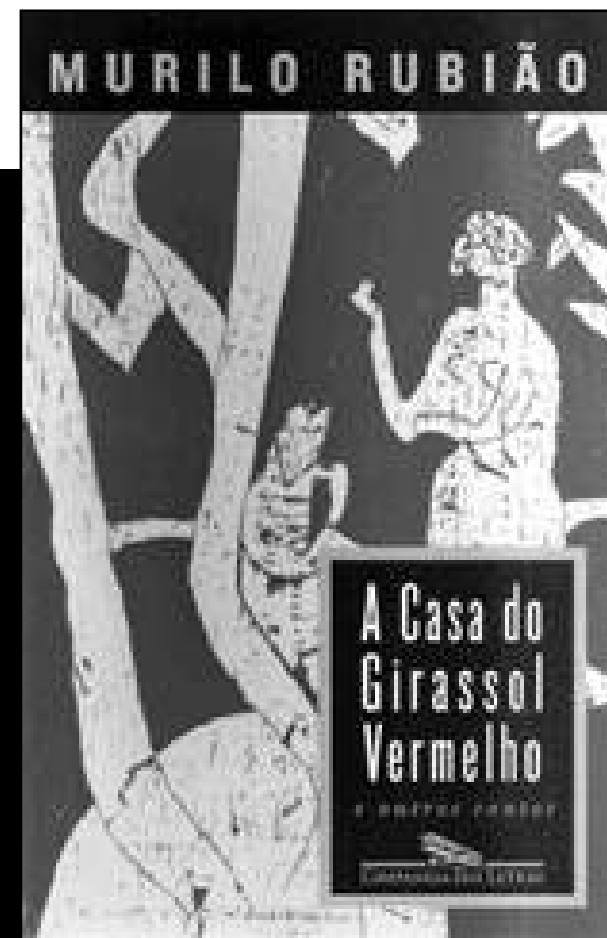
gratidão, vontade de servir. Publicou dois livros de contos, ambos da maior importância: *O Ex-Mágico* e *Estrela Vermelha*. Espera completar, até o fim de sua vida, mais três livros: *Os Dragões*, contos; *O Esgoto* e *A Viagem*, novelas. Coisas que mais gosta: sossego, bate-papo com amigos (poucos), cuidar de plantas. Tem horror aos cacetes, ao canto da araponga e aos elogios convencionais. É celibatário convicto, embora ache ótimo casamento dos outros. Admira muito as mulheres que trabalham no cinema, pois são as que menos lhe dão cuidado: Marilyn Monroe (é fanático), Greta Garbo (no passado), e todas as Pampanini da equipe italiana. Tendo vivido 38 anos, não se considera apto a resumir numa frase a síntese de que o mistério ainda é a realidade por excelência. Tem medo de

morrer e, à sua experiência vital, declara-se um perplexo, um admirado permanente, para semelhança de Tolstoi, acha que a morte é o grande problema da vida. Considera Franz Kafka seu irmão “na carne como nos domingos”. Tem várias pequenas manias, entre as quais avulta o seu hábito de colecionar cartas, mesmo as mais insignificantes e tudo o que se relaciona à sua pessoa. Se não fosse escritor, gostaria de ser tratador de animais ou jardineiro. Comprou casa na Serra, em Belo Horizonte, mora sozinho, bebe por prazer e sabe oferecer aos amigos os melhores almoços mineiros da província. Acabará católico, praticante e comungante.

Texto publicado na *Revista da Semana*, edição de 23 de janeiro de 1954.

HÉLIO PELLEGRINO

mineiro de Belo Horizonte, foi psicanalista, escritor e poeta.



O MÁGICO DESENCANTADO OU AS METAMORFOSES DE MURILO

DAVI ARRIGUCCI JÚNIOR

A descoberta não me espantou e tampouco me surpreendi
ao retirar do bolso o dono do restaurante.

(Murilo Rubião - "O Ex-Mágico da Taberna Minhota")

O PALCO DA MÁGICA

Ainda hoje, pouco se pode acrescentar à apreciação crítica formulada por Álvaro Lins a propósito de *O ex-mágico* (1947), estreia de Murilo Rubião. Numa leitura rigorosa e exata, o crítico reconhecia o talento e a originalidade desse contista mineiro no âmbito da literatura brasileira, mas apontava também as imperfeições que minavam a realização plena do escritor.

Do ponto de vista da originalidade, o juízo é facilmente verificável. Pensada contra o quadro geral de uma ficção lastreada sobretudo na observação e no documento, escassa em jogos de imaginação, a narrativa fantástica de Murilo surge duplamente insólita. Ao contrário do que se deu, por exemplo, na literatura hispano-americana, onde a narrativa fantástica de Borges, Cortázar, Felisberto Hernández e tantos outros, encontrou uma forte tradição do gênero, desde as obras de Horácio Quiroga e Leopoldo Lugones ou mesmo antes, no Brasil ela foi sempre rara. Contam-se nos dedos os exemplos do tipo dos *Demônios*, de Aluísio de Azevedo, ou do *Assombramento*, de Afonso Arinos, ou ainda do conto propriamente estranho, como *O Bugio Moqueado*, de Monteiro Lobato. E todos eles estão muito longe da concepção moderna do fantástico. O voo imaginativo do Modernismo voltou-se para outras direções, como se vê no Macunaíma e na prosa radical de Oswald. Somente com Guimarães Rosa se adensa a exploração do imaginário, mas também aqui numa dimensão diversa, de modo que, na verdade, se está diante de uma quase completa ausência de antecedentes brasileiros para o caso da ficção de Murilo, o que lhe dá a posição de precursor, em nosso meio, das sondagens do suprarreal.

Mas, como observou ainda Álvaro Lins, independentemente de qualquer influência direta, a criação insólita de Murilo mantém, fora de nossos limites,

um estreito parentesco com o mundo ficcional de Kafka, compartilhando com ele, pelo menos a construção lógica do absurdo. Num ensaio de *Situations*, I, em que elabora uma teoria do fantástico, Sartre mostra a desvantagem que leva, mesmo um escritor como Maurice Blanchot, quando comparado a Kafka. Sem fazer comparações massacrantes é, no entanto, precisamente a partir do paralelo com Kafka que Álvaro Lins começa a fazer objeções à arte de Murilo. Essas objeções podem ser traduzidas no que seria uma espécie de impotência da mágica do nosso artista, que não consegue realizar completamente a alquimia transfiguradora do real. Ou, nos termos do próprio crítico: “Entre os dois mundos, o real e o suprarreal, ficou sempre, em *O Ex-mágico*, alguma coisa perturbando o estado emocional da ficção, de modo que permanecemos insatisfeitos quanto aos resultados, que, no caso, não devem ser apenas literários, também psicológicos e humanos, de modo geral”.

Ora, no conto “O Ex-mágico da taberna minhota”, um dos aspectos temáticos centrais é exatamente esse: o do sentimento de impotência que experimenta um mágico desencantado por “não ter realizado todo um mundo mágico”, antes de ter seus poderes emperrados pela burocracia. A objeção do crítico está contida no próprio texto; é tema da narrativa. Esta pode ser lida, então, como um discurso voltado também para o problema da sua própria estruturação, fazendo supor uma consciência lúcida quanto às dificuldades e, no limite, quanto à sua própria impotência para se realizar de forma completa. Contos como “Marina, a intangível” ou *O Edifício* demonstram que é frequente em Murilo essa visão nítida das margens da aspiração criadora e, por isso mesmo, quando ele arrisca o salto, medindo a queda, toca, com a discricção de sua linguagem, uma das dimensões da modernidade literária. Essa vigilância crítica numa terra em que os contistas, sem qualquer mágica e sem perceber, se multiplicam como coelhos,

tantas vezes tão esterilmente, resguarda, para além das deficiências, uma originalidade mais funda, que merece análise. Talvez aqui se ache o ponto de partida para uma releitura de Murilo Rubião e algo para acrescentar à visão do crítico que soube vê-lo tão cedo e com o olho agudo de mestre do ofício.

A MULTIPLICAÇÃO DOS COELHOS

A crítica de Álvaro Lins deixava à mostra o caráter tenaz das imperfeições de Murilo, que continuavam desafiando até mesmo uma busca acirrada da perfeição, como parecia ser daquele autor que havia reelaborado sem cessar os seus contos, antes de enfeixá-los no primeiro livro.

De lá para cá, o contista publicou pouco: *A estrela vermelha*, em 1953; *Os dragões e outros contos*, em 1965; algumas narrativas esparsas, em suplementos literários. E tem anunciado uma nova coletânea: *O convidado*. No conjunto dessa produção exígua, se percebe sempre a tendência para a reelaboração insistente dos mesmos contos, que vão e voltam em vários livros. De certa forma, Murilo continua refazendo-se, como se, para ele, escre-

ver fosse fundamentalmente reescrever. As variantes estilísticas desse vaivém invariável poderiam interessar de imediato, se não fosse aqui mais importante o próprio ato de modificar, com que nele se identifica a operação de dar forma. Escassa e vigiada criticamente, a obra remói sobre si própria, multiplicando-se, ao mesmo tempo, se moderando: em suma, modificando-se, no sentido estrito do termo, que implica alteração e limite. O método de composição de Murilo parece envolver um paradoxo: estende o texto para restringi-lo; amplia-o para concentrá-lo. Assim, seu discurso narrativo muda de forma tenazmente, sem inventar nada de substancialmente novo, com relação ao ponto de partida. No extremo, a esterilidade ameaça roer suas modificações.

Uma rápida olhadela sobre os seus contos revelará que a modificação, ou seja, a metamorfose é também um dos temas obsessivos desse contista sempre insatisfeito. Na verdade, ela é, aqui, uma espécie de matriz temática onde se desenvolvem as diferentes transgressões características da literatura fantástica: as rupturas do princípio de causalidade, do tempo, do espaço, da dualidade entre sujeito e objeto, do próprio ser. Assim, em *Teleco*, o coelhinho, ela é vertiginosa e patética: o animalzinho vira tudo, assume até formas grotescas e terríveis, mas só consegue cumprir o seu desejo de se tornar homem, ao se transformar, por fim, numa criança morta. Ela é a multiplicação insatisfatória de mulheres e desencantos num conto bem realizado como *Os três nomes de Godofredo*. É “Alfredo”, a fera, o porco, o dromedário, o irmão dos olhos ternos e áspera língua que acompanha o vaivém de um narrador cansado. É ainda a transmutação policrômica de *O pirotécnico Zacarias*. Parece estar implicada até na onivoracidade de *Bárbara*, que tudo deseja e tudo incorpora, transformando-se, grotescamente,

O mágico não se move, como o mago propriamente dito, por uma ânsia de posse e domínio da realidade; ele é, antes de tudo, um hábil manobrador da ilusão, o mago degradado ao palco de espetáculos, poderoso bastante para se esquivar dos olhos atentos e encantar os homens. Mas, com eficácia, sua arte se rodeia ainda de ressonâncias fantásticas e fascinantes. Ilude os olhos e quebra a banalidade repetitiva da existência: da cartola, de repente, os coelhos e o espanto.

numa gorda monstruosa. Os exemplos também se multiplicam.

No conto *O Edifício*, torna-se quase ostensiva a identificação metafórica, latente em outros textos, entre o processo de estruturação da narrativa e a metamorfose. A construção infundável de um “absurdo arranha-céu”, a que sempre é possível acrescentar novos blocos, pode ser entendida também como uma alegoria da própria construção ficcional que se está lendo. O desenvolvimento do prédio é, até certa altura (do prédio e do conto), ameaçado pelos riscos de paralisação das obras, o que, implicitamente, representa ainda uma ameaça de detenção do relato, que acompanha a transformação do seu objeto, a ponto de ser construído pela junção de pequenos fragmentos unitários de texto. Passado o momento do perigo para o prosseguimento indefinido da construção, ocorre uma fantástica e irônica rebelião dos meios contra os fins (na qual Sartre vê a base do fantástico contemporâneo): o próprio engenheiro-construtor, vencido pelo tédio, já não consegue deter o processo; os operários se recusam a interromper o trabalho e chegam mesmo a acelerá-lo, ao ouvir as belas imagens dos discursos feitos para desanimá-los. O

discurso ficcional também se coaduna com o princípio de construção do edifício: o conto, onde parece ecoar o mito do aprendiz de feiticeiro, permanece ironicamente aberto para um contar inacabável: enquanto o edifício ganhar altura. A invenção fantástica cria, assim, um movimento ininterrupto; em compensação, esse movimento é condição necessária do conto (de qualquer narrativa): se parassem as obras, se o edifício não se modificasse... A modificação burla o impasse.

Ora, o modificador por excelência é o feiticeiro, ou ainda, na sua versão circense, o mágico, senhor do poder de metamorfosear o mundo. O mágico não se move, como o mago propriamente dito, por uma ânsia de posse e domínio da realidade; ele é, antes de tudo, um hábil manobrador da ilusão, o mago degradado ao palco de espetáculos, poderoso bastante para se esquivar dos olhos atentos e encantar os homens. Mas, com eficácia, sua arte se rodeia ainda de ressonâncias fantásticas e fascinantes. Ilude os olhos e quebra a banalidade repetitiva da existência: da cartola, de repente, os coelhos e o espanto. O processo analógico que, na ficção de Murilo, vincula a estruturação da narrativa à transformação fantástica, parece culminar nessa figura do gerador do espanto. Pela metáfora – metamorfose literária por excelência –, o mágico se converte na própria imagem do artista.

Se, porém, como se vê em “O Ex-mágico da taberna minhota”, a mágica é compulsiva, o insólito se transforma, aos olhos do artista, no banal. O fantástico, se vira regra, também cansa: para o mágico, a contragosto, tirar coelhos do bolso sem parar é o tédio. Como o engenheiro-construtor de “O edifício” –, ele já não pode deter o movimento que ele próprio gerou, e apenas lhe resta entediar-se.

Quem, na aparência, tem poderes para modificar o mundo, só não tem o poder de sair dele: não tendo, misteriosamente, origem como os outros, tampouco tem fim: é puro vaivém, transformação inócua no circo de si mesmo. A sua rotina é tão absurda quanto o sem sentido da outra, simbolizada na petrificação da burocracia. Movendo-se sempre no círculo fechado do extraordinário, sem conseguir criar de fato todo um mundo mágico, esse mágico desencantado perdeu exatamente a capacidade para sentir o que deveria criar: o espanto.

O ESPANTO CONGELADO

Como em Kafka, o que primeiro pode espantar o leitor de Murilo é que suas personagens principais, a exemplo do ex-mágico, não se espantam nunca, apesar do caráter insólito dos acontecimentos que vivem ou presenciam. A consideração natural de fatos sobrenaturais, essa espécie de paralisação da surpresa, certamente encontrará um eco oposto em quem lê desprevenido: o susto e, logo, a desconfiança de ser objeto de burla, vítima do ilusionismo do mágico. Ou então, o assombro será, como sempre, o começo da busca do sentido.

O primeiro impulso, facilitado pela transparência quase jornalística da linguagem, será, como em "O edifício", para uma leitura alegórica, um desdobramento do texto num conteúdo subjacente, que o transformará em mensagem parabólica, estimulada pelas constantes epígrafes bíblicas. Mas esse caminho não será o único dos caminhos, ou não levará senão ao tédio, como o do mágico para quem o insólito virou rotina. A insistência nele eliminará precisamente o estímulo da viagem, a presença desafiadora do fantástico, um imaginário que não se deixa traduzir, exigindo, pela sua ambiguidade, a deslocação inquisitiva e renovada do olhar.

É preciso ler literalmente, acatar as regras do jogo, fixando a atenção na própria construção do enredo. E, já que se parte do assombro e de Aristóteles, atentar para o próprio mythos, a fábula tramada numa totalidade coerente e significativa, cuja vinculação com os arquétipos míticos é explicitada pelas epígrafes bíblicas. Que função terá o fantástico na constituição das fábulas de um mágico roído pela rotina do desencanto?

O fantástico, como tudo, se rotiniza. Mas, sem ele, como inventar? Como, sem romper o ramerrão com a modificação inesperada, fazer fluir a fábula? A arte do mágico parece ser a de esconjurar a esterilidade sem sentido do mundo e propiciar a germinação do conto. O seu discurso, em que o desejo parece ter livre passagem, vencidos os obstáculos pelas modificações fantásticas, realiza uma trajetória abstrata e desligada das obrigações da verossimilhança realista. Próximo do mito, a sua transformação constante instaura o reino insólito onde tudo pode acontecer, mesmo as coisas mais absurdas. Em "Marina, a intangível", o escritor, após fechar a Bíblia, repertório inesgotável de todos os argumentos, se vê paralisado diante da folha em branco. E, então: "Para vencer a minha esterilidade, arremeti-me com fúria sobre o papel, disposto a escrever uma história, mesmo que fosse a mais absurda já imaginada por alguém". O conto absurdo que se acaba lendo torna-se o sucedâneo de outro, que permanece intangível. As modificações fantásticas tornam-se peripécias estratégicas, malabarismos, prestidigitacões, enfim, espanto para o leitor. O conto, mediante a pirotecnia, é resgatado da paralisia do branco: desdobra-se no devaneio do arco-íris. Está pronto para ser reescrito.

O fantástico, como tudo, se rotiniza. Mas, sem ele, como inventar? Como, sem romper o ramerrão com a modificação inesperada, fazer fluir a fábula? A arte do mágico parece ser a de esconjurar a esterilidade sem sentido do mundo e propiciar a germinação do conto. O seu discurso, em que o desejo parece ter livre passagem, vencidos os obstáculos pelas modificações fantásticas, realiza uma trajetória abstrata e desligada das obrigações da verossimilhança realista.

DAVI ARRIGUCCI JÚNIOR

Paulista de São João da Boa Vista, é professor aposentado da USP, onde se graduou em Letras com ênfase em Teoria Literária. É autor de mais de uma dezena de livros de ensaios.

Operário dos sonhos e das palavras

RUI MOURÃO

Portador de uma gagueira residual satisfatoriamente dominada, que o deixou apenas a engolir na fala o r ou com um arranque verbal atropelado quando nervoso ou perplexo diante do assalto de alguma surpresa, Murilo Rubião se plantou dentro do mundo com absoluta reserva. Essa seria a base definitiva da sua personalidade, dotada de cautela, vigilância constante, disciplina sustentada, rigor de comportamento moral inabalável. Com ele não havia tergiversações, só certezas.

Foi dessa cepa que nasceram seus contos somando, pode-se dizer, dois livros publicados e republicados, publicados desmembrados, publicados e republicados em unidades separadas. Vivendo na segregação mineira, onde não se conta com as possibilidades de divulgação nacional do eixo Rio-São Paulo, tinha consciência do valor do que fizera e procurava — por conta própria distribuindo volumes a pessoas importantes no país — dar oportunidade a cada peça de ser lida por admiradores fieis e ser exposta aos olhos e à atenção de surpreendidos novos apreciadores.

Essa insistência em reaparecer em público era acompanhada da militância de revisões nunca dadas por terminadas, porque nunca estava satisfeito com sua extenuante busca de um ideal de pureza definitiva. Sabia que no ato da concepção havia vislumbrado o belo, mas sempre considerava que a comunicação com o leitor estava permanecendo

aquém do desejado. Trabalhando dessa maneira, buscando clarear o campo para permitir que aquilo que enxergava na sua solidão interior se tornasse de mais fácil acesso, não entendia como pesquisa de linguagem essa angustiada procura por melhor comunicação. Disse-me uma vez: "O que faço enquanto conteúdo é tão confuso, estranho e complexo, que não posso complicar ao nível da expressão". A língua portuguesa que desejava utilizar era a mais corrente, de uso de toda gente. O ideal para ele seria conseguir operar com a limpeza, a transparência dos clássicos. Sua leitura mais praticada, no Brasil, sempre foi Machado de Assis. Não gostava de se ver arrolado como pertencente à família kafkiana. Ficou muito satisfeito quando escrevi um artigo, publicado neste *Suplemento*, tentando caracterizar seu realismo mágico como originário do delírio do personagem-narrador de *Memórias póstumas de Brás Cubas*.

Nada difícil entender o processo criador de Murilo Rubião. A inspiração de nova estória surgia quase na forma de um susto. Mero vislumbre que passaria a se impor com o passar dos dias. O núcleo distante desejoso de se impor ganhava perspectiva, evoluía para se transformar, no último estágio, em luminosa flor. No desenrolar daquele processo, a concentração do criador se fazia absoluta. Sua atenção se mostrava capaz de aguentar qualquer necessidade de espera. Tudo se passava no interior da subjetividade. Nada de nota em papel, nada de pensar com palavras. Só emoção, só visão subjetiva. Só

a estrutura imaginada se abrindo, sendo corrigida, sendo por partes substituída, complementada nos mínimos detalhes. Dentro de um processo emocional que, de etapa em etapa, se revia com relação ao todo. Dando por terminado o processo, julgando o produto completo e perfeito, surgia o momento de transposição para o papel. Ocorria então transtorno de grande monta.

A língua, com seu vocabulário, suas exigências gramaticais, contaminava inteiramente a estória. Em meio a destroços, um sonho frustrado. Diminuído, muito distante do pretendido. Tinha lugar o verdadeiro terror de trabalhar em cima do papel, tentar fazer com que a invenção que brilhava na subjetividade conseguisse manter cá fora a mesma qualidade. Isso não apenas para satisfazer a si próprio. Sabia muito bem, a literatura não passava de uma linguagem transitiva. Ela só se completava quando dirigida a terceiros. Tornava-se imperioso fazer com que o leitor fosse tocado da mesma maneira que ele no ato da criação, recebendo em cheio, sem nenhuma perda, o que no seu desvão interior somava emoção, memória e avaliação. Houve certo conto que levou vinte anos para ser considerado em condições de poder aparecer em público.

A luta com o texto se converteu em cotidiana tortura. Cuidando da revisão interminável, mesmo do que já havia sido publicado ou republicado mais de uma vez. Essa é sem dúvida a explicação plausível para o fato de um ficcionista tão importante, tão

talentoso, ter deixado obra tão diminuta. Sempre insatisfeito, sempre achando que fosse necessário melhorar, ele cortava e substituía, limava e soprava. Certa vez foi a Brasília, convidado para participar de um congresso literário. No retorno, perguntei-lhe sobre o que de importante se passara no encontro. Ele respondeu: "Não posso dizer. Não desci para participar de uma única reunião. Estive o tempo todo no quarto, revisando o texto de *O Ex-mágico*, para reedição". Nessa fase de trabalho, ele costumava pedir ajuda a outros escritores, na esperança de obter contribuição para ir além do que suas forças permitiam. Ele se ajeitava muito com Mário Garcia de Paiva, também contista, especialista em depuração linguística. Tais iniciativas na verdade não logravam qualquer resultado mais efetivo no sentido de satisfazê-lo, pois as correções sugeridas se limitavam apenas a eliminar

repetições, buscar a palavra essencial, ritmar a fluência da frase e assim por diante. O que sonhava atingir era de fato inatingível. Tenho certeza, ele morreu sabendo que fora vencido na sua impossível campanha, no fundo de puro preciosismo. Nunca conseguiu ver no papel aquilo que se casasse de maneira absoluta com o muito, o brilhante, o insubstituível que imaginara em suas elucubrações cerebrais. Naturalmente porque o imaterial que se projeta no plano do sonho não pode ser reproduzido na sua inteireza no plano da realidade exterior, onde tudo se apresenta concreto e perecível.

Esse foi Murilo Rubião, exemplar escritor mineiro e brasileiro, cuja obra será lida pelo tempo que durar a eternidade da nossa cultura. Seu centenário está sendo lembrado pelo Suplemento Literário, que foi por ele criado e acabou se consagrando como

celeiro de uma geração, principalmente de contistas, que avançaram para a maturidade sabendo honrar os princípios de seriedade e honestidade intelectual que lhes foram repassados. O inspirador de todos, autor de obras primas que vai conquistando cada vez mais leitores é o vitorioso que se realizou em proporções muito além do que sua modéstia e seu idealismo sem limites não lhe permitiram enxergar. Um advogado de Ouro Preto, nosso conhecido comum, que ficara sabendo da sua morte pelos jornais, perguntou-me: "Ele deixou fortuna?" Diante da indagação julgada por mim sem sentido, não respondi da forma que desejava. Murilo Rubião, profissional da arte da escrita, que se refugiava até na bebida para vencer períodos de insegurança, deixou um patrimônio que, de tão valioso, honra não apenas seu círculo familiar, mas o conjunto da nação brasileira.



Murilo discursa entre Emílio Moura e Fritz Teixeira de Salles.

RUI MOURÃO

mineiro de Bambuí, substituiu Murilo Rubião na direção do SLMG em 1969. É autor de uma dezena de romances e de ensaios literários e artísticos. Atualmente é Diretor do Museu da Inconfidência.

CONTOS DE MURILO RUBIÃO

ÁLVARO LINS

No que diz respeito aos livros de contos, como aos de poemas, o mais comum é que não tenham unidade substancial, sobretudo quando de autores jovens. Geralmente, eles são feitos em épocas diversas, e esse intervalo fica assinalado, em cada um deles, por diferentes estados de espírito, preocupações variadas, influências de momento. Os contos se diferenciam assim, uns dos outros, pela orientação e tratamento dados aos assuntos, ainda mais pela composição e pela técnica. Deste modo, eles são mais coletâneas do que propriamente livros, no que estes, como obras, devem significar em unidade substancial e formal. É raro um livro de contos em que todas as peças sejam convergentes, ligadas no final, por efeito de uma concepção uniforme do autor, que signifique ao mesmo tempo uma maneira única de tratar os seus temas e uma forma de construção lançada sempre com as mesmas bases e objetivos. Esta é sem dúvida a primeira qualidade de *O ex-mágico*, livro de contos do sr. Murilo Rubião, escritor mineiro. Trata-se de uma obra de estréia, mas na qual o autor, segundo fui informado, trabalhou durante vários anos, fazendo e refazendo os contos, que têm não só unidade, mas um caráter pessoal e inconfundível. Não me parece que o sr. Murilo Rubião tenha realizado plenamente a maneira de ficção que idealizou, nem que tenha atingido todos os fins visados, mas devemos estimá-lo e admirá-lo, antes de tudo, por essa circunstância de ter levantado para si próprio um tipo particularíssimo de realização artística e de se haver mantido conscientemente dentro dela, aliás, com bastante originalidade e talento.

Ele não procurou uma fácil forma de expressão, nem ficou a lidar com elementos já vistos e explorados. Buscou um caminho novo e soluções próprias. Se não está dotado de uma originalidade absoluta no sentido universal, o livro do sr. Murilo Rubião representa, no Brasil pelo menos, uma novidade, com um tratamento da matéria ficcionista que não me fora dado ainda encontrar em qualquer dos nossos autores. Não vamos cometer o exagero de proclamar que o sr. Murilo Rubião é o nosso Kafka, mas indicar que esse tipo de ficção, dentro do qual ele se colocou, está representado no plano universal, e da maneira mais perfeita, pela obra de Kafka. Já afirmou o sr. Murilo que não sentiu nenhuma influência direta de Franz Kafka, pois só veio a ler o tchecoslovaco genial depois de haver escrito *O ex-mágico*, e não temos motivo para duvidar da sua declaração. Pouco importa: não estamos definindo uma influência, mas sugerindo apenas uma aproximação no que diz respeito a uma determinada concepção do mundo, geradora por sua vez de uma concepção artística, que lhe é correspondente.

É verdade que sob muitos aspectos os contos do sr. Murilo Rubião nada têm a ver com os de Kafka, mas será razoável aproximar o autor brasileiro do autor universal no seguinte ponto de partida: o tratamento como que objetivo e exato do imaginário; a criação de um mundo que, embora com as mesmas coisas e pessoas do nosso mundo, difere deste quanto às situações de movimento, tempo e causalidade; a apresentação deste outro mundo de forma a colocar o leitor em estado de vertigem ao ponto de levá-lo a sentir que aquela criação supra-real é que tem verossimilhança e mesmo verdade, enquanto o nosso ambiente visível e sensível fica sendo, aos seus olhos, transfigurados pela ficção, uma realidade inverossímil e mesmo falsa. Em síntese: é o “absurdo” que o autor constrói e impõe como o “lógico”. E neste último ponto, o mais importante e decisivo, é que me parece

ainda falho e incompleto o sr. Murilo Rubião; nem ele consegue, como autor, essa transfiguração, essa transposição de planos, nem consegue naturalmente lançar nela o leitor. É como se disséssemos que o escritor mineiro construiu o seu mundo estranho de ficção, mas sem conseguir animá-lo de toda a atmosfera extracomum que lhe é própria e característica. Entre os dois mundos, o real e o supra-real, ficou sempre, em *O ex-mágico*, alguma coisa perturbando o estado emocional da ficção, de modo que permanecemos insatisfeitos quanto aos resultados, que no caso, não devem ser apenas literários, mas psicológicos e humanos de modo geral.

Depois da leitura de dois ou três contos do sr. Murilo Rubião, é possível que alguns leitores indaguem: não haverá nestas páginas, ao lado do delírio poético perfeitamente legítimo explicável, um pouco de mistificação? Não, nenhuma mistificação por parte de um autor que sentimos sempre consciente e honesto dentro da sua arte. Apenas, em vários contos, o sr. Murilo Rubião não convence quanto ao problema de tornar lógico o absurdo. O leitor fica, então, perfeitamente frio e indiferente diante de contos como “O ex-mágico”. “O pirotécnico Zacarias” ou “Bárbara” da série intitulada “Mulheres”. Os dois primeiros são engenhosos, curiosos, mas sem intensidade psicológica, enquanto o último é apenas pitoresco e de um pitoresco de mau gosto. É o perigo do tipo de ficção adotado pelo sr. Murilo Rubião: que a alucinação poética, não sendo completa, transmita como resultado apenas o pitoresco, o gracioso, a mágica descoberta pelo leitor. Usemos uma comparação sugerida pelo próprio título do livro do sr. Murilo Rubião. Sabemos que é uma “ilusão” a realidade criada pelos mágicos, mas não nos lembramos dessa circunstância quando o seu trabalho tem integridade e perfeição. Temos a idéia de todo um mundo que desaba, porém, quando descobrimos o segredo ou o artifício das transformações mágicas. Sendo muito inteligente, cético, racionalista e lúcido, o sr. Murilo Rubião como que desdobra todo o seu jogo ao olhar do leitor, deixando-o às vezes desencantado. Isto decorre também da circunstância de não ser bastante forte e poderosa a capacidade de interiorização do autor, o que seria de todo necessário ao seu tipo de ficção. Falta-lhe justamente aquela “mística sem Deus” que caracteriza a obra de Kafka, segundo uma expressão que encontro citada em ensaio do sr. Carlos Burlamaqui Kopke.

Mas há alguns contos de *O ex-mágico* que estão excelentemente construídos e realizados, como peças literárias, sem levarmos em conta, para aferições, um tipo especial de ficção. Um deles, por exemplo, é “A noiva da casa azul”; outro da mesma qualidade é “Os três nomes de Godofredo”. São contos estes, como vários trechos de outros, que caracterizam o sr. Murilo Rubião como uma personalidade de escritor, ainda em busca de certos recursos de concepção e realização, mas já consciente e aparelhado na sua arte com assuntos nada convencionais e uma forma verbal que, sendo muito simples e discreta, não deixa de ter senso estético e bom gosto.

ÁLVARO LINS (1912-1970)

pernambucano de Caruaru, foi jornalista, professor, crítico literário e membro da Academia Brasileira de Letras. Texto publicado no “Correio da Manhã”, no dia 2 de abril de 1948.

FOGOS DO ALEM

SÉRGIO SANT'ANNA

Escreveu Jorge Luis Borges no conto "O Aleph", na primeira pessoa de um narrador que Borges, ironicamente, assume em grande parte como ele mesmo, aqui citado na tradução de Flávio José Cardozo, para a Editora Globo:

Na ardente manhã de fevereiro em que Beatriz Viterbo morreu... observei que os painéis de ferro da praça Constitución tinham renovado não sei que anúncios de cigarros vermelhos; o fato me desgostou, pois compreendi que o incessante e vasto universo já se afastava dela e que essa mudança era a primeira numa série infinita.

Por ironia, da qual, com certeza, Borges não era inocente, tanto o autor, falecido em 1986, como a personagem adorada e o próprio conto estavam destinados à imortalidade. Na série infinita de mudanças de pessoas e gerações permaneceriam eles, Borges, Beatriz e "O Aleph", cumprindo aquilo que Ezra Pound distinguia nos clássicos, em seu *ABC da Literatura*: uma certa juventude eterna e irreprímível.

Murilo Rubião morreu, aos 75 anos, em setembro de 1991 e, como Borges, evitando-se comparações de valor, não estacionou no limbo do esquecimento, estágio que costumam cumprir muitos escritores — alguns para sempre, outros para ressurgir adiante.

Para escrever esta homenagem a Murilo, representado por seu livro *O Pirotécnico Zacarias*, me valho de sua 19ª edição, publicada pela Editora Ática, em janeiro de 1998. A obra de Murilo, portanto, continua viva.

Evidentemente, não foi nada casual a citação de Borges em prefácio de um livro de Rubião, pois

ambos cultuaram o fantástico e escreveram, como ficção, apenas contos, exigindo de si mesmos um apuro máximo, tendo em vista a economia de um gênero em que, escrevendo-se menos, acaba-se por obter mais e melhor.

Falando de Murilo, sempre haverá, também, a lembrança de Kafka e seus magistras romances e contos do absurdo, à falta de outro termo. Mas foi o próprio Rubião, em entrevista que abre a citada edição de *O Pirotécnico*... quem declarou que só veio a saber de Kafka em 1943, por uma carta de Mário de Andrade, quando já havia escrito a maior parte dos contos de *O Ex-mágico*, publicado em 1947. A afinidade com Kafka, segundo Murilo, podia se dever à influência do Velho Testamento e da mitologia grega. "O que seriam" afirmou ele "a Metamorfose e Teleco senão a reinvenção do mito de Proteu, pastor do rebanho marinho de Netuno, que por detestar predizer o futuro, dom que lhe fora concedido, transformava-se em animais para não o fazer?" Quanto a influências reais, Murilo citou autores como Henry James, Edgar Allan Poe, Pirandello e outros, mas, principalmente, Machado de Assis. Para quem, como eu, acredita que os nomes das pessoas influenciam sua personalidade, não custa sugerir que essa influência maior poderia ter-se dado, pelo menos em parte, pelo nome Rubião, o mesmo de um personagem de Machado, em seu *Quincas Borba*.

Mas, afinal, quem foi o homem e escritor Murilo Rubião, se é possível enfeixar uma personalidade rica como a sua em algumas páginas?

Como tive a satisfação de gozar de alguma convivência com Murilo, vou usar um pouco da memória; mais um pouco de material crítico e jornalístico cedido pelo amigo comum Humberto Werneck, autor de um saboroso e elegante livro sobre jornalistas e escritores em Minas Gerais: *O desatino da rapaziada* (Companhia das Letras, 3ª reimpressão, 1998.) E, finalmente, tentei refletir um pouco sobre um livro dele que me foi confiado para prefaciá-lo, num borgeano volume constituído só de prefácios.

Murilo era um homem de faces distintas e complementares, e, por favor, não me acusem de acaciano, antes de verem onde quero chegar. De um lado, era o funcionário público exemplar, pois sempre dava o melhor de si em tudo o que fazia, o que levou o então governador de Minas, Juscelino Kubitschek, a nomeá-lo chefe de seu gabinete, em 1952. Depois, em 1956, exerceu por quatro anos o cargo de Adido junto à Embaixada do Brasil na Espanha, berço de surrealistas, o que me leva a pensar se tal fato não influenciou em sua decisão de aceitar o cargo, ou se foi um acaso necessário, tão ao gosto dos mesmos surrealistas.

De todo modo, o importante a apontar é que, embora trabalhando e organizando serviços públicos, em vários cargos — dentro dos ternos e gravatas, e, na juventude, até chapéus, como se fosse um daqueles homens pintados por Magritte — Murilo trazia dentro de si o destruidor da lógica aparente da vida social. Como se fosse o pacífico cidadão durante o dia, para, de noite, debruçado sobre páginas,

tornar-se o mágico pirotécnico fabricando seus fogos e bombas.

Em 1966, a mão esquerda e a direita de Murilo – uma espécie de machadiano abstracionista, – se juntaram para fundar o Suplemento Literário do "Minas Gerais", encartado, aos sábados, no órgão oficial do governo de Minas, muitas vezes para que seus colaboradores contrariassem e até sabotassem a ideologia oficial, o que deu margem a inúmeros conflitos, e isso, vejam bem, em plena ditadura militar.

A dupla face de Murilo se manifestava, também, ao final de cada tarde, quando, já ocupando a chefia do Departamento de Publicações da Imprensa Oficial, atravessava a avenida Augusto de Lima para adentrar a galeria do edifício Arcângelo Maletta e sentar-se à mesa do Lua Nova, botequim dos mais chifrins, onde se reunia, diariamente, a geração mais madura dos intelectuais e artistas de Belo Horizonte. O boteco era apelidado por alguns de Lua Nava por causa da frequência assídua do historiador e oficial-médico da Polícia Militar, José Nava, irmão do memorialista e também médico Pedro Nava. Para melhor definir um estilo de vida tipo Jekyll & Hyde, José Nava costumava dizer que de dia era psiquiatra e, de noite, psicopata. E houve quem o definisse também como psicopata. Na mesma galeria do Maletta, no Lucas, os artistas mais jovens se reuniam para beber e subverter o que quer que fosse. E o mais legal era que a convivência entre os dois grupos se dava na maior cordialidade, e pode-se dizer que Murilo, com seu terno impecável, era um embaixador promovendo um encontro de gerações.

Mas, afinal, o que vem a ser esse livro que me proporciona tanta conversa-fiada?

O Pirotécnico Zacarias é um livro constituído de apenas oito contos, muitos deles, ou quase todos, já publicados em outros volumes, o que torna esse pequeno volume uma espécie de antologia do autor. Como sempre, na obra de Murilo, os contos são precedidos de uma citação do Velho Testamento e lidam com a supra-realidade, numa linguagem tão despojada que não parece ser literatura. Ou, como disse Davi Arrigucci Jr. em seu prefácio (verdadeiro) da obra: *O seu discurso...realiza uma trajetória abstrata e desligada das obrigações da verossimilhança realista. Próxima do mito, a sua transformação constante instaura o reino do insólito onde tudo pode acontecer.*

Assim, o Zacarias do conto-título é um narrador

"O Pirotécnico Zacarias"

é um livro constituído de apenas oito contos, muitos deles, ou quase todos, já publicados em outros volumes, o que torna esse pequeno volume uma espécie de antologia do autor. Como sempre, na obra de Murilo, os contos são precedidos de uma citação do Velho Testamento e lidam com a supra-realidade, numa linguagem tão despojada que não parece ser literatura.

defunto, que fala de si para os outros com tremenda naturalidade:

No passar dos meses, tornou-se menos intenso o meu sofrimento e menor a minha frustração ante a dificuldade de convencer os amigos que Zacarias que anda pelas ruas da cidade é o mesmo artista pirotécnico de outros tempos com a diferença que aquele era vivo e este, um defunto. (Aqui passa um arrepio por este falso prefaciador como se o Murilo que conheceu fosse também um morto-vivo, aqui na Terra, até dar o ponto final da reescrita de seu último conto.)

Já "Teleco, o Coelhoinho" é visto na terceira pessoa, com uma simplicidade tal que, em alguns momentos, julgamos estar diante de um conto infantil, não conduzisse ele a um destino trágico. Mas a linguagem é essa, lembrando um pouco Lewis Carroll:

— *Por acaso o senhor gosta da carne de coelho?*
Não esperou ele pela resposta:
 — *Se gosta, pode procurar outro, porque a versatilidade é o meu fraco.*

Dizendo isto, transformou-se numa girafa.

Bom, um prefácio não é feito para contar os

contos de um livro e sim para dizer algo que os mostre em sua unidade, contribua para a melhor revelação de uma obra e de seu autor. Mas não resisto e conto mais um pouco, desta vez do trágico "O Ex-mágico da Taverna Minhota", em que o referido mágico perde o controle de suas artes e quer parar com elas, mas... *se mexia na gola, logo aparecia um urubu. Em outras ocasiões, indo amarrar o cordão do sapato, da minha calça deslizavam cobras.*

Sofrendo de grande melancolia, o ex-mágico não consegue nem se suicidar, ainda que tire do bolso uma dúzia de leões, que, afinal, revelam-se inofensivos e até entediados. Então o personagem se emprega numa Secretaria de Estado, onde o espreita um destino pior do que a morte: ser funcionário público, o que aniquila até seus poderes de mago.

Saindo do particular, todos – críticos ou não – são unânimes em reconhecer em Murilo Rubião a originalidade de ser o primeiro realista-mágico, ou mesmo surrealista, na literatura brasileira. Os exemplos aqui mostrados refletem isso, e o realista vem do fato de que, como em Kafka, surgindo o insólito e o fantástico, o restante das paisagens, das pessoas, etc., permanece absoluta e minuciosamente real. Seus contos

são como sonhos bem guardados, ou criados, e eu apontaria os filmes de Buñuel como seus parentes próximos, só que com mais humor. Ou fará parte do humor de Murilo ser sempre sério? Aliás um fake do sério. Definindo-se ele como um celibatário, não poderá ser como um dos personagens da "Máquina Celibatária" de *O Grande Vidro*, ou "A noiva despida por seus celibatários", mesmo, de Marcel Duchamp?

Todos lhe reconhecem, também, a palavra enxuta, a ponto de Murilo sempre ter modificado suas obras nas novas edições, na busca da perfeição impossível, que acabou por se cristalizar na própria busca, tornando-se esta a obra, o perfeito possível.

Davi Arrigucci Jr. foi muito feliz, ao escrever em *Juan Rulfo: Pedra e Silêncio* (em *Enigma e Comentário*, Companhia das Letras, 1987) que é possível fazer grande literatura com muito ou com pouco. Ao contrário de Guimarães Rosa, por exemplo, Rulfo escolheu a pobreza e brevidade. O mesmo se pode dizer de Rubião. Mas há no *Pedro Páramo*, de Rulfo, no meio das pedras, no meu entender, uma arte e artesanato perfeitos, mas visíveis, um bordado do mais

puro ouro, enquanto Murilo despoja sua escrita a um ponto tal que parece e se quer anti-literatura. O que pode parecer aos incautos que Rubião escrevia fácil, quando, na verdade, esse fácil é difícilimo.

Que se dê a palavra ao próprio autor:

Reelaboro a minha linguagem até a exaustão, numa busca desesperada de clareza. Se usasse palavras impregnadas de símbolos ou concebidas em laboratórios, a leitura de meus textos seria difícilima.

A este prefaciador tardio, Murilo disse mais ou menos o mesmo, certa vez: “que o trecho de seus contos pedia uma forma absolutamente inteligível”. Estava certo, Murilo, em relação a seus contos, sua opção, que ele executou com maestria.

Mas me permito, neste livro de prefácios, semear a dúvida e dizer que o precursor de muitos, Lewis Carroll, tanto detonou a palavra quanto seus significados, em seus dois Alices. Quando, por exemplo, a Falsa Tartaruga disse à mocinha que, na escola, estudava Histeria Antiga e Histeria Contemporânea, além das quatro operações – Ambição, Distração, Derivação e Mortificação – era todo o mundo vitoriano e sua linguagem que vinham abaixo. E foi dessa cartola que James Joyce retirou uma infinidade de

coelhos em sua História do Mundo, o *Finnegans Wake*. Por outro lado, Kafka inverteu todos os significados sem mexer na sintaxe e na estrutura do verbo.

Voltando ao Brasil e a Minas, não podemos esquecer que foi adentrando a linguagem que Guimarães Rosa pôde penetrar no inconsciente brasileiro e da língua falada no Brasil. É por meio da palavra ancestral que um matuto se transforma em onça, em “Meu Tio, o Iauaretê”. Os caminhos, porém, são vários, e, retornando à obra já sedimentada de Murilo Rubião, não poderíamos mais entendê-la sem sua total nudez, contrastando com o hermetismo do seu conteúdo. E podemos entender também o hermético como significações totalmente abertas, múltiplas.

Como gostaria eu de voltar no tempo, sentar-me à mesa do Lua Nova com Murilo Rubião e perguntar o que acharia ele desses versos, de 1916 (aqui transcritos parcialmente), do dadaísta alemão, refugiado na Suíça, Hugo Ball, num poema apenas fonético, simultaneamente concretíssimo e abstratíssimo:

*KARAWANE
jolifanto bambla
grossiga m'pfa habla horem
égiga goramem*

higo bloiko russula huju

.....

tumba ba - umf

kusagauma

*ba - umf**

E por que não aproveitar aqui um pequeno trecho de Edward Lear (outro nome predestinado?), do século XIX, retirado de um ensaio de Anthony Burgess, “Vamos falar de nonsense?”, publicado no *Idéias*, JB, de 31.10.87?

Lear escreveu uma carta a um amigo, que terminava assim:

“Okul, scratchabibblebongibo, viddle squibble tog-a-tog ferrymoyassity amsky flamsky ramsky damske crocklefefether squiggs”.

Ou então esse texto, do mesmo Lear, tirado da mesma fonte:

Um Rei Lear com um gato chamado Old Foss como bobo da corte, mas sem filhas ingovernáveis. Ele estava muito mais seguro sozinho. Sonhando com colheres runcíveis e chapéus runcíveis.

Ofereço esses textos ao amigo Murilo Rubião, onde quer que ele esteja, ou não esteja, mas de todo modo de terno e gravata.

SÉRGIO SANT'ANNA

é carioca, mas viveu sua fase inicial de escritor em Belo Horizonte, onde fez parte da turma do Suplemento e escreveu as primeiras de quase duas dezenas de obras que abrangem contos, romances e teatro.

O AMOR E OUTROS ESTRANHOS RUMORES: UMA REESCRITURA RUBIANA

SANDRA REGINA CHAVES NUNES

Dm 2010, o Grupo 3 de Teatro leva a público a peça *O amor e outros estranhos rumores*, baseada na obra de Murilo Rubião. Reescrevem-se pela ação dramática as narrativas dos contos “Memórias do Contabilista Pedro Inácio”, “Bárbara” e “Os três nomes de Godofredo”. As personagens rubianas ressurgem metamorfoseadas pela escrita-ação teatral, deslocando-se no espaço cênico e transpondo os limites do texto, numa dramatização das temáticas próprias desse escritor. Nas entrelinhas dessas reescrituras, encontrava-se dramatizado seu gesto central, único e singular: a reescrita. E talvez, este também seja o gesto característico do Teatro, pois toda apresentação relê uma anterior.

O ato de reescrever define a trajetória de Murilo Rubião. São trinta e três contos, enfiados em sete livros, de *O Ex-mágico* (1947) ao *O homem do boné cinzento* (1991) – sem considerar as edições em um mesmo espaço de sua obra completa. Alguns de seus contos sofrem mutações e aparecem transformados em outro livro, sem, contudo, alterar a intriga de suas histórias.

A reescrita rubiana associa-se à busca pela clareza da linguagem; uma busca que sempre permeou o seu trabalho. Aliás, ele mesmo falará que sua pretensão é “exatamente a clareza”. Tendo como opção o fantástico, que considerava difícil, as palavras, para ele, deveriam ser “as mais transparentes possíveis, para que o leitor não sentisse a sua presença”. Nesta tentativa de transparência e clareza, seus contos são escritos e reescritos, somem e desaparecem; ao voltarem, a história permanece a mesma, mas transformada pelas permutas e ausências de palavras, supressão de pontuação, entre outras pequenas-significativas reformulações.

Seus “casos”, como denomina seus contos, são construídos em poucos segundos e levam meses “para serem transformados em obras literárias”. Como apontou Jorge Schwartz, em sua *A Poética do Uroboro*, para compreender a obra de Murilo Rubião, torna-se elemento-chave o conhecimento do processo de produção autoral, já que há uma coincidência entre a forma de pensar e o seu escrever e reescrever.

Em 1949, Murilo publica, na coluna de João Condé, suas “Confissões”, um belíssimo texto - que ecoará por todas as suas entrevistas – em que nos narra



a dificuldade do seu processo de escrita, o quanto este lhe custava “em sofrimento, trabalho” e o quanto modificou a sua vida.

A dificuldade de escrita-reescrita não se faz distinta de um processo de adaptação de uma obra literária para a dramaturgia. No caso de Rubião, que fez do fantástico sua opção estética, essa adaptação residirá na passagem do insólito e na manutenção de uma atmosfera para o palco.

Gostaria, como participante do projeto *O amor e outros estranhos rumores*, de compartilhar a experiência da “reescrita” da Literatura para o Teatro como uma experiência estética possibilitadora da visualização do processo de produção autoral e ampliadora da leitura da obra.

Adentramos, em 2008, o universo rubiano pelo conceito que mais marcou as leituras críticas desde o aparecimento do primeiro livro: o insólito. Passamos pelos conceitos de surreal, fantástico, neofantástico, realismo maravilhoso e por autores como Poe, Machado, Kafka, Borges, Cortázar, García Márquez. Foram encontros em que o conhecimento do gênero e da obra alimentavam a produção do texto para o teatro e a concepção dramática em si.

Troquei com Yara Novaes, diretora da peça, e Sílvia Gomez, autora da adaptação para o teatro, impressões sobre a recriação da atmosfera da obra e sobre a mise-en-scène. O texto, em sua totalidade, trazia os contos de Murilo Rubião. Como em Rubião, foram reescritos: agregaram-se elementos, suprimiram-se detalhes, preencheram-se as lacunas deixadas pelo original. Havia que se construir as amarras para os textos escolhidos; da leitura constante da obra e de suas



Fotos de Rodrigo Hypólito



interpretações essas foram construídas. Eram os contos originais, mas não eram mais os originais.

Dos pequenos lançamentos – a peça estreou em processo – ao definitivo, em 2010, no TUCA, muitas escrituras se fizeram. Definitivo? Em 2013, no Teatro Sérgio Cardoso, enfeixadas em outro Teatro-Livro, aparecem novamente reescritas. Uma reescritura só observada pelos leitores participantes de todo esse processo de construção: atores, diretora, dramaturga, produtor, pesquisadora. Só a leitura cotejada, de quem imbricou-se nesse fazer, perceberia as mudanças mínimas que refazem, mas não refazem o texto.

Nas apresentações sucessivas, só para ilustrar, Godofredo bate na mesa ao falar com sua primeira mulher. O prato deve voar para que o pegue novamente. A cada tapa, o prato desloca-se pedindo que o gesto do ator se reestruture. Entonações de voz, modulações corporais, luzes incidindo em corpos, mesas se deslocando no palco, roupas atiradas. A reescrita se faz apresentação pós apresentação.

Como espectadora, assemelhava-me a personagem Manuela, de *Tudo sobre minha mãe*, de Pedro Almodóvar; e talvez, fosse capaz de substituir um ator, pela quantidade de vezes que assisti-li-reli a peça, nos cinco anos do seu processo de escrita e reescrita. Como crítica literária, via em cena o gesto rubiano. Suas folhas de papéis atiradas ao pé de sua mesa, após uma noite em claro. Seus textos ressurgindo metamorfoseados em edições distintas. Sentia ecoar a voz

de Rubião: “Essa circularidade dos meus textos permite que eu não termine a história, que ela continue. E continua sempre. Ela vai continuar no leitor, terá uma outra vida, diversa da que eu lhe dei.”

Suas histórias continuarão nos seus leitores; no seu leitor: O Grupo 3 de Teatro. Todo o processo de montagem da peça espelhou a tessitura da criação teatral, ao transmutar-se título, cenografia, construção das personagens. Murilo Rubião estranhamente influenciava o processo de construção dos seus tradutores, contaminando-os com a metamorfose.

Nesta releitura dramática, viu-se, ainda, a concepção do autor da relação amorosa, ora de forma irônica, ora de forma melancólica, sem perda do humor peculiar. Como nos contos rubianos, o amor sucumbia no irrealizável. E a tentativa de realização gerava a frustração, numa demonstração, talvez, da impossibilidade do amor cortês. Esse, porém, é um outro lado da experiência estética, que pede uma outra escritura.

SANDRA REGINA CHAVES NUNES

tem Pós-Doutorado em Teoria Literária pela Universidade Federal de Minas Gerais (2007) e em Humanidades, Direitos e outras Legitimidades pela Universidade de São Paulo (2014)

Carta para o Murilo, 1957

OTTO LARA RESENDE

Contemplei longamente a fotografia, lembrei-me das circunstâncias, do dia em que a tiramos, lembra-se? Lembra-se da ausência (e dos motivos dela) do Hélio? Ele se encaminhava para o fotógrafo conosco, até a Praça Sete, quando desapareceu... Como éramos moços, meninos! Veja as caras, que tristeza, não é mesmo? Meu bigode, horrível... Era um buço, só foi cortado aos 23 anos, pela primeira vez, e na Associação Cristã de Moços, sob a regência do maestro Fernando Sabino. A cara do Fernando (um menino! Foi com essa cara que ele se casou?!), a cabeleira do Paulo, gente! O bigode do Emílio, verdadeiro acento circunflexo sobre a boca. E você... Grande retrato! Fiquei pensando como surgiu a ideia de fazê-lo, me ocorreu que só você poderia ter tido ideia tão sensata e rica e, ao mesmo tempo, poderia ter levado a turma a concretizar essa ideia, que hoje nos permite voltar, à vista de um documento, os olhos para aquele tempo, ainda ontem e já tão distante! Muito obrigado, pois. É como você diz: a entrevista do Paulusca é uma chance de posteridade...



Otto, Murilo, Fernando, Emílio e Paulo

A SAGA DE UM CONVIDADO

O conto "O convidado", cuja feitura se estendeu por 26 anos e demonstra bem a obsessão de Murilo Rubião pelo texto perfeito e pela palavra exata, mereceu comentários e incentivos de seus colegas Fernando Sabino e Paulo Mendes Campos, que testemunharam sua concepção e sua longa gestação através de crônicas bem humoradas e até de um telegrama, como mostramos aqui.

DEPARTAMENTO DOS CORREIOS E TELÉGRAFOS		TELEGRAMA	
NÚMERO DE ENCOMENDA		CARIMBO DA ESTAÇÃO	MURILO RUBIÃO
Referido De As POT	529 CINCO/LHO		AV AUGUSTO DE LIMA 270 e IMPENSA OFICIAL BATE MG CEBI
ENVIAR A 33 302055<B4I		70707 CBN 278 030 AKE P6BR CO 808 025 <	
A COPACABANA 1068 354 025 030 2100 <			
<p>HABITUE-SE A INDICAR NO RECIBO DO SEU TELEGRAMA A HORA EM QUE O RECEBER, COM ESSA PROVIDÊNCIA, AUXILIARÁ O DEPARTAMENTO NA FISCALIZAÇÃO DA ENTREGA DOS TELEGRAMAS.</p>			
<p>DESCOBI AFINAL O CONVIDADO EXISTE PT NAO EXISTE A FESTA PT <</p>			
TEXTO E ASSINATURA	CARINHOSAMENTE < PAULO MENDESCAMPOS		

Telegrama de Paulo Mendes Campos a Murilo

O CONVIDADO

CONTO DE MURILO RUBIÃO

*Vê pois que passam os meus breves
anos, e eu caminho por uma vereda,
pela qual não voltarei.
Job, XVI, 23.*

O convite que acabara de receber muito contrariava o seu gosto pelos detalhes. Além de não mencionar a data e o local da festa, omitia o nome das pessoas que a promoviam. Silenciava quanto ao traje das senhoras, apesar de exigir para os cavalheiros fardão e bicorne ou casaca irlandesa sem condecorações. À falta de outros esclarecimentos, julgou tratar-se de alguma festividade religiosa ou de insípida comemoração acadêmica.

José Alferes tornou a examinar o envelope, preocupado com a possibilidade de um equívoco ou de simples brincadeira de desocupados. — Mas a quem interessaria divertir-se à custa de um estranho em uma metrópole de cinco milhões de habitantes? — A ideia era evidentemente absurda, tendo-se em conta que o seu círculo de relações não excedia o corpo de funcionários do hotel, onde se encontrava hospedado havia quatro meses.

Pensou em jogar fora a carta, só não o fazendo ao lembrar-se de Débora, a estenógrafa, pensionista de um dos apartamentos no mesmo andar do seu. Poderia ser ela, sem dúvida, poderia. O talhe feminino da caligrafia autorizava essa suposição. Despreocupou-se das omissões do convite — coisa de mulher — para concentrar-se apenas nas formas sensuais da sua vizinha: ancas sólidas, seios duros, as pernas perfeitas.

Fizera diversas tentativas de abordá-la e fora repellido. Com um meio sorriso, uma frase reticente, olhava-o furtivamente e, sem virar-se para trás, sabia que Alferes ficara parado, o sangue fervendo, a acompanhar-lhe os passos por toda a extensão do corredor.

A janela do seu quarto dava para uma casa que alugava roupas destinadas a qualquer tipo de solenidade, bailes ou recepções. mesmo com estoque variado, a sua freguesia era reduzida. Naquela manhã, entretanto, apresentava um movimento considerável de pessoas entrando e saindo, na maioria carregando embrulhos. Durante algum tempo, José Alferes observou sem grande interesse o que se passava no outro lado da rua. De súbito bateu a mão na testa, apressando-se em trocar o pijama pelo primeiro terno que encontrou no guarda-roupa. E, no embalo de repentina euforia, ensaiou um passo de dança abraçado a uma dama invisível que mais tarde poderia adquirir a solidez do corpo de Débora, porque já se convencera: a festa estava bem próxima. Se não, como explicar o procedimento de tanta gente alugando indumentárias especiais nessa época do ano, quando o calendário não indicava nenhuma festividade tradicional?

Ao entrar na loja, encontrou-a vazia. O único empregado da firma, um

senhor idoso, atendeu-o. A agitação de Alferes não lhe permitiu ir direto ao assunto. Perguntou ao velho se tinha notícia de recepção ou algo parecido para aquela noite.

A resposta pouco o esclareceu: acreditava que sim, porém nada de positivo soubera pela boca dos fregueses atendidos na parte da manhã. Aconselhava-o a procurar Faetonte, o motorista de táxi do posto da esquina que era, no setor hoteleiro, o condutor habitual dos que procuravam divertimentos noturnos na cidade.

José Alferes percebeu que o seu interlocutor ocultava alguma coisa. Contudo preferiu não insistir. Tirou do bolso o convite e indagou se poderia conseguir um dos trajes nele sugeridos.

O homem relanceou os olhos pelos armários, reexaminou o papel, enrolou-o entre os dedos, limpou os óculos e, sem pressa, dirigiu-se aos fundos da loja, para reaparecer sobraçando umas vestes negras e um chapéu de plumas:

— Não é exatamente o exigido, mas servem.

Havia tal segurança na voz e nos modos do caixeiro que Alferes, mesmo vendo não ser bicórneo o chapéu, evitou contradizê-lo. A um sinal do outro, acompanhou-o a um cubículo revestido de espelhos.

Um pouco constrangido e desajeitado, ia experimentando as peças do vestuário, quase todas em seda preta: Um gibão, calções, meias longas, sapatilhas e, para adornar o pescoço, rufos brancos engomados. Por último o espadim.

A carteira de dinheiro aberta, deteve-se um instante na contagem das notas que cobririam o pagamento do aluguel, procurando localizar algo perdido na memória.

— Não está satisfeito? — perguntou o velho, incomodado com o silêncio do cliente.

— Estou. Apenas tentava recompor a imagem de um rei antigo, com esta mesma roupa, numa gravura também antiga. Talvez um rei espanhol ou o retrato de um desconhecido.

De volta ao hotel, meteu-se novamente no pijama. Pediu o almoço no quarto e, fora de seus hábitos, recomendou um vinho estrangeiro, prelibando o encontro da noite. A custo refreou a vontade de telefonar para a estenógrafa. — Se a carta não vinha assinada — raciocinava — é que era desejo dela permanecer incógnita. Dada a natureza vacilante de Débora, um gesto precipitado seu poderia levá-la a negar qualquer participação na remessa do convite.

Conteve a impaciência, apesar do lento fluir do tempo. Aproveitou-o mais

tarde para aprontar-se com amoroso cuidado, desde o banho, a água morna perfumada por essências, o ajeitar dos rufos, o esticar das meias compridas, eliminando as menores rugas. Os calções justos traziam-lhe certo desconforto e a figura refletida no espelho desagradava-lhe pelo aspecto sombrio. Sorriu ao pôr o chapéu: as plumas suavizavam um pouco a austeridade do vestuário. Entre um e outro pensamento, tentava lembrar onde vira alguém vestido do mesmo modo. Um rei espanhol ou um desconhecido?

Pairava mo elevador um perfume vagamente familiar. Gostaria que pertencesse à sua vizinha e perguntou ao cabineiro se ela acabara de descer.

— A senhorita Débora viajou de férias ontem à tarde.

— Viajou? — A surpresa quase o desmontou da naturalidade que imprimira à pergunta. Sentia ruir os planos de um dia inteiramente construído para uma noite singular. O primeiro impulso foi de retornar ao apartamento e livrar-se daquele traje incômodo. Os gastos feitos, a dificuldade de substituir por outro o programa idealizado e principalmente o medo de cair no ridículo se descobrissem ter sido convidado a participar de uma festa por uma mulher que viajara na véspera, fizeram-no prosseguir.

— Ah, sabia sim, tinha me esquecido — desculpou-se. E deu ao ascensorista uma gorjeta maior que a do costume, como se ela o redimisse da decepção sofrida.

Não saberia explicar por que entre vários táxis no estacionamento escolhera exatamente o de Faetonte. Seria pelo uniforme incomum que envergava — uma túnica azul com alamares dourados e a calça vermelha? — Isso pouco importava. Já se acomodara no banco traseiro do carro.

— Calculo que o nosso destino é o bairro de Stericon, na parte nobre da cidade.

— Não estou certo — respondeu Alferes — apenas sei que devo ir a uma recepção, para a qual exigem uma roupa igual a esta.

— Então é lá mesmo — retrucou o chofer, pondo o veículo em movimento.

Rodaram durante meia hora, passando por residências ricas, de arquitetura requintada ou de mau gosto. Detiveram-se ao deparar um sobrado mal-iluminado e meio escondido por muros altos.

— Tem certeza que é neste lugar, Faetonte? — A ausência de ouros automóveis em frente à casa e sua minguada iluminação justificavam seu ceticismo.

— Absoluta. Olha ali, é o porteiro se dirigindo ao nosso encontro.

De fato, na direção deles vinha um homem de terno azul e boina verde. Fez uma reverência exagerada, girando em seguida a maçaneta do carro:

— Tenha a bondade de descer, cavalheiro.

Alferes apreciou a deferência:

— Esta roupa atende às determinações do protocolo?

— Desculpe-me, minha função não vai a tanto. Fui encarregado somente de receber o convidado.

— Ótimo, assim as coisas tornam-se mais simples. Sou a pessoa que o senhor aguarda. — E mostrou-lhe o convite.

O porteiro pediu-lhe que esperasse: iria comunicar sua chegada ao comitê de recepção. Minutos depois retornava acompanhado de três senhores discretamente trajados. Moveram de leve as cabeças num cumprimento inexpressivo. Examinaram Alferes, do rosto ao vestuário, demonstrando visível insegurança pela dificuldade em reconhecer nele a pessoa esperada. Silenciosos,

retrocederam alguns passos, para mais adiante fecharem-se em círculo, as mãos apoiadas nos ombros uns dos outros. Confabulavam.

Voltaram descontraídos e coube ao mais velho interpretar o pensamento dos três:

— Concordamos que o seu traje obedece às normas preestabelecidas e a autenticidade do convite é incontestável. Aliás, foi o único expedido através dos correios. Os demais convivas foram avisados pelo telefone. Apesar da evidência, o instinto nos diz que o nosso homenageado ainda está por chegar. Não podemos, todavia, impedir a entrada do senhor, mesmo sabendo de antemão os transtornos que a sua presença acarretará, pois muitos o confundirão com o verdadeiro convidado. À medida que isto aconteça, nos apressaremos em esclarecer o equívoco.

Entraram juntos por um corredor estreito e escuro. De repente, ao abrir-se uma porta larga, deram com um salão fartamente iluminado e repleto de pessoas conversando, rindo, enquanto os garçons serviam bebidas. Alferes foi empurrado de um lado para outro. Todas as vezes que alguém se encontrava frente a frente com ele, pedia-lhe desculpas, cumprimentava-o efusivamente. Os membros da Comissão intervinham, desfazendo o engano. Prosseguiram assim por outras salas, também cheias, repetindo-se os equívocos e os desmentidos.

A notícia da presença de um falso convidado na festa circulara rápida, o que permitiu a Alferes atravessar sem ser importunado os últimos salões e chegar aos fundos da casa. Uma leve brisa refrescou seu rosto alagado pelo suor. Vinha do parque, onde numerosas pessoas em trajes de passeio se reuniam em bandos dispersos entre árvores e bancos de jardim. Estes se projetavam pela propriedade adentro, separados uns dos outros, a espaços regulares, por sebes de fícus cortadas em estreitas passagens.

Embora soubessem da delicada situação de José Alferes, ninguém o tratava a distância ou com hostilidade. Pelo contrário, procuravam cercá-lo de atenções, insistindo que se juntasse às alegres rodas, formadas de senhoras e cavalheiros excessivamente cortesias. Mas logo ele se retraía e se afastava ante a impossibilidade de acompanhar os diálogos, que giravam em torno de um único e cansativo tema: a criação e corridas de cavalos.

Não ficava muito tempo sozinho. Dele se aproximavam outras participantes da reunião, dispostos a tudo fazer para interessá-lo em potrancas, baias, selins, charretes, puros-sangues. Ouvia-os enfadado, desde que nunca fora a hipódromos, fazendas e jamais montara sequer um burro. Tentava desviar a conversa, falando do homem esperado, aquele que daria sentido à recepção. Respondiam com evasivas: não o conheciam, ignoravam o seu aspecto físico, os motivos da homenagem. Sabiam, entretanto, que sem ele a festa não seria iniciada.

Sentado num banco de pedra, José Alferes sente aumentar sua irritação pelas lisonjas, as apresentações cerimoniosas, os gestos delicados. Rejeitava firme, às vezes duro, novas solicitações para aderir aos grupos de criaturas cativantes e vazias.

Acabara de repelir a investida de uns poucos inconformados com o seu isolamento, quando viu caminhar na sua direção uma bela mulher. Alta, vestida de veludo escuro, o rosto muito claro, o cabelo entre o negro e o castanho, parecia nascer da noite.

Vinha sorrindo, o copo de uísque na mão. Os seus olhos brilhavam como se umedecidos pela neblina que começava a cair.

— Vamos, tome. Nem tudo é ruim nesta festa — disse, estendendo-lhe o copo.

A voz agradável, os dentes perfeitos realçavam sua beleza, a crescer à medida que se aproximava:

— O seu nome, o meu é Astérope.

Rendeu-se à espontaneidade dela, receando uma só pergunta e esta veio:

— Costuma ir ao Hipódromo?

Lamentou sua dificuldade em mentir ou contornar situações embaraçosas:

— Francamente, este é um assunto que me dá o maior tédio.

Encabulada, ela procurou disfarçar o desapontamento, indagando se ele gostaria de conhecer os jardins da casa. Sem esperar a resposta, deu-lhe o braço:

— São lindos.

A Alferes escapavam as boas maneiras, daí a necessidade de penitenciar-se constantemente das frases bruscas, onde a intenção de ferir inexistia:

— Desculpe-me, não quis ofendê-la. Aqui se reúnem unicamente aficionados de cavalos?

— Simples coincidência, nada programamos nesse sentido.

O terreno era perigoso. Mudou rápido o curso da conversa:

— Você conhece o convidado?

Astérope olhou-o fixamente, como se pretendesse descobrir nele algo que ainda não decifrara:

— Vagamente, de referências. Vou conhecê-lo melhor hoje, na cama, pois dormiremos juntos.

— Um absurdo, você nem sabe quem é ele!

— Fui escolhida pela Comissão.

— Considero isso uma estupidez. E se for um homem doente, feio ou aleijado?

— Vale a pena correr o risco.

Além do desagrado de saber que mais tarde ela estaria deitada com outro, algo de inquietamente emanava de Astérope. Da excessiva beleza ou do brilho dos olhos?

Foram varando jardins. Intranquilo, metido em dúvidas, Alferes ouvia desatento a companheira.

Por vezes, olhando em torno, achava o parque demasiado extenso. Calava a desconfiança, preocupado em descobrir se teria visto uma jovem senhora parecida com ela num quadro, folhinha ou livro.

Estacou. Aqueles jardins intermináveis, a sua incapacidade de falar a linguagem dos convivas, um convidado cuja ausência retardava a realização da festa. A beleza de Astérope. Agarrou-a pelos ombros, obrigando-a a encará-lo. Seria o brilho dos olhos?

Teve medo.

Retrocedeu apressadamente, fazendo o mesmo percurso de horas atrás, atropelando pessoas, empurrando-as. Todos desejavam segurá-lo, porém ele se desvencilhava dos obsequiosos cavalheiros e damas amáveis.

No final do corredor, o porteiro quis retê-lo e foi afastado com uma cotovelada.

Sentiu-se aliviado ao deixar para trás a atmosfera opressiva da recepção. Dentro de meia hora estaria no seu apartamento a contar os dias restantes das férias de Débora, mulher saudável, farta de carnes.

Quase nada enxergava porque neblinava forte. Cauteloso no pisar, dirigiu-se

a um automóvel estacionado nas imediações, por sorte o de Faetonte.

Entrou rápido nele:

— Depressa, ao hotel.

— Lamento, pediram-me que aguardasse o convidado. Depois dele levarei os membros da Comissão, cabendo ao senhor a última viagem, entendido?

— Seu hipócrita! Você e essa corja de simuladores sabem que o convidado não virá nunca!

O chofer ignorou o desabafo do passageiro, retrucando delicadamente:

— Tenha paciência, estamos próximos ao acontecimento.

Alferes desceu do carro resmungando, disposto a enfrentar a cerração. Pelos seus cálculos, bastaria caminhar um quilômetro para chegar à parte mais habitada do bairro, onde encontraria condução fácil. Mal andara cem metros, as dificuldades começaram a surgir. Tropeçou no meio-fio, indo chocar-se contra um muro. Seguiu encostado a este durante curto espaço de tempo e logo as mãos feriram-se numa cerca de arame farpado. Afastando-se dela, teve a impressão de que se embrenhara num matagal. Daí por diante, perdeu-se. Ia da direita para a esquerda, avançava, retrocedia, arranhando-se nos arbustos.

Perdera o chapéu de plumas, a roupa rasgara-se em vários lugares, romperam-se as sapatilhas no calçamento irregular dos diversos sítios pelos quais passara.

Os pés sangravam. Aflito, buscando na escuridão luz de casa ou de rua que o orientasse, desequilibrou-se e rolou por um declive. Ao levantar-se, avistou bem próximo, frouxamente iluminado, o edifício que há pouco deixara.

O porteiro recebeu-o com a cordialidade cansativa dos que naquela noite tudo fizeram para integrá-lo num mundo desprovido de sentido. Alheio aos cumprimentos e mesuras, encaminhou-se direto a Faetonte, a quem procurou comover, mostrando-lhe o estado da roupa, o sangue coagulado nas feridas. Lacrimoso e subserviente, adulava o motorista, a ressaltar nele qualidades, virtudes inexistentes:

— Sei da sua bondade e o favor é pequeno, basta deixar-me no ponto do ônibus. Você volta rápido, a tempo de atender a seus compromissos.

Vendo que suas palavras não alcançavam o objetivo, partiu para o suborno. Ofereceu-lhe elevada soma em dinheiro. Faetonte recusou: permaneceria no local, aguardando as determinações da Comissão.

Corriam as horas, a neblina caindo, José Alferes renovava a espaços o oferecimento de gratificar generosamente o motorista pela corrida. A cada recusa, ele ia à porta da entrada, espiava para dentro do corredor, na ilusão de que aparecessem outras pessoas também cansadas de esperar inutilmente o início da festa e o guiassem até o centro da cidade.

Curvado, no seu desconsolo, já aceitava a ideia de retornar ao parque, quando lhe tocaram no braço. Assustou-se: era Astérope. Ela fingiu não perceber o temor estampado no rosto dele e arrastou-o consigo:

— Sei o caminho.

Saberia? — Dos olhos de Alferes emergiu avassaladora dúvida. Mas deixou-se levar.

Aventura do cotidiano

A INEXISTÊNCIA DO CONVIDADO

Fernando Sabino

ESTAVAMOS em São Paulo. Depois de jantarmos num restaurante, propus-lhe que déssemos uma volta pela Cidade. Inesperadamente ele se recusou:

— Não posso: vou para o hotel.

— Por quê? — estranhei. — Você está se sentindo mal?

— Não. Mas preciso voltar para o hotel.

— Nós podíamos ir a um cinema — insisti ainda.

Ele continuava irredutível:

— Não. Tenho de voltar.

Como eu levantasse maliciosas suposições sobre sua atitude naquela noite — algum encontro secreto? — acabou confessando:

— Vou para o hotel escrever um conto. Estou com essa história na cabeça há mais de cinco anos. Hoje, tenho a impressão de que ela sai.

Sendo ele um escritor, não era de estranhar que de súbito se sentisse inspirado. Mas logo agora, senhor! me deixar assim sôrinho no meio da rua. Em vão lhe acenei com promessas de voltar mais cedo: naquela noite não iríamos beber em lugar nenhum, como era de nosso feitio — eu prometia, jurava sobre a Bíblia. Daria tempo de escrever mais tarde: afinal, já esperara cinco anos! Ele disse que não, chegara a sua hora — a inspiração irresistível como uma cólica. E me deixou, saiu correndo pela rua, antes que eu o retivesse à força.

• • •

Quando cheguei ao hotel, tarde da noite, dei com ele ainda acordado, caneta na mão, debruçado febrilmente sobre um bloco de papel. Havia folhas amassadas para todo lado. Mal tirara o paletó e afrouxara a gravata, atirara-se vorazmente à criação como um cão famélico. Voltou para mim uns olhos vidrados, sem nem chegar a me ver, com aquela expressão meio pateta de quem

finje não ver um fotógrafo mas fica esperando bater-se a chapa. Estava possuído: limitou-se a sacudir a cabeça para mim como um boi de presépio e voltou-se furiosamente para o bloco de papel.

Fiz-lhe ainda uma ou duas perguntas, cujo sentido não chegou a apreender, pois me respondeu apenas com um grunhido. Para não perturbá-lo — nestes instantes, sei, de experiência própria, seria capaz de ímpetos homicidas — recolhi-me então, em silêncio, afastando de minha cama, com delicadeza, o pé ainda calçado que ele, perna esticada, apoiava sobre a colcha. Pedi-lhe que tivesse a gentileza de virar um pouco a lâmpada da mesa, para que eu pudesse dormir. Não creio que tivesse sequer me ouvido: naquele instante punha-se a escrever como um desatinado. Um minuto depois amassava a folha de papel como se esganasse um frango, atirando-a por cima do ombro e recomeçando outra.

• • •

Pela manhã, ao acordar, vi que ele ressonava na cama ao lado: dormia vestido, vencido de cansaço, depois de passar a noite inteira em claro, a mercê da inspiração.

Quando me dirigia ao banheiro, olhei casualmente para a mesa: a lâmpada fora esquecida acesa e o número de folhas amassadas redobrada, o cinzeiro se enchera de restos de cigarro.

Debrucei-me sobre o bloco de papel, para ver o resultado de seu trabalho. Havia uma folha onde estava escrito, em letras desenhadas, cheias de bordados caprichosos, apenas isto:

“O CONVIDADO” — Conto.

E, logo abaixo, esta única frase categórica, definitiva:

“O convidado não existe”.

UM CONTO EM VINTE E SEIS ANOS

PAULO MENDES CAMPOS

Foi em 1945. Realizava-se em São Paulo, em fevereiro, o primeiro congresso brasileiro de escritores. A sério. Tratava-se antes de tudo (como foi feito) de rasgar no dente a mordança do Estado Novo com uma declaração de princípios contra a ditadura. Carlos Lacerda e Caio Prado Jr. brilhavam nos debates. Oswald de Andrade, centrando seu veneno contra a burguesia argentária, reassumia um jeito doce de tratar os amigos. Mário de Andrade, que ia ser fulminado de angina pouco depois, pairava em serenidade e misteriosas previsões. Sérgio Buarque de Holanda e Vinicius de Moraes, bebiam cerveja e cantavam até o raiar da aurora, ou mais, aquele samba de Noel: "Você me pediu cem mil-réis". Chica ainda não sabia falar.

Nós, mineiros, que vexame! Nossa delegação, com duas e não sei se três exceções, era uma eufórica e alienada malta de moleques. Queríamos a democracia sem abrir mão da nossa gratuidade, espantosa, e fruto verde dos nossos desajustamentos de origem. Devíamos ser umas crianças intoleráveis, mas os outros nos tratavam com bastante complacência, principalmente o Mário, que aturava com a afeto a nossa incapacidade de conversar a sério, aderindo sempre.

Quanta palhaçada! A começar por mim. Apostei que arrancaria lágrimas de uma quase veneranda senhora portuguesa, em um quarto de hora, versando a seu lado sobre o tema: sinos ao entardecer nas aldeias de Portugal (que eu nunca tinha visto nem

ouvido). Ela entregou os pontos em cinco minutos; foi tão fácil que não quis receber a aposta.

O pior foi quando um companheiro nosso, num acesso de lirismo e loucura escocesa, agarrou nos braços, como um menino, o grande e pequeno Monteiro Lobato, e saiu com ele em disparada pela avenida São João. Lobato, possesso, bradava: "Pulsilânime!", e o nosso amigo tentava explicar-lhe que estava apenas realizando uma (complicada) aspiração de infância: carregar no colo o mágico do seu mundo infantil.

Oswaldo Alves chegou atrasado e preferiu ficar conosco no City Hotel, onde não havia lugar para ele. Tinha cama sobrando, e de manhã, ao entrar o café, o romancista se escondia dentro do armário. Mas uma noite ele chegou de antenas pifadas, indo direto para o armário, onde dormiu muitas horas e ressuscitou entrevado.

Houve depois uma fabulosa boca-livre na casa do pintor Lasar Segall. Murilo Rubião já era um contista do extraordinário, de elaboração ralentada, castigada, não porque o torturasse tanto a forma, mas porque sempre pretendeu captar as verdadeiras ressonâncias humanas de uma história. O Murilo estava sorumbático durante a festa, desligado como os seus personagens, e bebia muito devagar. Era o meu companheiro de quarto. Retornamos ao hotel desafinados, eu insatisfeito por a noite estertorava em minhas mãos vazias, e ele... sorumbático. Primeiro, expulsei o gato do quarto. Morava no hotel um gato anão, anão e neurótico, que passava o tempo todo espreitando, agarrando e comendo um passarinho invisível.

Rubião vestiu, muito distinto, o robe por cima do pijama e perguntou se a luz me incomodava. Respondi que sim, mas não tinha importância, eu estava apagado. Ele muniu-se de caneta e bloco e começou a trabalhar. O homem aí (calculei) tem um conto enrolado dentro dele. In the heart or in the head? Shakespeare também não soube responder a este enigma.

Lá pelas tantas, acordei com o gato doido pegando passarinho em minha barriga. Era coisa do Sabino, é claro. Rubião continuava lá, aureolado pela claridade do abajur, castigando, pigarreando, amassando papel, alisando sua calva mais bonita que a de Flaubert. Dormi logo, depois de ter depositado o anão no quarto do Otto, e acordei quando os paulistanos já tinham tomado um milhão de providências. Rubião ia de embalo, pálido e sereno, como quem fez a sua obrigação. Sobre a mesa pousava apenas uma folha de papel azulado; o resto do bloco estava rabiscado e atulhado dentro da cesta. No alto do papel vinha escrito: "O convidado". Abaixo: "Conto de Murilo Rubião". Dez linhas riscadas, ilegíveis. Depois, assim (fim do conto: o convidado não existe). Só Rubião chegara a essa desagradável conclusão depois de toda uma festa perdida e horas de luta.

Mais tarde, no Franciscano, disse-me que não achara o fio do conto (nem esperava por isso, tão depressa), mas o essencial estava no papo: o convidado não existe.

Bota aí um Amazonas de águas passando por baixo da ponte, meus encontros espaçados com o Rubião (e o convidado, sai ou não sai — Acho que sai, acho que sai) e viagens e óbitos e guerras e o Vinicius noivando de novo e o Chico virando homem, uma inundação de acontecimentos. O convidado sai, Rubiônis? Acho que sai, acho que sai.

Quando os americanos desceram na Lua pela segunda vez, não aguentei mais: fui na agência nova do Leblon e passei um telegrama: "Murilo velho o convidado existe o que não existe é a festa abraços Paulo". Como não respondeu (nem por telegrama, nem por carta, nem por telefone, nem, mineiramente, por mensageiro amigo), retornei ao brejo da dúvida: o convidado existe? Pois antontem um amigo comum telefonou para dizer que me trazia de Minas uma sensacional surpresa. Era treze laudas e meia datilografadas em espaço triplo: "O convidado" — conto de Murilo Rubião.

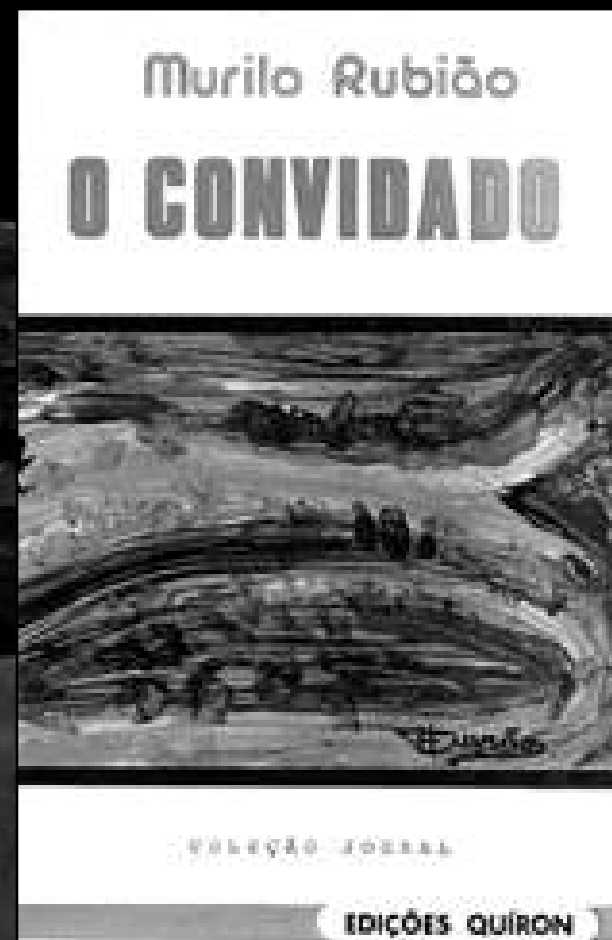
Vinte e seis anos depois! Li como quem bebe um chope depois de percorrer a avenida Brasil, querendo chegar ao fim para pedir outro chope ou ler de novo. E vi, com alívio, mas também com o amargor que transmitem os admiráveis contos rubiônicos, que o convidado, de fato, não existe.

(Revista Manchete, 8-5-1971)

(in O mais estranho dos países - Companhia das Letras, 2013)

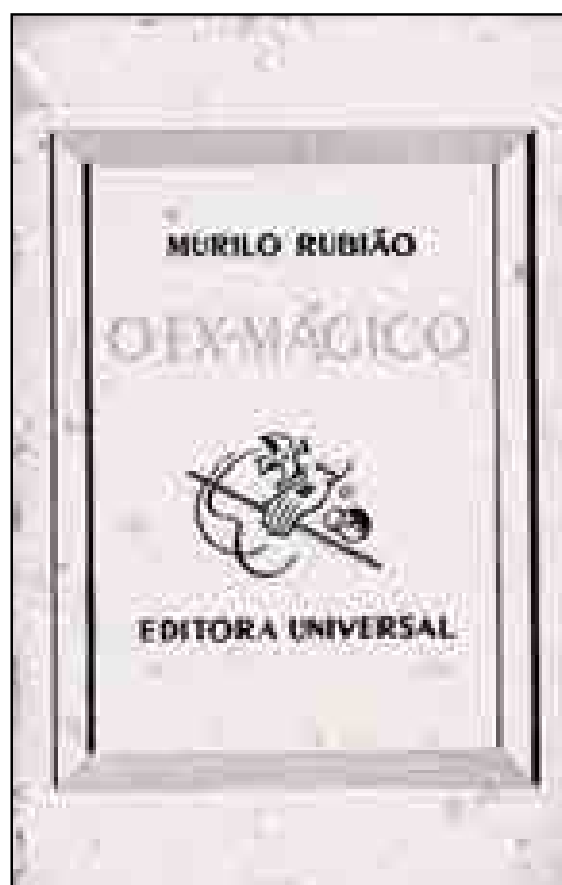
PAULO MENDES CAMPOS

mineiro de Belo Horizonte, foi cronista e poeta.



UM CLÁSSICO VENCE O TEMPO

O livro "O ex-mágico", lançado em 1947 numa edição modesta, teve seu reconhecimento público em 1974, quando foi reeditado pela Editora Ática e lançado nacionalmente. Nas páginas seguintes, apresentamos a recepção que o livro recebeu de dois dos maiores nomes da nossa literatura. É o mesmo livro visto num espaço de 20 anos com o mesmo espanto e o mesmo aplauso.



O EX-MÁGICO DA TABERNA MINHOTA

CONTO DE MURILO RUBIÃO

Inclina, Senhor, o teu ouvido, e ouve-me;
porque eu sou desvalido e pobre.
— Salmos, LXXXV, 1.

Hoje sou funcionário público e este não é o meu desconsolo maior. Na verdade, eu não estava preparado para o sofrimento. Todo homem, ao atingir certa idade, pode perfeitamente enfrentar a avalanche de tédio e de amargura, pois desde a meninice acostumou-se às vicissitudes, através de um processo lento e gradativo de dissabores.

Tal não aconteceu comigo. Fui atirado à vida sem pais, infância ou juventude. Um dia dei com os meus cabelos ligeiramente grisalhos, no espelho da Taberna Minhota. A descoberta não me espantou e tampouco me surpreendo ao retirar do bolso o dono do restaurante. Ele sim, perplexo, me perguntou como podia ter feito aquilo.

O que poderia responder, nessa situação, uma pessoa que não encontrava a menor explicação para sua presença no mundo? Disse-lhe que estava cansado. Nascera cansado e entediado.

Sem meditar na resposta, ou fazer outras perguntas, ofereceu-me emprego e passei daquele momento em diante a divertir a freguesia da casa com os meus passes mágicos.

O homem, entretanto, não gostou da minha prática de oferecer aos espectadores almoços gratuitos, que eu extraía misteriosamente de dentro do paletó. Considerando não ser dos melhores negócios aumentar o número de fregueses sem o conseqüente acréscimo nos lucros, apresentou-me ao empresário do Circo-Parque Andaluz que, posto a par das minhas habilidades, propôs contratar-me. Antes, porém, aconselhou-o que se prevenisse contra os meus truques, pois ninguém estranharia de me ocorresse a ideia de distribuir ingressos gratuitos para os espetáculos.

Contrariando as previsões pessimistas do primeiro patrão, o meu comportamento foi exemplar. As minhas apresentações em público não só empolgaram multidões, como deram fabulosos lucros aos donos da companhia.

A plateia, em geral, me recebia com frieza, talvez por não me exhibir de casaca

e cartola. Mas quando, sem querer, começava a extrair do chapéu coelhos, cobras, lagartos, os assistentes vibravam. Sobretudo no último número em que eu fazia surgir, por entre os dedos, um jacaré. Em seguida, comprimindo o animal pelas extremidades, transformava-o numa sanfona. E encerrava o espetáculo tocando o Hino Nacional da Cochinchina. Os aplausos estrugiam de todos os lados, sob o meu olhar distante.

O gerente do circo, a me espreitar de longe, danava-se com a minha indiferença pelas palmas da assistência. Notadamente se elas partiam das criancinhas que me iam aplaudir nas matinês de domingo. Por que me emocionar, se não me causavam pena aqueles rostos inocentes, destinados a passar pelos sofrimentos que acompanham o amadurecimento do homem? Muito menos me ocorria odiá-las por terem tudo que ambicionei e não tive: um nascimento e um passado.

Com o crescimento da popularidade a minha vida tornou-se insuportável. Às vezes, sentado em algum café, a olhar cismativamente o povo desfilando na calçada, arrancava do bolso pombos, gaivotas, maritacas. As pessoas que se encontravam nas imediações, julgando intencional o meu gesto, rompiam em estridentes gargalhadas. Eu olhava melancólico para o chão e resmungava contra o mundo e os pássaros.

Se, distraído, abria as mãos, delas escorregavam esquisitos objetos. A ponto de me surpreender, certa vez, puxando da manga da camisa uma figura, depois outra. Por fim, estava rodeado de figuras estranhas, sem saber que destino lhes dar.

Nada fazia. Olhava para os lados e implorava com os olhos por um socorro que não poderia vir de parte alguma.

Situação crucial.

Quase sempre, ao tirar o lenço para assoar o nariz, provocava o assombro dos que estavam próximos, sacando um lençol do bolso. Se mexia na gola do paletó, logo aparecia um urubu. Em outras ocasiões, indo amarrar o cordão do sapato, das minhas calças deslizavam cobras. Mulheres e crianças gritavam. Vinham guardas, ajuntavam-se curiosos, um escândalo. Tinha de comparecer à delegacia e ouvir pacientemente da autoridade policial ser proibido soltar serpentes nas vias públicas.

Não protestava. Tímido e humilde mencionava a minha condição de mágico, reafirmando o propósito de não molestar ninguém.

Também, à noite, em meio a um sono tranquilo, costumava acordar sobresaltado: era um pássaro ruidoso que batera as asas ao sair do meu ouvido.

Numa dessas vezes, irritado, disposto a nunca mais fazer mágicas, mutilei as mãos. Mão adiantou. Ao primeiro movimento que fiz, elas reapareceram novas e perfeitas nas pontas dos tocos de braço. Acontecimento de desesperar qualquer pessoa, principalmente um mágico enfasiado do ofício.

Urgia encontrar solução para o meu desespero. Pensando bem, concluí que somente a morte poria termo ao meu desconsolo.

Firme no propósito, tirei dos bolsos uma dúzia de leões e, cruzando os braços, aguardei o momento em que seria devorado por eles. Nenhum mal me fizeram. Rodearam-me, farejaram minhas roupas, olharam a paisagem, e se foram.

Na manhã seguinte regressaram e se puseram, acintosos, diante de mim.

— O que desejam, estúpidos animais? — gritei, indignado.

Sacudiram com tristeza as júbas e imploraram-me que os fizesse desaparecer:

— Este mundo é tremendamente tedioso — concluíram.

Não consegui refrear a raiva. Matei-os todos e me pus a devorá-los. Esperava morrer, vítima de fatal indigestão.

Sufrimento dos sofrimentos! Tive imensa dor de barriga e continuei a viver.

O fracasso da tentativa multiplicou minha frustração. Afastei-me da zona urbana e busquei a serra. Ao alcançar seu ponto mais alto, que dominava escuro abismo, abandonei o corpo ao espaço.

Senti apenas uma leve sensação da vizinhança da morte: logo me vi amparado por um paraquedas. Com dificuldade, machucando-me nas pedras, sujo e estropiado, consegui regressar à cidade, onde minha primeira providência foi adquirir uma pistola

Em casa, estendido na cama, levei a arma ao ouvido. Puxei o gatilho, à espera do estampido, a dor da bala penetrando na minha cabeça.

Não veio o disparo nem a morte: a mauser se transformara num lápis.

Rolei até o chão, soluçando. Eu, que podia criar outros seres, não encontrava meios de libertar-me da existência.

Uma frase que escutara por acaso, na rua, trouxe-me nova esperança de romper em definitivo com a vida. Ouvira de um homem triste que ser funcionário público era suicidar-se aos poucos.

Não me encontrava em condições de determinar qual a forma de suicídio me convinha: se lenta ou rápida. Por isso empreguei-me numa Secretaria de Estado.

1930, ano amargo. Foi mais longo que os posteriores à primeira manifestação que tive da minha existência, ante o espelho da Taberna Minhota.

Não morri, conforme esperava. Maiores foram as minhas aflições, maior o meu desconsolo.

Quando era mágico, pouco lidava com os homens — o palco me distanciava deles. Agora, obrigado a constante contato com meus semelhantes, necessitava

compreendê-los, disfarçar a náusea que me causavam.

O pior é que, sendo diminuto meu serviço, via-me na contingência de permanecer à toa horas a fio. E o ócio levou-me à revolta contra a falta de um passado. Por que somente eu, entre todos os que viviam sob os meus olhos, não tinha alguma coisa para recordar? Os meus dias flutuavam confusos, mesclados com pobres recordações, pequeno saldo de três anos de vida.

O amor que me veio por uma funcionária, vizinha de mesa de trabalho, distraiu-me um pouco das minhas inquietações.

Distração momentânea. Cedo retornou o desassossego, debatia-me em incertezas. Como me declarar à minha colega? Se nunca fizera uma declaração de amor e não tivera sequer uma experiência sentimental!

1931 entrou triste, com ameaças de demissões coletivas na Secretaria e a recusa da datilógrafa em me aceitar. Ante o risco de ser demitido, procurei acautelar meus interesses. (Não me importava o emprego. Somente temia ficar longe da mulher que me rejeitara, mas cuja presença me era agora indispensável.)

Fui ao chefe da seção e lhe declarei que não podia ser dispensado, pois tendo dez anos de casa, adquirira estabilidade no cargo.

Fitou-me por algum tempo em silêncio. Depois, fechando a cara, disse que estava atônito com meu cinismo. Jamais poderia esperar de alguém, com um ano de trabalho, ter a ousadia de afirmar que tinha dez.

Para lhe provar não ser leviana minha atitude, procurei nos bolsos os documentos que comprovavam a lisura do meu procedimento. Estupefato, deles retirei apenas um papel amarrotado — fragmento de um poema inspirado nos seios da datilógrafa.

Revolvi, ansioso, todos os bolsos e nada encontrei.

Tive que confessar minha derrota. Confiara demais na faculdade de fazer mágicas e ela fora anulada pela burocracia.

Hoje, sem os antigos e miraculosos dons de mago, não consigo abandonar a pior das ocupações humanas. Falta-me o amor da companheira de trabalho, a presença de amigos, o que me obriga a andar por lugares solitários. Sou visto muitas vezes procurando retirar com os dedos, do interior, qualquer coisa que ninguém enxerga, por mais que atente a vista.

Pensam que estou louco, principalmente quando atiro ao ar essas pequeninas coisas.

Tenho a impressão deque é uma andorinha a se desvencilhar das minhas mãos. Suspiro alto e fundo.

Não me conforta a ilusão. Serve somente para aumentar o arrependimento de não ter criado todo um mundo mágico.

Por instantes, imagino como seria maravilhoso arrancar do corpo lenços vermelhos, azuis, brancos, verdes. Encher a noite com fogos de artifício. Erguer o rosto para o céu e deixar que pelos meus lábios saísse o arco-íris. Um arco-íris que cobrisse a terra de um extremo a outro. E os aplausos dos homens de cabelos brancos, das meigas criancinhas.



Gilberto de Abreu

Meu caro Murilo:

O Ex-Mágico é uma delícia. Ele nos transporta para além de nossos limites, sem entretanto jamais perder pé no real e no cotidiano. Seu universo é igual ao de nós todos e, ao mesmo tempo, é um universo que se liberta das leis da circulação humana e da lógica formal. E por mais absurdas que sejam as novas relações estabelecidas por V. entre as coisas do homem, a verdade é que elas não são mais absurdas do que as condições de vida normal, controlada pela razão: eis a lição amarga que se tira de sua sátira, tão poética e tão rica de invenção. Meu abraço pelo belo livro, e que ele seja compreendido em todas as suas perspectivas e planos superpostos. Com a afetuosa admiração do seu

Carlos Drummond

Rio de Janeiro, 9 de novembro de 1947

Meu caro Murilo:

Nestas festas de fim de ano que estão por acabar, li *Os Dragões*, com o grande prazer de reencontrar quase todo *O Ex-Mágico* e mais algumas excelentes novidades. Creio que já lhe disse, há anos, o quanto gosto de sua ficção – rara, densa, de um insólito despreocupado que suprime qualquer farol e nos faz sentir como se as leis do mundo estivessem normalmente refeitas. Uma naturalidade admirável, feita de supernaturalidade.

Agora, relendo e lendo há anos de distância da primeira experiência de leitura, fiquei admirado, sobretudo, com o caráter precursor de muitos aspectos que não conhecíamos então, ou que só depois apareceram na leitura. Há nos seus contos um certo tipo de fantástico meticuloso e óbvio que lembra o tom que depois viemos encontrar em Borges, ou em alguns do *nouveau-roman*. Por vezes, uma nítida premonição da labilidade misteriosa de Marienbad – porque, também para você, o problema da identidade e da pluralidade do ser é hábito. E isto tudo dá ao seu livro uma tal atualidade, que só agora vejo com você estava desde há muitos anos, e sem que eu percebesse devidamente, instalado de pleno direito no cerne das melhores experiências da ficção contemporânea. E depois, que plena mestria!

Um grande prazer, meu caro Murilo, foi essa leitura-releitura-recompreensão, feita aqui no meio dos morros deste nosso sul de Minas.

Muitas saudades, muito obrigado e um grande abraço do

Antonio Candido

Poços de Caldas, 25 de fevereiro de 1967

AOS LEITORES, AS CARTAS

Comentários à correspondência de Murilo Rubião

CLEBER ARAÚJO CABRAL

DIÁRIO DE BORDO

*O convite que acabara de receber muito contrariava o seu gosto pelos detalhes.
"O convidado"*

Toda pesquisa consiste, de certa maneira, em um protocolo de intenções, em uma proposta de leitura. No caso deste texto, trata-se de uma carta convite, dirigida a circular entre amigos e (des)conhecidos, a fim de apresentar um pouco de meu trabalho em relação a uma parte significativa do arquivo de Murilo Rubião: sua correspondência.

Uma das questões que pude verificar, em oito anos de pesquisas dedicadas à obra de Murilo Rubião, foi que ele não publicou artigos ou textos teóricos em que formalizasse sua poética ou suas reflexões acerca do gênero conto. Afora poucas menções manifestas em entrevistas sobre autores de sua preferência ou de opiniões (ora evasivas, ora conclusivas) relacionadas à sua filiação à literatura fantástica, chamou minha atenção o fato de Rubião não expressar pontos de vista concernentes à seu processo de escrita – exceto a já mencionada questão da reescrita como busca pelo aprimoramento do texto.

Diante dessa ausência de prefácios interessantíssimos ou desinteressantes, resolvi pesquisar o Acervo Murilo Rubião, alocado no Acervo de Escritores Mineiros, órgão vinculado ao Centro de Estudos Literários e Culturais da UFMG, a fim de averiguar a existência de documentos com reflexões do autor de “Bruma” acerca de seu processo de escrita. O Acervo Murilo Rubião, é composto por 9600 peças, dentre móveis, obras de arte, livros, periódicos, documentos pessoais, manuscritos e correspondência. O material se encontra organizado em 16 séries: Coleção bibliográfica, Atividades alheias à literatura, Atividades jornalísticas Folha de Minas, Contos publicados, Correspondência burocrática, Correspondência sobre as obras, Correspondência com amigos, Crônicas de Sérvulo Tavares, Diversos, Entrevistas, Fotografia, Iconografia, Noticiário, Objetos, Produção Intelectual do Titular, Suplemento Literário do Minas Gerais.

Em face de tão expressivo conjunto de documentos, de imediato uma questão me foi colocada: que rumo escolher nesse mar de documentos, ou o que privilegiar como fonte para conduzir uma pesquisa? No meu caso, optei pela correspondência de Rubião, por ter sido, até o presente, pouco explorada.

ROTAS DE NAVEGAÇÃO

*Agitado, compulsava mapas.
"Ofélia, meu cachimbo e o mar"*

A primeira dificuldade ao se tomar como objeto de pesquisa a correspondência de Murilo Rubião foi sua extensão. Após quantificá-la, verifiquei que totalizava 6031 documentos – espantosos 63% do conjunto de documentos do arquivo. As datas limites da correspondência rubiana são 1935 (período em que Rubião ingressa no curso ginásial) e 1991 – ano de sua morte. As cartas se encontram organizadas em quatro grandes conjuntos (ou séries): “Correspondência burocrática”, “Correspondência sobre as obras”, “Correspondência com amigos” e “Correspondência com escritores”.

Mais significativas para os estudos literários são as séries “Correspondência sobre as obras” e “Correspondência com escritores”. Essas não só ocasionam reflexões acerca de aspectos da ficção rubiana, como também propiciam observar a inserção e a trajetória de Murilo Rubião na vida literária da República das Letras do século XX. Dentre os vários interlocutores, encontram-se importantes nomes dos campos artístico e intelectual brasileiro das décadas de 1920 a 1970: Cyro dos Anjos, Pedro Nava, Abgar Renault, Emílio Moura, Murilo Mendes, Autran Dourado, Guilhermino César, Alphonsus de Guimaraens Filho, Paulo Mendes Campos, Rubem Braga, José Paulo Paes, Vanessa Netto, Oneyda Alvarenga, Henriqueta Lisboa, Rachel Jardim, Lucy Teixeira, Clarice Lispector, Lygia Fagundes Telles, Nélida Piñon, Edla van Steen, Laís Corrêa de Araújo, Cândido Portinari, Inimá de Paula, Chanina, Nello

Nuno, Márcio Sampaio, Petrônio Bax, Guimarães Rosa, Osman Lins, Moacyr Scliar, Jorge Amado, Vinícius de Moraes, Augusto de Campos, Haroldo de Campos, Décio Pignatari, Geir Campos, José Carlos Lisboa e Caio Fernando Abreu. Dentre os escritores estrangeiros, figuram os portugueses Ana Hatherly, Ernesto Manuel de Mello e Castro e Fernando Namora.

No conjunto da correspondência de Murilo, alguns signatários foram mais assíduos que outros. Marques Rebelo, por exemplo, escreveu sessenta cartas entre 1940 e 1970, Nelly Novaes oitenta e cinco entre 1966 e 1983, Pavla Lidmilová sessenta entre 1969 e 1991, Jorge Schwartz quarenta e quatro entre 1972 e 1988, João Cabral de Melo Neto vinte e três entre 1957 e 1966, Carlos Drummond de Andrade, quinze cartas, de 1940 a 1945. Outros correspondentes trocaram apenas poucas missivas, como Mário de Andrade, dez, de 1940 a 1945; Osman Lins, treze, de 1965 a 1969; Murilo Mendes, oito, de 1945 a 1967; Paulo Mendes Campos, seis, de 1947 a 1970; ou mesmo um único exemplar, como Manuel Bandeira (1947), Guimarães Rosa (1967), Jorge Amado (1968) e Cândido Portinari (1945).

Após mapear as rotas possíveis, faltavam delimitar quais territórios explorar nesse oceano de materiais disponíveis e, principalmente, como abordar (nos sentidos tanto de aproximar como de entrar para navegar) estes barcos de papel.

ECCE THÉSIS, OU TESE À VISTA

*Retornou várias vezes ao ponto de partida e tinha a impressão de que não saíra do lugar.
"Os comensais"*

Diante dessas questões, optei por elaborar uma proposta de edição anotada da correspondência recíproca de Murilo Rubião e Mário de Andrade, de Rubião e Otto Lara Resende e das cartas remetidas por Fernando Sabino a Rubião, em um total de um total de 160 documentos que abarcam os anos de 1939 a 1991. O trabalho foi precedido por reflexões críticas acerca dos arquivos literários e dos conjuntos epistolares mencionados. Como hipótese principal, propus que o arquivo e que a correspondência de Rubião fossem lidos como narrativas de formação, nas quais pode-se observar a construção das trajetórias do escritor e da obra. Tal proposta levou a outra hipótese: a de que esses conjuntos (a correspondência trabalhada na tese, mas, sobretudo, o acervo de Rubião), ao serem mobilizados como fonte de conhecimento, possibilitava a elaboração de ficções crítico-teóricas que podiam fomentar condições para outras leituras do conto rubiano.

A correspondência recíproca de Murilo Rubião e Otto Lara Resende, composta por 94 cartas, todas (até o presente) inéditas, que se estendem de 1943 a 1991, sendo 43 do primeiro escritor, alocadas no Acervo de Escritores Mineiros, na UFMG, e 51 do segundo, no Acervo Otto Lara Resende, custodiado no Instituto Moreira Salles, no Rio de Janeiro. No tocante às cartas de Sabino para Rubião, alocadas no arquivo deste, trata-se de um montante de 45 mensagens, também inéditas, que abrangem

os anos de 1942 a 1983. Quanto ao destino das cartas de Murilo a Fernando, este permanece, até o momento, no campo da especulação, pois apesar dos esforços empreendidos junto a herdeiros e a instituições de guarda e pesquisa de arquivos de escritores, ainda não obtive êxito em encontrá-las. No entanto, não desisti de localizar essas hipotéticas "cartas fantasmas".

No caso da correspondência de Rubião com Mário de Andrade, há uma edição, publicada em 1995, com o título de Mário e o pirotécnico aprendiz: cartas de Mário de Andrade e Murilo Rubião, que apresenta um conjunto de 13 missivas – nove cartas de Mário e apenas quatro de Murilo. Incomodado diante dos longos intervalos observados nesse diálogo de cartas esparsas, resolvi consultar o Catálogo Eletrônico do Instituto de Estudos Brasileiros (IEB-USP) a fim de verificar se existiria alguma carta de Murilo que porventura não houvesse sido incorporada ao livro e que pudesse ser relevante para a pesquisa. Para minha (nossa, em verdade) felicidade, ao cotejar o epistolário reunido no livro com as informações presentes na base de dados do IEB, percebi que havia sete cartas que se "extraviaram" da edição mencionada. Animado por essa descoberta, fiz novas escavações no Acervo de Murilo Rubião. Outra vez, mais uma surpresa: em meio aos 127 documentos que compõem a sub-série "Associação Brasileira de Escritores", existia um telegrama enviado de São Paulo, datado de 18 de janeiro de 1945, por um remetente de nome Mário, no qual se lê "Tudo pronto abraços Mário". Assim, com a localização dessas cartas foi possível suplementar o conjunto editado em 1995, que de 13 cartas passa a 21 missivas – 10 de Mário e 11 de Murilo, propiciando enfim, condições de se "ouvir" a voz de Murilo, que até o momento era "moço quase ausente" nesse diálogo epistolar.

Quanto ao teor das mensagens, observam-se, nestes conjuntos de cartas, os seguintes tópicos: apontamentos sobre estilo e linguagem; observações acerca do ofício de escritor e da vocação para a literatura; sugestões de autores e de leituras; visões do campo e da crítica literária a respeito da própria obra; ideias de projetos literários, planos de obras e textos em andamento.

CARTA-NÁUTICA

Até mesmo as cartas extensas não dizem metade do que deixou de ser escrito.

*Carlos Drummond de Andrade,
"O avesso das coisas – aforismos"*

Após esse breve relato, aproximamo-nos de um porto quase final (digo um, e não o, pois há vários portos possíveis). É chegado o momento de olharmos para as rotas percorridas, a fim de retraçarmos o mapa provisório ora apresentado.

Por meio da leitura dessas cartas, conhecemos não só as reflexões de Murilo Rubião (e de Fernando, Mário e Otto) sobre a arte literária, mas também temos acesso a parte da história destas amizades, bem como a um pouco de suas vidas.



Entendo que as cartas podem ser concebidas como observatórios, miradouros que permitem, ainda que à distância (espacial e temporal), ver as atividades, os posicionamentos, as relações e os embates entre os escritores, bem como a linguagem e a cultura de outras épocas. Instrumento de comunicação paradoxal, feitas para afastar (mas também para reunir), as missivas permitem a quem as escreveu (e a quem as lê), formas de aproximação – do escritor, da escrita, da história e da memória cultural.

A fim de deixar em aberto nossa conversa, na certeza de que este texto pode ser o início de uma série de diálogos, recorro ao fecho de uma carta

enviada por Sabino a Rubião em 22 de Julho de 1947: “Aqui me despeço.guardo ansioso suas notícias. Que elas sejam muitas, alegres ou tristes, felizes ou infelizes, líricas ou prosaicas, autênticas ou inventadas”.

CLEBER ARAÚJO CABRAL

é mineiro de Belo Horizonte e doutor em Estudos Literários pela UFMG. Está preparando para publicação, em 2016, as correspondências de Murilo Rubião & Mário de Andrade (Edusp) e de Murilo Rubião & Otto Lara Resende (Ed. UFMG e Ed. Autêntica).

M.N., 2-3-44

1

Mário,

Uma série de acontecimentos casotes, muito serviço, preocupações insistentes, retardaram esta carta de agradecimento pela maneira generosa com que você me recebeu, aí em S. Paulo. Várias vezes tentei escrever-lhe e não consegui. Andava desesperado - preocupações de dentro e de fóra - e tinha medo que mais uma vez v. se acusasse (e com muita razão) de "fracassismo".

Há dias que estou preso em casa, atacado de gripe. E foi bom, porque me deu vontade de escrever e cheguei até a engendrar um tema novo para conto, que foi qualificado de ótimo pelo Nélio e Fernando. Este último quis até roubar-me a história... O que me faz pensar que ela é boa mesmo. Mas isso não importa. De temas bons o mundo anda cheio. A realização deles é que interessa. E é justamente por causa dessa maldita realização que me dá vontade de não adiar mais esta carta para você.

Depois de esquetizada toda a história, na cabeça e no papel, no querido Mário, me dispus a escrevê-la definitivamente. Aí veio o "burgoo". Escrevi uma dúzia de "começos" e nada. Estou há quatro dias em cima do conto, e nada. Às vezes começo a história em tom de introdução; outras muito dramática, outras muito complicada. E quero uma coisa simples, desilizando suavemente, para que o drama não surja ^{apareça} das palavras e não agarre (melhor, agarre o leitor) desprevinido. Enfim, alcançar essa mais do que custosa simplicidade.

O que lhe estou contando se repete constantemente - e que desesperadora constância! - em todos os contos que me proponho escrever. Mas não lhe estou dizendo ^{em vão}. Esse Ven a propósito de uma acusação que se fez Paulo Mendes Campos e que, na hora, o Fernando também a aceitou como verdadeira. Disse-me o Paulo que eu sou muito "fácil" e que eu precisava de estudar melhor a minha "técnica" e fugir de uma certa "gratuidade" que se avola (palavra besta!) nitidamente dos meus contos.

2

Mário: eu sou inálgico, por temperamento e princípio, de colera. Aceito, com grande grande humildade, todas as críticas que me fazem. Pensei nelas e quase sempre as aceito. Porém, ante o que disse o Paulo Mendes Campos, perdi as estribeiras e encerrei a discussão com

uma inominável grosseria: "É impossível discutir tamanho burrice!" E fui saindo, o que foi pior. Afinal, tudo acabou bem. Eles se conhecem bem e sabem que o rancor não permanece por muito tempo no meu coração.

Fiquei ainda mais indignado (apesar do insulto não ser para ele) com o Fernando, que sabe como difícil é a minha literatura; quanto eu escrevo e reescrevo os meus trabalhos; e como eu vivo relendo os meus trabalhos (principalmente os publicados), procurando falhas, erros. O Fernando, que conhece a melhor que ninguém, o meu processo de trabalho: nasce e nasce com o tom na cabeça, contendo os anjos os detalhes da história. Depois escrever, jogar fora, pegar de novo. E quando termino, Mário, eu sei o que fiz. Eu sei - e não dolorosa no ó, às vezes, a minha e insuficiência - porque não consegui levar a história ^{em um} ao mesmo grau de intensidade. Se não raro angustio-me quanto ao alcance e objetivo (não sei se se me exprime bem) da história, é porque fui superado por ela. Mas atenção, o que desajava com ela, eu sei sempre qual seja. O meu trabalho nunca foi inconsciente. A parte de inconsciência que, forçosamente, possa existir nele, é o natural de toda criação.

Pelo amor de Deus, Mário, não se julgue suficiente. E eu estou apenas me defendendo (e com você, que, afinal, não me acusou e pode perfeitamente dizer que nada tem a ver com isso). E defendendo coisas que têm que ser verdadeiras, e que se não fossem, se fariam desistir.

Muita gente acha "fácil" a minha literatura. Não é a primeira vez que sou acusado. Todavia, ~~se esqueça~~ se esqueça de que a minha literatura necessita de aparentar "facilidade" afin de poder impor a realidade dos meus temas. E, francamente, dá vontade de mandar nomes feios ao receber uma acusação dessas. Gratuidade! Aos diabos com a gratuidade! Como se eu tivesse tendo todo esse longo trabalho para fazer arte pura! Eu tenho uma porção de coisas para contar. Não sei contá-las com facilidade. Mas, por uma vez, são tão difíceis de serem ordenadas, quanto a minha maneira de dizê-las.

Mário: você nada tem que ver com tudo isso, torno a repetir. Mas eu precisava desabafar-me com alguém. Principalmente agora, neste momento, que o desajôre se anintra. E tudo por ^{um} conto que não consigo começar.

Um abraço, um grande abraço

1 Esta carta integra o volume *Correspondência Mário de Andrade & Murilo Rubião* (Edusp, no prelo), organização, introdução e notas por Cleber Araújo Cabral e Marcos Antonio de Moraes.

2 Paulo Mendes Campos (1922-1991). Seis cartas de PMC para Murilo Rubião, presentes no arquivo deste, dão testemunho do convívio e da (curta) correspondência entre os dois escritores.

(MR)

Madri, 30 de Julho de 1957¹

Meu velho Otto,

A sua carta me encheu de alegria. Ela veio em uma hora boa, justamente quando mais eu necessitava de uma carta amiga. Apesar de fabulosa, Madri é tudo, menos Belo Horizonte.

Segue, com este bilhete, um conto que acabo de escrever.² Como não se trata de trabalho acabado, muito agradeceria a sua colaboração, corrigindo-lhe os possíveis erros gramaticais e dando a sua opinião sobre.

A verdade, meu caro Otto, é que ele me satisfaz pouco, apesar de ter trabalhado muito na sua feitura.

Pediria ainda que você, logo que pudesse, me enviasse de volta o original (corrigido), pois não possuo cópias, ou melhor, as que tenho estão ilegíveis.

Mando-lhe também uma entrevista do Paulo³ que, de certo modo, nos dá uma pequena chance de entrarmos na posteridade.

Um grande e afetuoso abraço do seu fiel

Murilo

Carta assinada: "Murilo"; datada: "Madri, 30 de julho de 1957"; autógrafo a tinta azul; papel timbrado com o brasão da República Federativa do Brasil e os seguintes dizeres: "ESCRITÓRIO DE PROPAGANDA E EXPANSÃO COMERCIAL DO BRASIL / MONTERA, 25-27 / Telefone: 22 89 06 / End. Teleg: <BRASBUREAU> / MADRI - ESPANHA"; 1 folha.

1 Estas cartas integram o volume *Mares interiores: correspondência Murilo Rubião & Otto Lara Resende* (Ed. Autêntica e Ed. UFMG, no prelo), organização, prefácio e notas por Cleber Araújo Cabral.

2 Trata-se do conto "Teleco, o coelhinho", publicado pela primeira vez no livro *Os Dragões* (1965).

3 Menção à reportagem de Renard Perez "Escritores Brasileiros Contemporâneos - n. 52 - Paulo Mendes Campos", publicada no *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 1957. Nesse texto aparece o "retrato de uma geração", mencionado na carta por Otto, no qual constam Otto Lara Resende, Fernando Sabino, Paulo Mendes Campos, Murilo Rubião e Emílio Moura.

(OLR)

Bruxelas, 17 de Setembro de 1957

Meu caro Murilo,

Antes de mais nada, desculpe se custei tanto a responder-lhe. Trabalho, pequenas viagens, reumatismo, preguiça, rotina e os desvios naturais que subjagam a vontade fazer (escrever-lhe, por exemplo) e não se faz. Li o conto várias vezes. Já lhe conhecia o plano, do Rio, naquele tempo, lembra-se? Sempre situei, de cada vez que o li, a aparição do coelhinho no Posto Seis... O conto me parece dos seus melhores. É estranho, forte, surpreendente. (...)

(...) Quanto ao recorte do Correio da Manhã, devolvo-o a você. Recebi um igual do Rio, mandado pelo meu irmão. Contemplei longamente a fotografia, lembrei-me das circunstâncias, do dia em que a tiramos, lembra-se? Lembra-se da ausência (e dos motivos dela) do Hélió? Ele se encaminhava para o fotógrafo conosco, até a Praça Sete, quando desapareceu... Como éramos moços, meninos! Veja as caras, que tristeza, não é mesmo? Meu bigode, horrível... Era um buço, só foi cortado aos 23 anos, pela primeira vez, e na Associação Cristã de Moços, sob a regência do maestro Fernando Sabino. A cara do Fernando (um menino! Foi com essa cara que ele se casou?!), a cabeleira do Paulo, gente! O bigode do Emílio, verdadeiro acento circunflexo sobre a boca. E você... Grande retrato! Fiquei pensando como surgiu a ideia de fazê-lo, me ocorreu que só você poderia ter tido ideia tão sensata e rica e, ao mesmo tempo, poderia ter levado a turma a concretizar essa ideia, que hoje nos permite voltar, à vista de um documento, os olhos para aquele tempo, ainda ontem e já tão distante! Muito obrigada, pois. É como você diz: a entrevista do Paulusca é uma chance de posteridade...

(...)Receba o abraço do velho amigo

Otto

Carta assinada: "Otto"; datada: "Bruxelas, 17 de setembro de 1957"; datiloscrito; autógrafo a tinta preta; rasuras e anotações autógrafas a tinta preta; 4 folhas.

Caricatura de Murilo Rubião por Fernando Pieruccetti, conhecido como Mangabeira





O "Pirólécnico Zacarias"
foi "Convocado"
a ir na casa
do "Girassol Vermelho"
Bever o "En. Mágico!"

Frente e verso de ilustração feita pelo artista plástico Chanina em 1983, fazendo referência a vários personagens dos contos de Murilo Rubião.

Um inventário: o escritor e seu arquivo

MARIANA NOVAES

Em texto publicado para a *Revista da Semana*, em 1954, Hélio Pellegrino diz que Murilo “tem várias pequenas manias, entre as quais avulta o seu hábito de colecionar cartas, mesmo as mais insignificantes, e tudo o que se relaciona à sua pessoa”. Num rigor quase arquivístico, intencional e generosamente, Murilo Rubião arquivou sua própria vida: guardou, selecionou, organizou, tratou, catalogou e editou a sua maneira todos os documentos que julgou necessários para que leitores e pesquisadores pudessem ler sua vida e obra conjugadas.

Localizado no Acervo de Escritores Mineiros, mais especificamente na Biblioteca Central da UFMG, o fundo de Murilo Rubião contém aproximadamente 9600 documentos manuscritos e datilografados (originais, cartas, correspondência, fotografias, quadros). No fundo encontramos todo o universo do escritor: documentos pessoais que tratam desde sua vida escolar – quando, em 1935, concluiu o bacharelado em Humanidades no Colégio Arnaldo, em Belo Horizonte – e universitária – em 1943 quando formou-se em direito pela Faculdade UMG –; das funções que exerceu como funcionário público, jornalista, diretor e idealizador do *Suplemento Literário do Minas Gerais*; como adido cultural em Madri e chefe de gabinete do governador Juscelino Kubitschek e, tão importante quanto, de sua vida como escritor: o percurso que levou à publicação de seu primeiro livro; a correspondência trocada com amigos, escritores e tradutores como Mário de Andrade, Otto Lara Resende, Fernando Sabino, Paulo Mendes Campos, Nelly Novaes Coelho; os manuscritos e datiloscritos de contos publicados e não publicados pelo autor e também toda a fortuna crítica que trata sobre a recepção de sua obra – periódicos, artigos e trabalhos acadêmicos. Murilo tentou de certa forma escrever sua própria história, sua imagem pessoal e profissional (o escritor e o funcionário público) a partir de seu arquivo.

Com exatidão, o escritor organizou sua vida em pastas. Separou cada correspondência e periódicos sobre cada obra publicada (na pasta sobre *O ex-mágico*, por exemplo, encontramos uma relação de três páginas feita pelo escritor com todos os documentos contidos nela). Em muitos documentos inseriu sua fonte (local, data, autores). Nas correspondências trocadas, com um lápis colorido ele corrigia erros de português, escrevia “responder” em algumas cartas e também a profissão e nome de cada remetente. Nos periódicos, muitos deles colados em papel A4, além

de sublinhados alguns trechos, encontramos datilografados a fonte, a data e o local de publicação de cada matéria.

No que se refere à vida literária do escritor, dentre os documentos presentes no arquivo de Murilo Rubião, merece a atenção do pesquisador uma pasta intitulada “O ex-mágico” que trata, entre os anos de 1943 a 1947, do percurso genético e editorial até a publicação de seu primeiro livro, *O ex-mágico*, em 1947. A pasta, que é composta por cartas de escritores, editores e colegas, torna-se também um documento que complementa a narrativa da trajetória literária, perseverante e solitária, seguida pelo escritor Murilo Rubião. Nela, além da recusa de editoras, é possível ler a ajuda indispensável que tiveram os amigos para que Murilo conseguisse publicar o seu primeiro livro: durante quase quatro anos, Marques Rebelo e Oswaldo Alves foram uma espécie de agenciadores, circularam os originais do escritor em editoras do Rio de Janeiro e de Porto Alegre. Somente em 1947, numa edição parcialmente autofinanciada pelo escritor, Murilo Rubião conseguiu publicar o seu primeiro livro *O ex-mágico*, numa tiragem de 2 mil exemplares, pela Universal, editora nova que tinha publicado apenas dois títulos, entre eles o livro de estreia de Guimarães Rosa, *Sagarana*. Em carta de junho de 1946, Marques Rebelo tenta convencer Murilo para que aceite a proposta da editora:

Estou te enviando a proposta feita pelo Caio. Foi o melhor que foi possível se conseguir. A editora é nova e com pequeno capital. Todavia, já lançou dois livros de sucesso, sendo que Sagarana esgotou-se em 15 dias, de sorte que ele está animado. E os livros têm ficado muito bem apresentados, e quando uma editora publica assim dois livros tão interessantes, os que vêm a seguir já estão automaticamente recomendados. Eu creio que você deve fazer negócio. É preciso você ficar livre deste livro, que até agora tem sido infeliz. (Carta de Marques Rebelo a Murilo Rubião, Rio de Janeiro, 30 de junho de 1946).

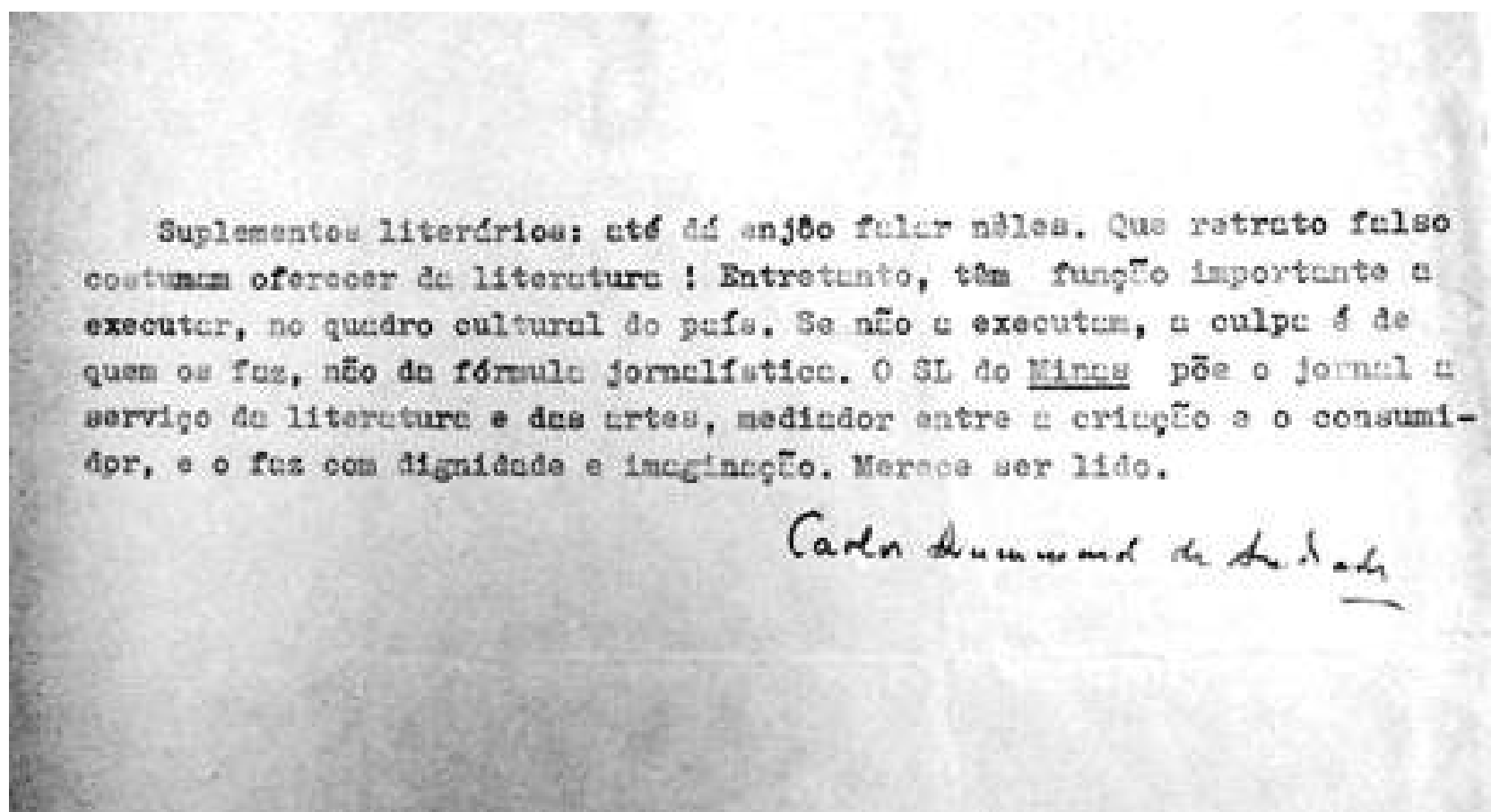
Apesar da publicação de três livros – além de *O Ex-mágico*, Murilo publicou também *A Estrela Vermelha* (1953, pela editora Hipocampo) e *Os Dragões e outros contos* (1965, pela editora Movimento-Perspectiva) –,

durante quase três décadas a obra do escritor passou por longos períodos de indiferença e de tardio reconhecimento. Somente no fim dos anos 1960, com o apogeu do realismo mágico hispano-americano – numa assimilação discutível – a obra de Murilo Rubião foi reconhecida pela crítica. Nessa época surgiu o maior número de críticas e traduções de sua literatura e, em 1974, o livro *O pirotécnico Zacarias*, composto por contos republicados, atinge um número de vendas de mais de 100 mil exemplares. Em carta de 1967, Antonio Candido confessa não ter percebido o caráter precursor de sua literatura: (...) *E isto tudo dá o seu livro uma tal atualidade que só agora vejo como você estava desde há muitos anos, e sem que eu percebesse devidamente, instalado de pleno direito no cerne das melhores experiências da ficção contemporânea.*

Distribuídos em sete edições, Murilo Rubião publicou em vida apenas 32 contos. A concisão de sua obra marca também outra característica peculiar no escritor: o constante processo de escrita e reescrita de seus contos, que denunciam o caráter de filólogo de sua própria escrita. De forma quase obsessiva, seus contos foram constantemente e até a morte reescritos e reelaborados, sujeitos a inúmeras revisões, modificações e transformações. O processo de criação muriliana reflete a concepção do artista e da obra moderna: incessantemente *in progress*, a escrita é fruto de um trabalho meticuloso, árduo e sempre inacabado, sendo até mesmo encarado como uma "maldição". A rigidez e a permanente insatisfação com a escrita de seus contos é também registrada no seu arquivo: além

de correções de contos e de provas que foram enviadas às editoras – importantes para compreensão da gênese de sua obra – encontramos nove manuscritos e datiloscritos de contos jamais publicados, alguns finalizados e outros inacabados, escritos durante o período de 1946 a 1987. O conto "O guarda-costas", por exemplo, como documentado no arquivo, demorou mais de 27 anos para ser escrito, sem jamais ter sido publicado.

Como se sabe, Murilo nunca teve pressa na novidade. E um exemplo do trabalho paciente e meticuloso de sua escrita é a elaboração do conto "O convidado". Paulo Mendes Campos conta que no I Congresso Brasileiro de Escritores, em 1945, os dois ficaram hospedados no mesmo quarto. Já na hora de dormir, Murilo perguntou se o colega se importava em dormir com a luz acesa, que ele pretendia escrever um pouco. "Não, não se importava, já estava mesmo apagado, qual a diferença?" E Murilo, que naquela época era um escritor sem livro publicado, escreveu durante a noite inteira. No outro dia, Paulo Mendes Campos, quando foi ver o resultado da vigília do colega, encontrou muitos papéis amassados no chão e "sobre a mesa pousava apenas uma folha de papel azulado. No alto do papel vinha escrito O Convidado. Abaixo: Conto de Murilo Rubião." Na folha, também dez linhas rabiscadas, ilegíveis e embaixo: "fim do conto: o convidado não existe". Mais tarde, Murilo contou-lhe que não achara o fio do conto e nem esperava por isso tão cedo. Mas nem Paulo Mendes Campos esperava que fosse tão tarde: só 26 anos depois o conto ficou pronto.



Rio de Janeiro, 30/6/46

Meu caro Murilo

Estou te enviando a proposta feita pelo Caio. Foi o melhor que foi possível se conseguir. A editora é nova e com pequeno capital. Todavia, já lançou dois livros de sucesso, sendo que "Sagarana" esgotou-se em 15 dias, de sorte que ele está animado. E os livros têm ficado muito bem apresentados, e quando uma editora publica assim dois livros tão interessantes, os que vêm a seguir já estão automaticamente recomendados.

Eu creio que você deve fazer o negócio. É preciso você ficar livre deste livro, que até agora tem sido infeliz. Depois então, novo caminho, e neste ou no que vem, eu jogo em você. Na verdade, com tanta estréia que tem havido lançada por editoras novas, há uma certa melancolia, raiva ou qualquer coisa assim. Mas não é para desconsolar inteiramente. Eu poderia te contar dezenas de cavalheiros que brilham nas nossas letras e que fizeram seu livro não recusado pelos editores, e que são hoje os maiores do campo literário. Você se lembra do caso de Giro, não é? O José Olímpio recusou o "Amantissimo", apesar de todo o esforço de Carlos Drummond. E este seu criado pagou a primeira edição de "Oscarim". De sorte, que como você agora não está mal de vida, creio que ainda é uma boa coisa. Você sabe que o livro hoje é título, e o teu é de primeira ordem.

Depois, você com um bom trabalho venderá bastante desse livro aí. Eu por minha parte farei o possível por aqui. E vou te dar uma lista de gente aí neste mundo e no outro, para você remeter o volume. Com uns quinhentos farenos uma bela campanha de propaganda.

O Caio esqueceu-se de dizer na carta que nos 1.500 restantes você terá 10% sobre a capa. Isso é importante porque você poderá receber ainda algum dinheiro que diminua o prejuízo, talvez três contos, se vender tudo na base de vinte mil réis, ou então você terá crédito para comprar mais uma boa quantidade, esperando ganhar no seu segundo livro ou na segunda edição do Mágico.

Você me falou em carta comercial, mas eu estou dando uma carta que afinal também é bastante comercial.

Em resumo, a minha opinião é esta: aperte a barriga e faça o livro.

E me escreva sobre o assunto, urgente.

Com um afetuoso abraço do

Luiz de Lencastre

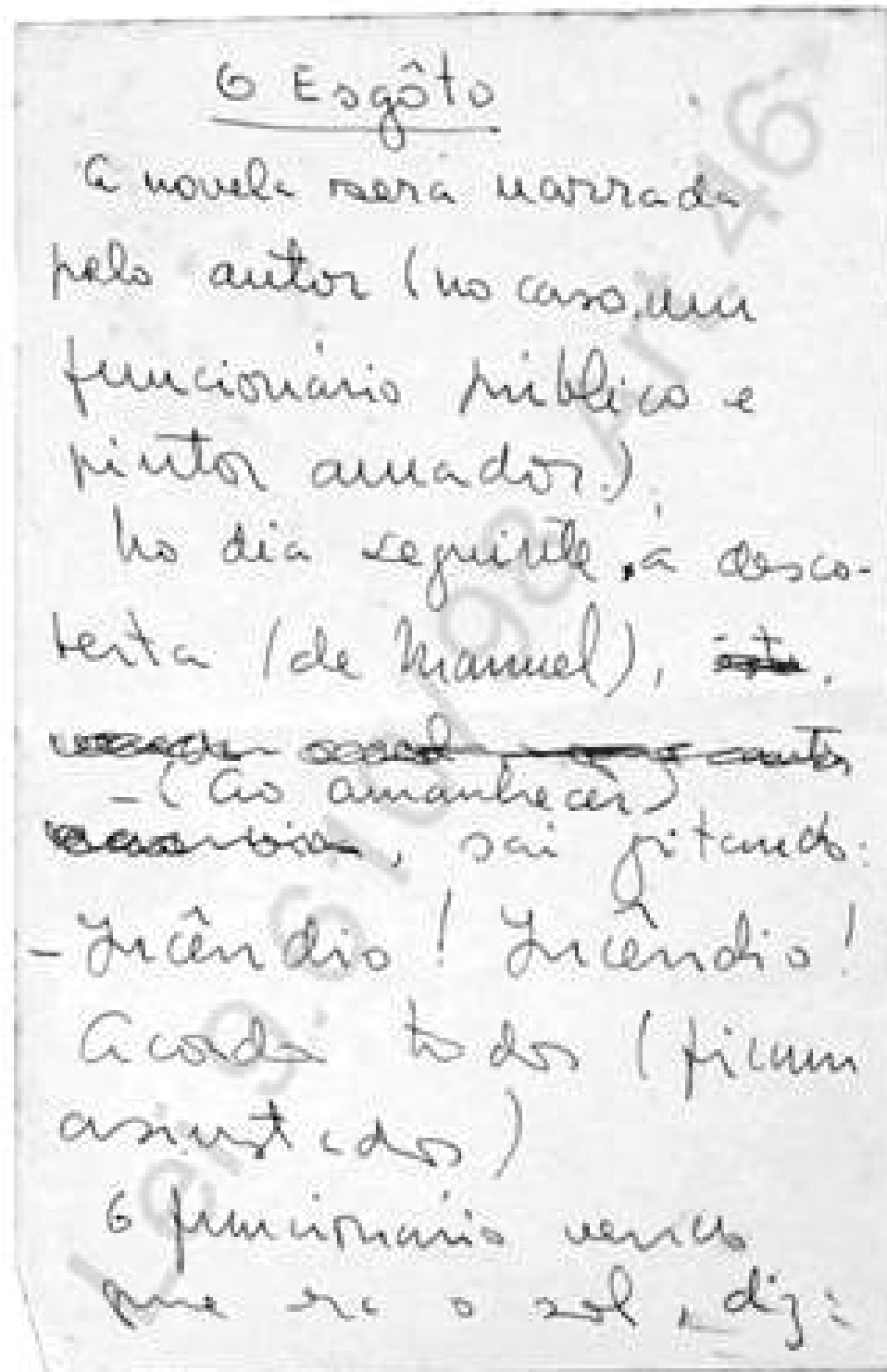
Como funcionário público e jornalista, merece destaque o arquivo que trata sobre sua participação no *Suplemento Literário do Minas Gerais*, do qual foi diretor e idealizador. No arquivo de Murilo Rubião, o maior volume documental sobre a sua participação na vida pública é o que se refere ao *Suplemento Literário do Minas Gerais*. Totalizam-se mais de 1.700 documentos, dentre recortes de jornais e revistas, correspondências e fotografias que tratam sobre a história e os bastidores do jornal criado pelo autor de *O ex-mágico*.

Nas cartas e periódicos analisados, além dos bastidores da redação e o processo de elaboração e construção do *Suplemento Literário do Minas Gerais*, assiste-se ao trabalho (muitas vezes penoso e exaustivo) que Murilo teve na organização e edição do jornal. Tornando mais rico ainda o acervo epistolar do escritor, na época, a redação do SLMG não dispunha de um telefone, e Murilo negociava quase todas as colaborações por correspondência. Nas cartas, por exemplo, além dos elogios e críticas, lê-se a articulação de Murilo com os colaboradores, depara-se com problemas corriqueiros como atraso de pagamento e o não envio de um exemplar, veem-se sugestões de matérias e edições especiais enviadas pelos escritores e, mais ainda, vê-se toda a fundamentação e engajamento de Murilo Rubião no jornal. Em carta a escritora Cosette Alencar, publicada no jornal *Diário Mercantil* de Juiz de Fora, o escritor desabafa: “estou na luta semanal de fazer um suplemento, onde escrevo, peço colaboração, faço pagamentos, remeto exemplares, controlo revisão, impressão, composição, faço a correspondência, cobro as secções fixas, brigo com a burocracia da Imprensa Oficial.”

O arquivo *Suplemento* revela também a articulação do escritor com outros escritores da época, seu papel como divulgador e padrinho de novas gerações de escritores (não apenas a geração que se formou na sala de redação do jornal, conhecida como os novos ou geração suplemento), mas também da literatura brasileira e estrangeira que surgiam na metade da década de 1960. Murilo abriu espaço no jornal para que novos escritores estreassem sua literatura, para que textos inéditos (como Julio Cortázar) fossem traduzidos e também para que muitos escritores já renomados divulgassem sua obra (como é o caso de Carlos Drummond de Andrade, os irmãos Campos, Lygia Fagundes Telles e Clarice Lispector).

O documento que é encontrado no arquivo de um escritor não é, portanto, condição *sine qua non* para a interpretação de sua obra. Neste caso, deve ser encarado como complemento e jamais como suplemento, ou seja, algo indispensável. Quando analisamos a vida de um escritor, para entendermos de que maneira a trajetória de Murilo Rubião influenciou sua sensibilidade artística, apesar do documento ser uma excelente fonte para pesquisa também é preciso ter cuidado com o “mal de arquivo”. Dentre todas as interpretações que o arquivo de Murilo Rubião oferece, é mais relevante pensarmos na imagem que o escritor revela e na imagem que teve intenção de revelar.

Dessa forma, Murilo Rubião, além de editor de sua própria vida, revelando as diversas personalidades que representou: o escritor, o diretor do *Suplemento*, o chefe da Imprensa Oficial, o amigo, também foi editor de sua própria obra, em que cada particularidade (o gesto de escrever e reescrever, a temática e as epígrafes) abraça o seu projeto literário consciente, unificando-se. Murilo são muitos, no entanto, o escritor e sua literatura permanecem singulares e solitários.



MARIANA NOVAES

mineira de Belo Horizonte, ex-pesquisadora da UFMG, atualmente leciona em Poitiers, França.

PELOS OLHOS DOS AMIGOS

Murilo Rubião conviveu com várias gerações de escritores. Foi amigo e correspondente da turma que começou a escrever na sua juventude e que, com o tempo, debandou para outros estados, do quarteto de amigos que surgiu nos anos 40 e que também foram desenvolver suas carreiras no Rio de Janeiro e da turma que ele mesmo formou dentro de sua criatura, o Suplemento Literário do "Minas Gerais". Aqui, alguns deles contam como era o convívio com ele, lembrando seu lado humano e generoso.



Cid Rebelo Horta, Alphonsus de Guimaraens Filho, Otto Lara Resende, Murilo Rubião, Fernando Sabino e Hélio Pellegrino



Murilo e os novos de 1968 na redação do SLMG. Em pé: Fábio Lucas, Ildeu Brandão, Luís Gonzaga Vieira, Humberto Werneck, Luiz Vilela, José Renato Pimentel, Murilo, Autran Dourado e Franklin de Salles. Agachados: Carlos Roberto Pellegrino, José Márcio Penido e Sérgio Danilo.



Restaurante do Minas Tênis Clube, fim dos anos 80: Otto Lara Resende, Aires da Mata Machado Filho, Alphonsus de Guimaraens Filho, Hélio Pellegrino, José Aparecido de Oliveira, Murilo Rubião e Paulo Mendes Campos.

MEU TIO

SILVIA RUBIÃO

“Fui à festa no castelo e trouxe uns docinhos pra você. Mas na volta, escorreguei na careca do tio Murilo e tudo caiu no chão”. Assim minha mãe, uma talentosa contadora de histórias, encerrava os contos de fadas, depois que o príncipe resgatava a princesa em seu cavalo branco e a pedia em casamento. Durante algum tempo esse tio de cabeça luzidia e fartos bigodes povoou minha infância como uma figura mais imaginária do que real.

Nessa época, meados dos anos 1950, ele morava em Madri, na Espanha, e só se materializaria diante de meus olhos duas ou três vezes, de chapéu e sobretudo, ao desembarcar no Aeroporto da Pampulha. Ali começava a festa, que prosseguia com a mala aberta diante da família reunida, na sala de nossa casa. Tal qual o mágico de sua cartola, o misterioso careca ia retirando mantilhas, leques, castanholas, adereços de toureiros e lindas bonecas espanholas.

Já restabelecido em Belo Horizonte, passamos a ter uma convivência real e mais frequente. Aos sábados, vinha sempre almoçar conosco. Era quando minha mãe caprichava no pão de queijo e na costelinha com canjiquinha, suas iguarias prediletas. Era muito ligado ao meu pai, o médico Paulo Emílio, seu único irmão, um ano mais moço. Introspectivos e de poucas palavras, pareciam-se na personalidade, embora opostos no estilo de vida.

Meu tio, como se sabe, nunca se casou. Não foi por falta de candidatas e pressões familiares. Suas relações com as mulheres, algumas breves, outras longas e intermitentes, alimentavam o folclore em torno de sua figura enigmática, envolvendo até uma afamada atriz. Quando minha avó e tias começavam a se alvoroçar com algum namoro mais explícito, elas desapareciam. Ele dizia que era melhor ser solteiro, para “errar sozinho”, revelando, também aí, o grande leitor de Machado de Assis que era. Na verdade, cultuava bastante sua independência e a liberdade das noites de boemia. Em nada o inspirava o modelo “pai de numerosa prole” de seu irmão, cujas incursões na madrugada restringiam-se a estudos de casos, aulas a preparar e contas a pagar. Diferenças à parte, eram o esteio um do outro. Encontravam-se sempre, fosse para ouvir no rádio jogos de futebol, irem ao sítio em Itaúna ou para juntos se desesperarem diante das coisas práticas da vida para as quais definitivamente não eram talhados. Declarar Imposto de Renda anualmente era uma delas.

Durante muitos anos, achei que meu tio trabalhava na Gruta Metrópole, o lendário bar da Rua da Bahia. Às vezes quando era levada ao centro da cidade por algum motivo, minha mãe me deixava no consultório do meu pai, na Praça Sete, para voltar com ele. Era quando, a

caminho de casa, ele me propunha dar uma paradinha na Gruta “para ver o tio Murilo”. No mais só me lembro do falatório enfumaçado, dos pastéis deliciosos e dos apertos na bochecha.

Cresci e nos aproximamos mais, tanto quanto dois tímidos são capazes. Ele percebia meu interesse por histórias e me estimulava. Aprendi a ler sozinha num alfabeto de brinquedo dado por ele, quando uma grave nefrite me deixou acamada por um longo tempo. Elogiava minhas redações e me dava livros (não emprestava, nunca, para ninguém!). O primeiro Monteiro Lobato foi ele quem me deu: Viagem ao Céu. E quase todos os outros. Viajar com os olhos por sua biblioteca toda encadernada em capas coloridas era um imenso prazer assim como batucar nas teclas de sua máquina de escrever. Sei que o frustrei ao não honrar a tradição familiar e me tornar escritora, como também o foram meu avô, Eugênio Rubião, e o primo Godofredo Rangel, entre outros. Certamente lamentava ver a literatura perder espaço na vida da adolescente mais interessada em namorar e curtir bandas de rock. Já adulta, para seu entusiasmo, ganhei concursos de contos e poemas, mas logo me retraí, perdida entre o ganhar a vida e o cuidar de fraldas e mamadeiras.

Nessa época, final da década de 1970, fomos vizinhos de porta num prédio na Serra, na Rua do Ouro. Com três filhos pequenos e trabalhando, pouco pude aproveitar da privilegiada convivência e das noitadas em seu apartamento, onde, pelo menos uma vez por semana, variados grupos de amigos, artistas e intelectuais, rompiam a madrugada em torno de garrafas de uísque.

Por trás da sisudez, de uma discreta gagueira e da economia de gestos, revelava-se um homem extremamente cordial, bom ouvinte, generoso e com sarcástico senso de humor. Tinha um jeito afetuoso de por as mãos nos ombros do interlocutor, coçar o queixo e perguntar com interesse como ia a vida. Era um ser gregário, sempre atraindo pessoas à sua volta. Sua solidariedade não escolhia hora, lugar, nem pessoas. Ninguém saía de sua casa sem ganhar alguma coisa. O bolso cheio de balas para as crianças; sempre uma palavra atenta, para porteiros, motoristas, secretárias, que o adoravam.

Vivia rodeado por jovens. Nas festas de família, evitava os mais velhos que, segundo ele, “só falavam de doença”. Logo se tornou guru e mentor de toda uma geração, que gravitava ao seu redor fosse em sua casa, na redação do Suplemento Literário ou nos bares do Maletta. Atendia a todos, lia e relia originais, corrigia, indicava leituras, encorajava. Muitos deles são hoje escritores e artistas consagrados. Quando começou a ter notoriedade, ia com frequência às universidades, recebia

grupos de estudantes, dava entrevistas. Via entusiasmado seus contos serem adaptados para teatro e cinema. Assim, o jeito comedido, a figura reservada, sempre de paletó e piteira nas mãos, escondia um homem de vanguarda desde os tempos de estudante, sempre à frente de movimentos inovadores.

Como escritor, dono de uma obra seminal em língua portuguesa, certamente teria desfrutado de reconhecimento muito maior se não tivesse optado por permanecer entre as montanhas. Apesar dos insistentes apelos dos amigos para se transferir para o Rio de Janeiro, destino de quase todos os expoentes de sua geração, preferiu ficar em Belo Horizonte. Alegava que não podia por ter “negócios” aqui. Os negócios eram na verdade sua intensa vida interior, o apego às origens, a tudo que fosse genuinamente mineiro, grande insumo de sua obra universal e atemporal. O amor à terra certamente se traduziu também na liderança que exerceu, nas iniciativas que patrocinou e no muito que fez pela cultura mineira, não se contentando em ser apenas um grande escritor.

Não reencontrou a fé religiosa perdida na juventude como disse um dia desejar. Era declaradamente agnóstico, mas tinha um sentimento religioso profundo, fascinado pela mitologia do Antigo Testamento, pelo

fatalismo das profecias. Colecionava oratórios e santos barrocos, tinha a Bíblia na cabeceira e dizia ter muita fé em Nossa Senhora. E foi profundamente cristão em tudo que fez, na simplicidade, na delicadeza de sentimentos, no exercício cotidiano da generosidade.

No final da vida, em função da doença que o acometeu, isolou-se efetivamente e, para nosso desconsolo, parou de produzir, deixando por finalizar muitos contos e duas novelas já esboçadas. Honrou-me com o seu maior legado: a gestão de sua obra e de seu acervo, que doei à Universidade Federal de Minas Gerais, conforme seu desejo. Lá é permanentemente estudado por uma infinidade de pesquisadores dos cinco continentes e cada vez mais reconhecido como um dos grandes nomes da literatura brasileira e latino-americana.

Há 25 anos, no dia 20 setembro de 1991, foi aberta, em Belo Horizonte, a primeira edição do projeto Memória Viva, com uma exposição no Palácio das Artes — “Murilo Rubião, construtor do absurdo” —, toda preparada para homenageá-lo em vida. Não foi possível. Como o grande personagem de si mesmo que sempre foi, o convidado não apareceu. Morreu quatro dias antes. Era uma manhã sombria do dia 16 de setembro, dia do meu aniversário.



Murilo e Sílvia, 1972.



Rua do Ouro, bairro Serra. Em frente à casa de Murilo, seu irmão Paulo, a cunhada Maria Eugênia e a sobrinha Sílvia.

SÍLVIA RUBIÃO

mineira de Belo Horizonte, é graduada em Comunicação Social. Em 2005, publicou o livro de poemas *Tangências*, pela Editora 7Letras.

Um fascinante autor-personagem

ELIFAS ANDREATO

O primeiro livro de contos que illustrei foi *O pirotécnico Zacarias*, de Murilo Rubião, em 1974. O livro inaugurava a coleção Nosso Tempo, na Editora Ática, dirigida por Jiro Takahashi. A publicação do livro deu súbita fama a Murilo e, a mim, a oportunidade de ilustrar todos os demais livros da coleção. Mão sei o número exato de livros, foram muitos. Não cito os autores, todos afamados, para não correr o risco de esquecer alguns.

De Murilo Rubião, conhecia poucas coisas. Sabia sobre seu primeiro livro, *O ex-mágico*, publicado em 1947, que teve pouco sucesso. Também sabia que era jornalista e que constava em seu currículo a chefia de gabinete do governador Juscelino Kubitschek. Ao receber seus originais, descobri que ficaram engavetados por 15 anos. Por isso, Murilo não teve o reconhecimento merecido como precursor da literatura fantástica, que tanto sucesso fazia em livros de autores latino-americanos.

Ainda hoje, quando vejo os desenhos que fiz para os contos de Rubião, sinto uma enorme gratidão pela escolha do meu nome para ilustrar suas fantásticas histórias. Elas me permitiram criar imagens e ambientes estranhamente absurdos, que até então eu não havia experimentado. Não havia naqueles textos limites para a imaginação.

No lançamento do livro, em Belo Horizonte, os editores levaram meu trabalho para uma galeria de arte onde ocorreria o evento. Antes, fui conhecer o autor. Sua figura franzina vestida com terno e gravata não combinava com sua arte absurdamente surreal. Cortês e tímido, me cumprimentou e agradeceu pelos desenhos. Eu o abracei e agradei pela oportunidade de também enlouquecer um pouco mais após ter lido e ilustrado suas histórias. Ele sorriu um riso silencioso que me lembrou o riso dos velhos palhaços.

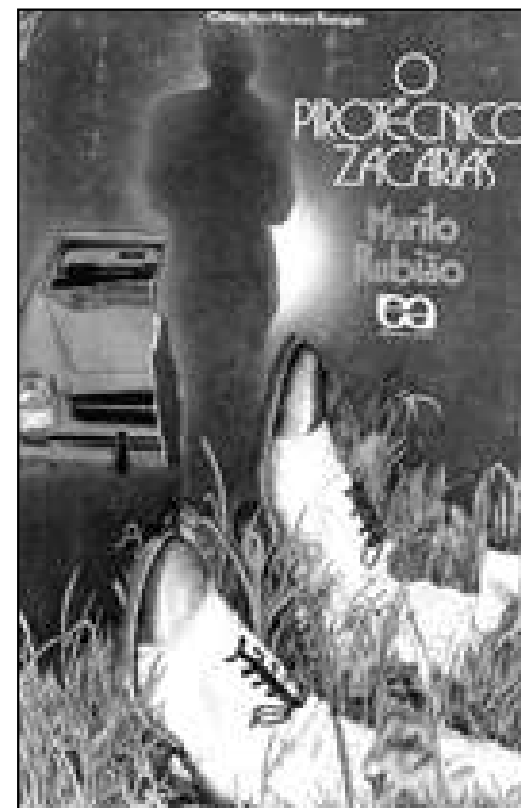
Emocionado e caminhando a seu lado, tive a certeza de que era ele próprio o meu personagem favorito, e não todos os outros para os quais inventei alegorias em preto, branco e cinza. Mais à noite, lhe disse: "Bárbara" é o meu preferido!. Ele sorriu e perguntou por que aquele conto era o que mais me agradara. Olhei para o céu, e ele, timidamente orgulhoso, falou: Entendi.

Bárbara fazia pedidos absurdos ao marido. O sujeito prontamente atendia a todos os desejos. Uma noite, ele a viu olhando o céu. Imaginou que lhe pediria a Lua, mas quis apenas uma estrela, e ele foi buscá-la. Assim termina um dos mais belos contos já lidos por mim, escritos pelo autor-personagem mais fascinante que conheci.

É bom poder contar, tantos anos depois, as lembranças de uma das melhores noites da minha vida. A noite em que conheci Murilo Rubião, o criador da literatura fantástica da América Latina. Uma literatura que nos foi sonogada pela negligência da nossa insistente ignorância diante de tudo que ainda não conhecemos.

ELIFAS ANDREATO

é paranaense de Rolândia. Artista plástico e designer gráfico, concebeu icônicas capas para livros de Murilo Rubião.



DEZ CENAS, EM CURTA-METRAGEM, PARA LEMBRAR MURILO RUBIÃO

PAULINHO ASSUNÇÃO

1. Ver outra vez Murilo Rubião na Rua Trifana, ali onde a Rua Trifana, entre um aclave e um declive, forma um côncavo, uma espécie de concha, ver ali Murilo Rubião retirar balas do bolso do paletó e distribuí-las aos meninos da vizinhança.

2. Ver Murilo passar pela Praça Afonso Arinos, diante da antiga Minas Caixa, ver o mágico numa manhã qualquer das nossas lembranças, vê-lo simples e tranquilo, ele com a sua calva iluminada, homem comum, quase um anjo, vê-lo passar de paletó sem gravata, tênis azuis e sacola de supermercado.

3. Ver Murilo em uma mesa do Bar da Esquina à espera do picadinho de carne com farofa e banana frita, vê-lo sempre apaziguador em uma mesa de díspares, de dessemelhantes, vê-lo com a cigarrilha na mão direita, a gravata afrouxada, os olhos de criança por detrás das lentes grossas.

4. Acompanhar Murilo às quartas-feiras pelo centro da cidade até o restaurante do Senac, na Tupinambás, acompanhar o mágico pela multidão, vê-lo dar bom dia para Kafka, bom dia para Fernando Pessoa, vê-lo dar bom dia para os anônimos seres da escrita que compõem o rosto de uma cidade.

5. Ter Murilo e Fritz Teixeira de Salles diante da porta do apartamento numa manhã de sábado. Ei-los só convites, pândegos como os meninos mais travessos, ei-los só convites para o chope de sábado, e depois descer com eles o desfiladeiro da Goitacazes, vagorosamente descer esse minidesfiladeiro da Goitacazes, depois virar Bahia, subir Bahia, ir com eles pelos contornos da paisagem.

6. Ouvir Murilo ler poemas em voz alta para um grupo de amigos numa noite qualquer da mesma Rua Trifana, o mágico em sua poltrona, meio torto, meio fora do prumo, ele ali bem diante da mesa de madeira lavrada que sempre o acompanhou, a mesa sobre a qual ele guardava uma caixinha metálica como lembrança dos serviços consulares prestados em Madri.

7. Ver Murilo todo homenagens aos que chegavam ou aos que partiam, era sempre uma total disponibilidade para reunir os grupos em volta de quem ia ou de quem vinha, de quem fizera ou deixara de fazer, ora era um almoço, ora um jantar, o Murilo anfitrião e risonho, aquele seu riso de rir para os lados, para fora de si, para fora do esquadro, meio contorcido pelo enorme clamor da sua alegria.

8. Ver Murilo, após atingir o estado de graça das muitas gerações vividas, iniciar a revisitação de outras gerações de escritores, embaralhando-as numa mesma e solidária comunhão, solícito e paciente até mesmo na hora de sutilmente desaconselhar os mais afoitos, os mais afoitos com as suas vaidades e veleidades.

9. Ver Murilo abrir sobre a tal mesa de madeira lavrada a pilha de papeizinhos nos quais fazia suas anotações, pilhas e pilhas de papeizinhos dobrados, amassados, amarfanhados, um quebra-cabeça de inscrições destinados a ajudar o repórter a compor o seu perfil para um jornal de São Paulo.

10. Ter sempre e sempre a imagem de Murilo pelas ruas de Belo Horizonte para que o bicho roedor da idiotia não tome conta da cidade, para que o bicho roedor da pequenez e da mediania cesse o seu trabalho voraz e famélico.

PAULINHO ASSUNÇÃO

mineiro de São Gotardo, é poeta e ficcionista.

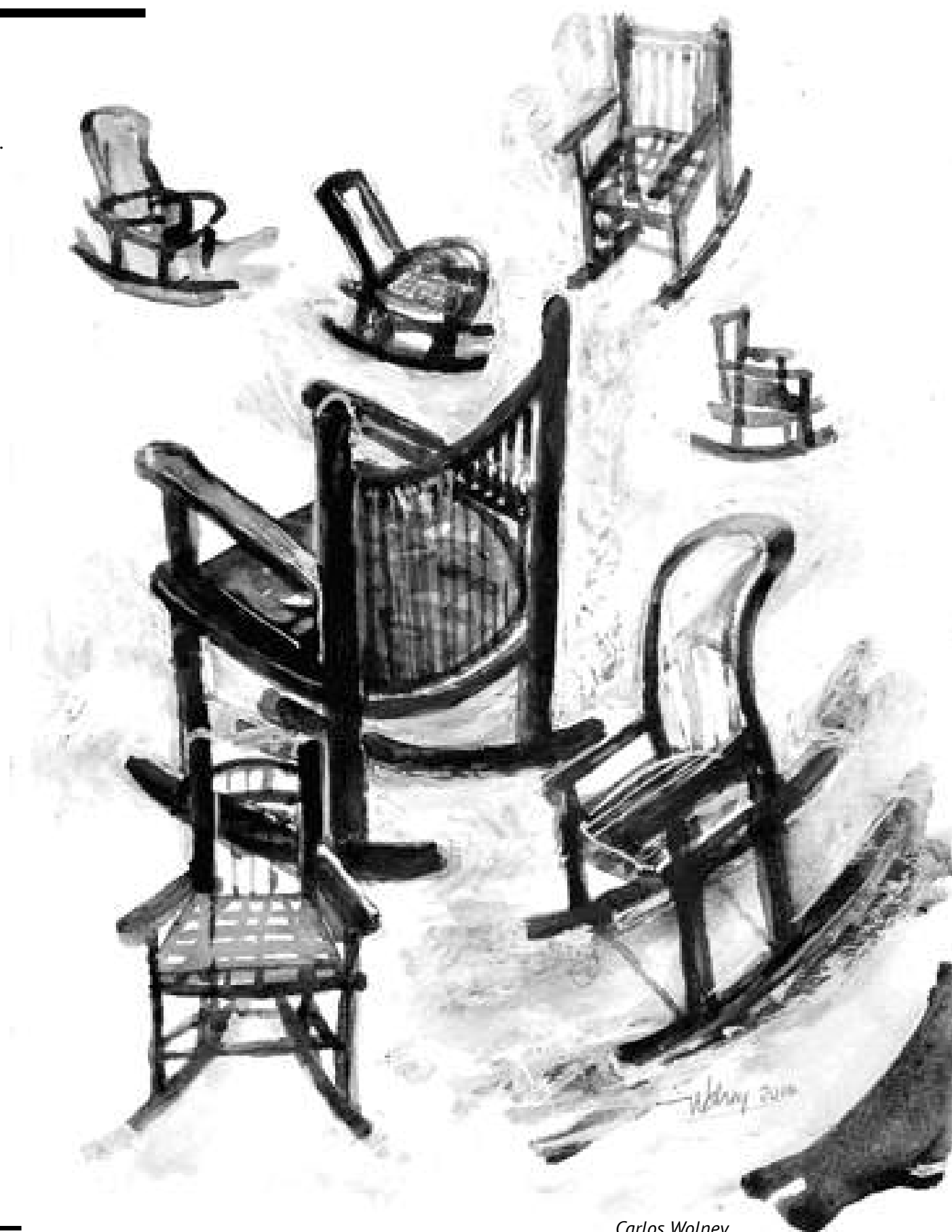
CADEIRA DE BALANÇO

JOÃO PAULO GONÇALVES

Murilo Rubião foi comigo
comprar um cadeira de balanço.
Escolho. Ele prefere outra.

Por que levei a dele?

Quem nela assenta para ler
descobre o fim da história
logo na primeira página.



JOÃO PAULO GONÇALVES
mineiro de Belo Horizonte, é poeta.

Carlos Wolney

O MÁGICO AMIGO

LIBÉRIO NEVES

Ele ia fazer uma nova edição de *O Convidado* e solicitou-me uma revisão do texto, no sentido mais de algumas atualizações. Ao final, após considerarmos certas sugestões que o tempo sugeria ao decorrer da edição anterior, ele as acolhia, comentando-as, parecendo assim querer “valorizar” a “sutil” razão de minhas observações.

“Quanto lhe devo pelo trabalho”, ele perguntou; “Você não me deve nada, é um presente que me honra lhe oferecer”. Ele concluiu, com a comovente simplicidade desta frase: “Ô Libério, você é um anjo!”.

Por longos anos, durante os quais desfrutei a amizade transparente do Murilo Rubião, pude conviver com o gênio discreto do contista introdutor do realismo mágico na moderna literatura brasileira.

Murilo, desde o começo, valorizou e promoveu minha poesia nas páginas do Suplemento Literário do “Minas Gerais”, do qual ele foi um idealizador e seu primeiro Secretário.

Destarte, incluiu no Suplemento de nº 1 o poema “Bigode”, de minha autoria, e assim aconteceu ao longo das publicações de muitos anos, inclusive com participação no Suplemento especial de nº 1.000. Dentro desse espaço de tempo figurei como um de seus colaboradores mais assíduos.

Considero-me um poeta que ganhou força, juntamente com outros então jovens escritores, através das páginas deste histórico jornal. Pertencço, portanto, à chamada “Geração Suplemento”, e este fato cumpriu-se mediante a confiança que o Murilo Rubião depositava em minha pessoa, como cidadão e poeta.

LIBÉRIO NEVES

é goiano de Buriti Alegre e é poeta. Foi diretor do Suplemento Literário em 1970.

MEU AMIGO MURILO

ANNA MARINA SIQUEIRA

Amigo de minhas irmãs mais velhas, Murilo Rubião acabou mesmo se tornando grande amigo meu. Adorava conversar com ele, lia e relia seus contos, maravilhosos numa época em que a literatura fantástica ainda estava por acontecer por aqui. Naquele tempos em que o Maletta não existia, nossos papos rolavam na Confeitaria Elite, onde ele estava sempre com seu terno e gravata. Murilo era uma flor de atenção. Os amigos comuns, todos mais velhos do que eu, achavam que estava me paquerando. Não era verdade. Tínhamos apenas uma afinidade pelos casos e pelas histórias que contava em seus livros.

Só não concordávamos sobre alguns pratos de que ele gostava. E tanto conversamos sobre rabada com feijão branco, que ele apreciava, que uma noite me chamou para prová-la no restaurante do Erlich, no térreo do Automóvel Clube, um pedaço da Europa em Belo Horizonte. Com paredes de lambris, havia mesas com divisórias para conversas mais à vontade. No centro, mesas grandes de madeiras cobertas com toalhas em xadrez, boas e cômodas cadeiras que convidavam ao relax. Portanto, fui com ele ser apresentada a um de seus pratos prediletos. Comi e nunca mais repeti. Acredito que a ilusão de uma meninota, acompanhada pelo par disputado pelas moças da cidade, deu o tempero que nunca mais encontrei no prato.

Outra coisa que o Erlich tinha, e nenhum outro restaurante servia, era a cerveja Pilsen, recebida diretamente de Petrópolis — uma raridade, pois aqui o que se conhecia era Brahma. Antártica e as cervejas pretas, que as mães deviam tomar quando tinham filho para aumentar o leite. Foi uma experiência e tanto: raramente uma jovem jantava em restaurante da cidade acompanhada por um senhor.

O que me atrai muito em seus contos é o clima fantástico que cerca todas as histórias. Quis saber como ele conseguia imaginar tudo aquilo, usar a Bíblia como versal. Contou-me que não era difícil — sonhava todos eles depois era só escrever, daí o clima onírico. Relendo esses contos quando Murilo já não estava mais aqui, consegui vislumbrar as metáforas criadas por ele.

Naquela época, os encontros da sociedade durante o carnaval ocorriam em tardes movimentadas em frente à Confeitaria Elite. O clima era tão bom, tão alegre, que famílias inteiras vinham do Rio passar os dias de festa por aqui. Outra moda era o footing na Avenida Afonso Pena. Moças e rapazes vinham de todos os cantos da cidade, desfilando por ali em clima carnavalesco. As mulheres, para não ser reconhecidas, usavam calças compridas, blusa e um capuz que cobria todo o rosto, deixando apenas os olhos e a boca de fora. Numa animada tarde carnavalesca, Murilo chegou à Elite, repleta de amigos, comboiando uma agitada gatinha. Quando deu de cara comigo, desmontou. Contou que arrastou a moça com ele porque, pelos olhos, achava que era eu. E não acreditava que esta colunista poderia estar de gatinho no carnaval da avenida. Foi uma gozeira total. E a moça, livre, mandou-se Rua da Bahia abaixo, livre do arrastão.

Amigo de JK, com quem trabalhou, Murilo passou uma temporada como adido cultural da embaixada brasileira na Espanha. Recebi alguns cartões dele — doidamente, não os guardei. Quando passei a ser "sua colega", como ele falava, jornalista que era, fui designada para entrevistá-lo. Entrecortada com o que ele falou e o que eu já sabia. Fui à sua casa, na Serra. Estava fazendo a sesta quando cheguei — conversamos informalmente na sala. Voltando no tempo, acho que foi a única vez que o vi sem paletó e gravata.

ANNA MARINA SIQUEIRA

mineira de Santa Luzia, é colunista do jornal *Estado de Minas*, onde a presente crônica foi publicada em 17 de setembro de 2011.

O TALENTO E A MODÉSTIA DE UM ESCRITOR

LOMELINO COUTO

Conheci-o quando acompanhava JK, que saíra, vitorioso, para o governo de Minas Gerais.

Eu tinha vinte anos e completava meu curso de Direito na UFMG.

O encontro foi uma dádiva de valor inestimável e perene que o destino me reservou.

Eu trabalhava no setor administrativo da Radio Inconfidência, e nossos caminhos, outra vez se cruzaram, quando Murilo assumiu a direção da emissora.

JK alçava altos voos e sua meta era a Presidência da República.

Sabia, como político experiente, que vigorosos óbices estariam em sua trajetória e que verçudas raposas acalentavam o mesmo sonho.

O primeiro lance seria o de se tornar íntimo do eleitor e Juscelino Kubitschek de Oliveira, um sobrenome longo e estrangeiro, não era fator favorável.

Decidiu-se, então, que apenas duas letras — JK — seriam as marcas do candidato.

Coube a Murilo, por decisão de JK e através da Radio Inconfidência, dar início à luta eleitoral.

Em nosso trabalho estafante, eu tinha, em Rubião, mais que um chefe, um mentor afável e incentivador. Durante nossa convivência, jamais me advertiu ou censurou e, quando era preciso um conselho, ele raspava, suavemente, a garganta e dela brotavam palavras amigas, ternas e edificantes.

Provei, gostosamente, os frutos da mocidade e me esquivei de suas naturais e infalíveis ciladas, porque tinha, no lar, Sóter, um bom pai, e no trabalho, Murilo, um amigo.

Após a campanha vitoriosa, diferentes foram os nossos caminhos.

Murilo assumiu a chefia do Escritório Comercial do Brasil, na Espanha.

Foi uma sentida separação física, mas uma

constante troca de correspondência amenizava o sentimento de perda.

Anualmente, Murilo vinha a Belo Horizonte. Observávamos seu jeito de ser, o vasto e o humilde, polos opostos, que mostravam o talento e a modéstia de um homem.

Era, em tudo, o mesmo Murilo Rubião, que estava vivendo num mundo alucinante e, culturalmente diverso do nosso.

Usava ternos escuros, óculos de grossas lentes, farto bigode sapatos pretos bem engraxados e eram inconfundíveis sua voz rouca e um sorriso sincero e cordial.

Um certo dia, feliz para os que lhe eram caros, Murilo retornou ao nosso convívio.

Voltou a escrever, recolhido em seu apartamento, na Serra, pensando, quem sabe, como Thoreau: "nunca encontrei uma companhia tão companheira como a solidão".

Ia, também, ao encontro de amigos e parentes, por exigência da cordialidade.

Comovente era a reciprocidade de afeto entre ele e Sílvia Rubião, filha de seu irmão e consagrado médico Paulo Emílio.

Ela é zelosa cuidadora da memória de Murilo e um expoente da cultura mineira.

Quando saía, Rubião levava no bolso balas e guloseimas para as crianças, filhas dos amigos.

Convidava-me para o almoço em sua casa e, onde, além do carinho de sua mãe, D. Antonieta, não faltava o pimentão recheado, um presente para o paladar.

À tarde, depois das seis, reuníamos na Gruta Metrópole, com os artistas Mário Silésio, Nuno, os médicos Zacarias Barbosa, Sóter Couto, Ademar Brant, Benitez Conde, o escritor José Bento Teixeira de Salles, o engenheiro Giacomo Almotto Neto, os advogados Artur Orlando, José Afonso Moraes, dentre outros.

Era uma tertúlia festiva e se abria para os comentários sobre política (vivíamos sob o militarismo), mulheres na mídia, futebol e até sobre a imortalidade da alma, quando a cervejinha assinava o ponto.

Murilo, conciliador, ouvia mais do que falava, mas se exasperava quando o assunto requeria reprovação.

Uma vez por semana (às segundas feiras), no apartamento de Rubião, montávamos uma rodinha de pôquer, onde havia mais lazer do que voracidade por dinheiro.

Alguns fins de semana, quando as "patroas" não estrilavam, íamos a Itaúna, continuar as jogadas, onde Murilo comprara o Sítio "São Miguel" que pertencera ao historiador João Dornas Filho. Ali, Murilo permanecia longo tempo cuidando de suas plantas. "Meu tédio é falar sobre minha pessoa", dizia Rubião.

A convivência com ele descortinava o caráter de um ser humano, acima da mediocridade, avesso à maledicência, infenso à ostentação e que buscava sempre o primado da dignidade.

Murilo usou, em suas obras, epígrafes extraídas da Bíblia, sua leitura constante.

"A Bíblia contém, para cada um de nós, uma mensagem cifrada. A chave é a fé que nos dá." (J. Green)

Rubião era detentor de excelsas virtudes e a Bíblia, certamente, o levava a paragens contemplativas, a espaços fascinantes, onde não cabiam o ceticismo e a materialidade.

A vida de Murilo Rubião foi uma linha reta.

LOMELINO COUTO

mineiro de Diamantina, é advogado e foi amigo de Murilo Rubião por muitos anos.

O MÁGICO DAS PALAVRAS

JIRO TAKAHASHI

Cena um

No quarto de um apartamento em Belo Horizonte, uma invasão de coelhos, pássaros, figuras estranhas e fogos de artifício. Todos debaixo de um travesseiro, dentro de um volume de contos. Em setembro de 1947, era publicado O ex-mágico.

Coincidentemente, no ano em que nasci, Murilo Rubião publicava seu primeiro livro. Quando ele recebeu seu primeiro exemplar de *O ex-mágico*, ele disse que foi dormir com ele debaixo de seu travesseiro. Todas as suas personagens fantásticas reuniam-se, de certa forma, onde tinham nascido: dos sonhos de um contista que escreveu antes de seu tempo. É notável que o livro foi publicado por uma quase desconhecida Editora Universal, do Rio de Janeiro, que tinha no ano anterior lançado simplesmente o livro *Sagarana*, de Guimarães Rosa. Apesar de a editora não ter permanecido, como editor vou admirar para sempre a sensibilidade desse editor, com ousadia de lançar Guimarães Rosa e Murilo Rubião.

No final dos anos 1960, eu estudava Letras na Universidade de São Paulo, época em que acabava de chegar às livrarias o monumental *Cem anos de solidão*, de García Marquez. Na esteira desse sucesso, nos entusiasmávamos com a chegada de Borges, Cortázar, Vargas Llosa e muitos outros escritores latino-americanos. Exatamente nessa época, três professores — Jorge Schwartz, Davi Arrigucci Jr. e Antonio Candido — falavam muito do caráter precursor de Murilo Rubião, reconhecendo-lhe o talento e a originalidade. Estávamos em 1974. Tomei emprestado um volume de *Os dragões e outros contos*. Acabei de ler, animadíssimo, consegui seu telefone, liguei imediatamente para ele. Como eu iniciava uma coleção chamada *Nosso Tempo*, na Editora Ática, propus ao Murilo inaugurar a coleção com seus contos em uma edição que seria ilustrada pelo artista gráfico Elifas Andreato e com uma grande tiragem. Murilo ficou meio desconcertado com a tiragem e pediu que eu fosse conversar com ele em Belo Horizonte.

Fui encontrá-lo na redação do Suplemento Literário de Minas Gerais. Naturalmente ele aceitava as condições que propunha a ele, mas ficou horas tentando me demover da idéia de fazer uma grande tiragem. Ela

achava que uma edição de, no máximo, 3 mil exemplares já seria mais do que ele esperaria em termos de público. Prometi que repensaria os números e voltei a São Paulo, exultante com o contrato em mãos.

Na Ática, não atendemos a prudência recomendada por Murilo e fizemos a tiragem de *O pirotécnico Zacarias*, com um zero a mais na sua recomendação e publicamos 30 mil exemplares, que se esgotaram em seis meses.

Cena dois

No interior de um apartamento de Belo Horizonte, um homem se dirige à escrivaninha. Pega uma caneta e um caderno de anotações. Apanha na estante um velho volume de Quincas Borba. Atento, com um sorriso enigmático, copia cada parágrafo, cada frase, cada vírgula do livro em seu caderno.

Esse ritual se repetiu por anos nesse apartamento habitado por Murilo Rubião. Por muitos anos, até hoje, essa cena não me sai da cabeça, desde o dia em que ele me contou sobre uma das técnicas que ele usava para aperfeiçoar sua escrita. Diante da minha cara de espanto ele me disse que escrever era também uma questão de ritmo. Por isso, praticava o exercício diário de copiar os livros de um dos autores que mais admirava — Machado de Assis.

Com essa paciência de causar inveja a um monge copista, Murilo parecia nunca ter pressa em publicar. Tinha verdadeira obsessão por reescrever seus contos. Na edição de seus contos, quantas vezes tivemos de refazer a composição do livro porque ele resolvia mudar o ponto de vista do narrador em um dos contos! Um dia ele me contou que, quando foi servir na Embaixada do Brasil na Espanha, aproveitaria para escrever ou reescrever muitos contos. Ao final de quatro anos, quando retornou, trazia apenas um conto escrito e reescrito dezenas de vezes — o hoje antológico “Teleco, o coelhinho”. Nesse ritmo, não espanta o fato de em mais de 40 anos de literatura só ter produzido algumas dezenas de contos. Mas nenhum de seus contos demorou tanto para ser concluído como “O convidado” — 26 anos, de acordo com o testemunho de nosso amigo comum, Paulo Mendes Campos.

As constantes reescrituras que ele fazia em seus contos sempre me pareceram uma arte de um grande editor que ele foi. Ele criava, escrevia e editava o texto de cada um de seus contos. No seu ritmo. Por isso, evitar a ansiedade e zelar pelo texto são as lições que procuro seguir como editor, como aprendiz de Murilo Rubião.

Cena três

No interior de um apartamento em Belo Horizonte, um homem se dirige à janela. Examina a noite. Dia 16 de setembro de 1991. Acompanhado

por algumas personagens, olha as metamorfoses da paisagem da janela. As coisas parecem perder a cor. Murilo, como Zacarias, decide: sem cor jamais quis viver.

JIRO TAKAHASHI

paulista de Duartina, é graduado em Letras e Direito, professor e escritor. Como editor da Ática, promoveu o relançamento da obra de Murilo Rubião a partir de 1974.



Chanina

UM PASSE DE MÁGICA

PRISCILA FREIRE

Deixei o ensaio de *Seis personagens à procura de um autor*, de Pirandello, no Teatro Marília, e rumei para o bar Lua Nova, no Maletta. Lá estavam Geraldo Magalhães, Isaías Golgher, José Nava e Murilo Rubião. Desconcertando o coro literário, Leslie Luder, um engenheiro da Cemig importado dos Estados Unidos, ria divertido das conversas pouco palatáveis para seu entendimento. Isaías ensaiava suas digressões críticas sobre o mundo dos livros, o Geraldo desancava o Jânio Quadros, o Zé se queixava da mediocridade da província e o Murilo brincava com sua piteira, diante de um copo de uísque, "sentado a olhar cismativamente o povo desfilando na calçada...", como seu ex-mágico do conto.

Murilo estava longe de ser um bom conversador. Não tinha nenhum jeito para *boutades* e, muito ao contrário, compunha um tipo grave, mais observador que brilhante em suas confabulações esotéricas. Os olhos acesos atrás daqueles óculos de aro quadrado e escuro, a cabeça baixa, quase debruçada sobre a mesa, e





*Vanessa Neto emoldurada na
mesa do escritor*

a careca reluzente emoldurada por duas asas negras de cabelos restantes.

Contou-me que detestava Ouro Preto. Presidente da FAOP, ia de carro, entrava na Fundação e voltava correndo. Talvez tivesse razão em não querer dialogar com as sombras que sobem e descem as ladeiras históricas. Ouvir a voz dos mortos que subvertem a mente dos vivos. Sua sensibilidade podia perceber as sub-reptícias conspirações que vagueiam pelas calçadas, deambulantes e sorradeiras... "os primeiros dragões que apareceram na cidade muito sofreram com o atraso dos nossos costumes..."

Maria Alice Martins e eu resolvemos dramatizar um conto de Murilo. Escolhemos "A fila", diga-se de passagem, de teor kafkiano: Pelerico deveria levar um embrulho a uma empresa e foi se alistar numa fila interminável. A cada dia ela recomeçava e ele, pacientemente, esperava sua vez, que nunca chegava. Até que uma manhã, ao ir tomar seu lugar, viu que a fila havia desaparecido com tudo e todos. Pelerico perdeu seu conteúdo e seu destino, e Murilo aprovou o texto que construímos, mas que nunca chegamos a encenar.

Levamos as provas da adaptação do conto a seu apartamento com um vasinho de violetas. Para meu desaponto, ele disse não gostar de plantas dentro de casa. O ambiente era monástico, ordenado como uma cela de convento. Mas no quarto havia uma foto de Vanessa, com dedicatória: o último riso do dragão.

Em seu livro *Mil rosas roubadas*, Silviano Santiago conta: "Vanessa era objeto de um número infindável de moços apaixonados. No entanto, poucos objetos masculinos atraíam sua paixão de moça intelectualizada pertencente à alta burguesia mineira".

A casa de Ordália e Oscar Neto, pais de Vanessa, era frequentada pela elite intelectual e social mineira, e também por visitantes do Rio como Cecília Meireles, Augusto Frederico Schmidt, Lúcio Cardoso. Para

descrever esse salão literário pesquei uma nota de "O Globo" dos anos 50: "Com seu moreno de diacuí passada a limpo, a escritora Lúcia Machado de Almeida canta, ao piano, velhas modinhas de Diamantina. Ordália tem nome de planta e cuida com carinhos maternais de seu imenso jardim, verde e sombrio. Inês Renault veste bem, ri gostoso, fuma e joga buraco — contam que ela, ao encontrar Vinícius de Moraes com uma nova e jovem namorada, perguntou: — é sua sobrinha? Ao que ele respondeu: não, é amante mesmo".

Vanessa tocava piano e escrevia crônicas no "Diário de Minas". Numa delas serviu-se das estações do rádio, figurativamente, para dizer que ligava e desligava de gente chata. Ou mudava de estação.

Conheci Vanessa na boate do Hotel Amazonas, onde se hospedava Juscelino, e que se chamava "Tejuco". Bonita e atrevida, não deixava que se ouvissem músicas brasileiras. Lá só tínhamos, nos vinis, Billie Holiday, Ella Fitzgerald, Cole Porter e Frank Sinatra, entre outros. Vanessa acabou casando com o gerente, um tal Tony, que a levou para os Estados Unidos. Murilo e todos nós a perdemos, mas ela também não ganhou nada com a troca. Encontrei-a no Stage Door, do Teatro Marília, anos mais tarde. Continuava bonita, mas menos atrevida. Perguntei se gostava de morar na América. Respondeu-me: "Estou pagando meus pecados e não sabia que eram tantos e tão pavorosos". Morreu em Nova York atropelada por um carro.

Onde encontramos Vanessa na obra de Murilo Rubião: Marina a intangível, Bruma? Belkiss ou Geralda? O fato é que por bem ou por mal a figura de Vanessa está para sempre ligada à de Murilo, para nós que os conhecemos a ambos. Ela podia sim fazer parte das fantasias dele: pintava os cabelos de verde e desfilava com seu papagaio no ombro pela avenida Afonso Pena. Era ou não uma mulher talhada para as pirotecnias de Murilo?

REFERÊNCIAS

- Rubião, M. (1974). O ex-mágico da taberna minhota. In: M. Rubião, O pirotécnico zacarias (p. 64). São Paulo: Ática.
 Rubião, M. (1974). Os dragões. In: M. Rubião, O pirotécnico zacarias (p. 64). São Paulo: Ática.
 Santiago, S. (2014). *Mil rosas roubadas*. São Paulo: Companhia das Letras.

PRISCILA FREIRE

é atriz e foi diretora do Museu de Arte da Pampulha.

No gabinete do diretor Murilo

BRANCA MARIA DE PAULA

Foi por artes do amigo Oswaldo França Júnior que me vi convidada por Murilo Rubião a fazer parte de sua equipe, quando ele tomou posse como Diretor da Imprensa Oficial. Recém-separada, três filhos pequenos, contando apenas com a fotografia e a literatura para socorrer a prole, eu devia ter um emprego onde me escudar – conspiraram os amigos. E assim foi. Tenho como próximo aquele começo dos anos oitenta, que ainda espinha se me lembro dele participante. Desde então, distâncias se foram em correrias vãs. Não sei onde pensava ir.



Duílio Gomes, Branca Maria de Paula, Murilo Rubião e Antônio Barreto

Só mesmo o autor, e protetor, de Teleco, o coelhinho para abrigar sob o mesmo teto a fauna que ia e vinha sob sua batuta. Só mesmo um contista mutante e terno como Murilo poderia arregimentar Ayres da Mata Machado (Chefe de Gabinete), Ângelo Prazeres (Oficial de Gabinete), Elza Mourão (secretária número um), para orbitar a seu redor, na cúpula do Edifício. A poucos passos, na Assessoria, Marcos Noronha, (poeta e ex-bispo, o único que conheci), Robinson Damasceno (enfant terrible) e eu, conquanto contista, também fotógrafa. Já enfeitando a sala, lá encontramos a secretária Ana Maria. E ainda Ildeu e Liberato, nosso chefe direto, pertencentes ao quadro da Imprensa, que entravam e saíam numa faina de se admirar. No balcão estreito, ao lado do elevador, Dona Margarida, em geral cansada ou mal-humorada, garantia nosso Café Pingado.

No térreo o Suplemento Literário funcionava com outra equipe, em tudo por tudo dessemelhante, mas com certeza irmanada em torno da poesia ou a despeito dela (que nos diga o Paschoal Motta). Jaime Prado Gouvêa, sempre na dele, falando o mínimo e registrando o máximo; Duílio Gomes, subindo e descendo escadas, papéis na mão, suave as águas do dia no seu macacão jeans e garantia ao Ayres da Mata Machado que tudo estava bem com a língua, pátria e terreno do Suplemento.

Murilo Rubião, ainda o vejo. Aquele que atravessa a Avenida Augusto de Lima e desaparece nos enclaves do Maletta é o mesmo que me sorri miúdo e me consola quando eu, escritora de pouquíssimos livros, reclamo que meu original havia sido devolvido por outra editora. Estávamos no seu gabinete, onde ele me chamara, na certa para pedir algo de importância mínima.

Passando a mão pela calva, gesto que lhe era peculiar, ele me perguntou: mas quantas vezes seu livro foi recusado? Um 7 vezes, respondo. Mas um livro tem que ser recusado pelo menos umas 10, 12 vezes, senão não tem valia – ele retrucou sem pestanejar. (Rimos. Ah, Murilo, eu precisava ouvir isso hoje, de novo.)

Eliane Mourão, que também o conheceu de perto, contou-me que certa feita Murilo fez-lhe uma advertência, em tom profundo e sério: Faça como eu, case-se com a Literatura!

Quase que tarde demais, soube dessa história. Mas levei-a a sério desde então.

Obrigado a fazer exame atrás de exame, ele me diz: sabe, Branca, quando a gente descobre que está ficando velho? Quando todos os profissionais que nos atendem são mais jovens do que a gente: o dentista, o cardiologista, o oftalmologista e até o motorista de táxi.

Ri. Só mesmo o Murilo para pensar algo assim. Mas agora sei que ele estava certo. Tenho tido oportunidade de apurar essa história, ponto por ponto.

Quando o câncer na garganta foi descoberto, a reação dele me surpreendeu. Jogou no lixo os tais cigarros com os quais se distraía: três maços por dia. E deles não deu mais notícia, nem quis saber.

Resolveu sair da Rua Trifana e se alojar definitivamente no Maletta, onde já funcionava o seu escritório, para facilitar as coisas. Robinson e eu fomos lá algumas vezes, dar uma força, ver do que precisava, trocar abraços e beijos babujados, por causa da traqueostomia. Ele ficava feliz e se esforçava para conversar, apesar das dificuldades. Eu saía de lá um trapo, fungando.

Por outro lado, Robinson e eu nos divertíamos com as inúmeras versões dos

contos dele, verdadeiros manuscritos sobre as páginas datilografadas, espalhadas nas caixas de livros pós-mudança. E sempre nos perguntávamos pelo conto que ele teria perdido no táxi. O motorista enlouquecera, teria virado uma espécie de Teleco, depois de ler fortuitamente o conto fantástico daquele autor fantástico? Teria se perdido pela Cidade ou teria se vestido de Convidado para alguma festa, ainda esperando na Fila?

Aprendi com Murilo a ter poucas estantes de livros em casa, porque ele mantinha o número de volumes de acordo com o espaço disponível nas estantes do apartamento. E só guardava o que lhe era muito caro ou o que ainda não havia lido. Nessa última mudança, Robinson e eu ganhamos vários volumes carimbados com seu nome. Tudo para manter as coisas sob controle.

Em 1984, convidada para participar da antologia de contos Histórias Mineiras, da Editora Ática, fiquei super insegura quanto ao texto que produzi: Toca o bonde, Ana. Já pronto, na hora de despachar, achei o conto acanhado, e tive medo de ficar mal na fita. Aí criei coragem e fui atrás do Murilo, para saber a opinião dele antes de me aventurar. Expus minhas dúvidas rapidamente e ele, assim que terminou de ler, me disse: pode mandar tranquila; quando mais simples, melhor. Tá é muito bom.

Saí aliviada, inclinada a dar pulos de alegria. Que os críticos desabonassem, que o universo falasse mal, eu não estava nem aí. Ia brincar n'A Casa do Girassol Vermelho, porque "O entusiasmo era contagiante. Febril."

Tão bom quanto ler os contos do Murilo Rubião é ter convivido com ele durante esses breves anos, que se estendem e perduram a despeito da avareza do tempo.

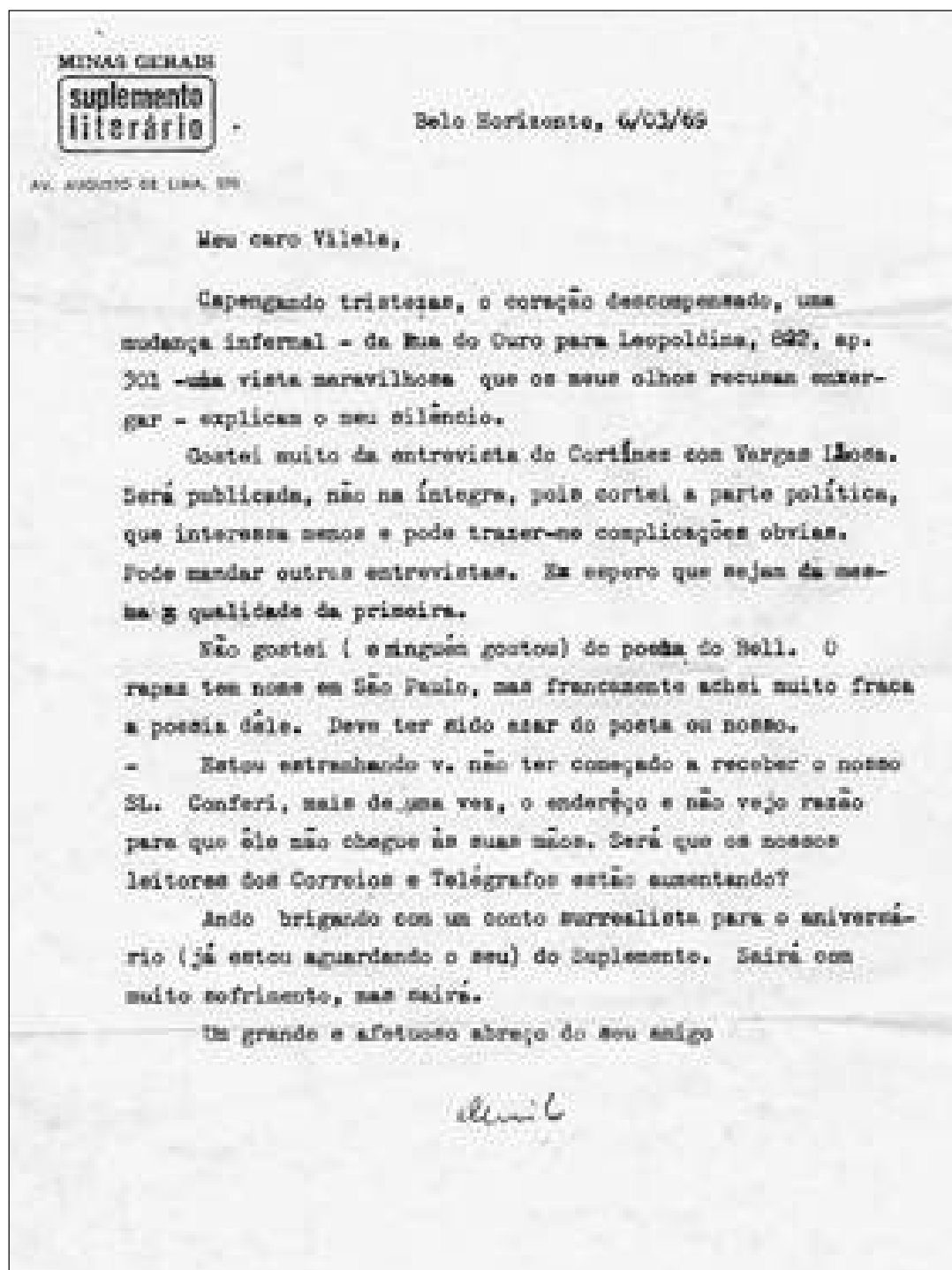
BRANCA MARIA DE PAULA

mineira de Aimorés, é escritora e fotógrafa. Publicou os livros de contos *A mulher proibida* (Ed. Comunicação, 1980) e *Fundo infinito* (Selo Rosa Rumo, 2005), entre outros.

UM ABRAÇO EM LUIZ VILELA



No lançamento de *Tarde da Noite*, de Luiz Vilela, 1970.



CRONOLOGIA

1916

1º de junho — Nasce Murilo Eugênio Rubião em Silvestre Ferraz, hoje Carmo de Minas (MG), filho do filólogo Eugênio Álvares Rubião e de Maria Antonieta Ferreira Rubião. Vive na cidade natal até um ano de idade.

1928

Termina o curso primário no Grupo Escolar Afonso Pena, de Belo Horizonte, depois de haver estudado nas cidades de Conceição do Rio Verde e Passa Quatro.

1935

Termina o curso ginásial, no Colégio Arnaldo, de Belo Horizonte. É o orador da turma.

1938

Aluno da Faculdade de Direito da Universidade de Minas Gerais. Funda, com outros estudantes, a revista literária *Tentativa*.

1939

Começa, na *Folha de Minas*, sua carreira jornalística.

1940

Redator da revista *Belo Horizonte*.

1942

Forma-se em Direito.

Diretor da Associação dos Jornalistas Profissionais de Minas Gerais.

Cronista na Rádio PRI-3 (atual Rádio Inconfidência), com a coluna “Música – Teatro – Rádio”.

1943

Diretor da Rádio Inconfidência, do governo de Minas Gerais.

Professor de Português e Filologia nos colégios Arnaldo e Sagrado Coração de Jesus, em Belo Horizonte.

1945

Chefia, em janeiro, a delegação mineira que participa, em São Paulo, do histórico I Congresso Brasileiro de Escritores, que contribuirá para a derrubada, em outubro, da ditadura do Estado Novo (1939-45).

Presidente da seção mineira da Associação Brasileira de Escritores.

1946

Oficial de gabinete do interventor federal em Minas, João Beraldo.

1947

Publica seu primeiro livro, *O ex-mágico*, de contos.

1948

Diretor do Serviço de Radiodifusão do Estado de Minas Gerais.

O ex-mágico ganha o prêmio Othon Lynch Bezerra de Melo, da Academia Mineira de Letras.

Presidente da seção mineira da Associação Brasileira de Escritores.

1949

Muda-se para o Rio de Janeiro, como chefe do Serviço de Documentação da Comissão do Vale do Rio São Francisco.

1951

Oficial de Gabinete do governador de Minas, Juscelino Kubitschek.

Diretor interino da Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais e da *Folha de Minas*.

1952

Chefe de Gabinete do governador Juscelino Kubitschek.

Superintendente da Secretaria Estadual de Saúde.

1953

Publica o livro de contos *A estrela vermelha*.

1956

Chefe do Escritório de Propaganda e Expansão Comercial do Brasil em Madri, na Espanha. É também adido à Embaixada do Brasil.

Membro da delegação brasileira no II Congresso de Cooperação Intelectual em Santander, na Espanha.

1960

Volta para o Brasil.

1961

Redator da Imprensa Oficial, em Belo Horizonte.

1965

Publica *Os dragões e outros contos*.

1966

Cria, na Imprensa Oficial, o *Suplemento Literário do Minas Gerais*, semanário que, sob o seu comando, será por alguns anos uma das melhores publicações no gênero no país.

1967

Diretor da Rádio Inconfidência.

Diretor da Escola de Belas Artes e Artes Gráficas de Belo Horizonte – Escola Guignard.

1969

Afasta-se da direção do *Suplemento Literário* e assume a chefia do Departamento de Publicações da Imprensa Oficial do Estado.

Presidente da Comissão de Apreciação do Mérito das Publicações da Imprensa Oficial.

Presidente da Fundação de Arte de Ouro Preto.

1971

Presidente da Fundação Madrigal Renascentista.

1974

Publica dois livros de contos: *O pirotécnico Zacarias* e *O convidado*. O primeiro se converte em *best-seller* e Murilo Rubião, aos 58 anos, se torna finalmente conhecido do grande público.

1975

Diretor de Publicações e Divulgação da Imprensa Oficial do Estado.

Aposenta-se no serviço público.

Presidente do Conselho Estadual de Cultura de Minas Gerais.

Com *O pirotécnico Zacarias*, ganha o prêmio Luísa Cláudio de Sousa, do Pen Club do Brasil.

1978

Publica *A casa do girassol vermelho*, contos.

1979

O ex-mágico é traduzido nos Estados Unidos (*The ex-magician and other stories*).

O conto *A armadilha* é adaptado para o cinema, num curta-metragem do diretor Henrique Faulhaber.

1981

O pirotécnico Zacarias é traduzido na Alemanha (*Der Feuerwerker Zacharias*).

O professor Jorge Schwartz publica o estudo *Murilo Rubião: A poética do Uroboro*.

O conto *O pirotécnico Zacarias* é adaptado para o cinema, num curta-metragem de Paulo Laborne.

1982

Murilo Rubião — Literatura comentada, coletânea de contos organizada por Jorge Schwartz.

1983

Diretor, uma vez mais, da Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais.

1984

O ex-mágico sai em edição de bolso nos Estados Unidos.

1986

É publicada na Checoslováquia (atual República Checa) uma coletânea de contos de Murilo Rubião, com o título *A casa do girassol vermelho (Dum u Cerveké Slunecnice)*.

1987

Edição especial do *Suplemento Literário do Minas Gerais* comemora os 40 anos do lançamento de *O ex-mágico*.

O conto *O ex-mágico da Taberna Minhota* é adaptado para o cinema, num curta-metragem de Rafael Conde.

1988

O pirotécnico Zacarias e *A casa do girassol vermelho* (edição dupla).

Obras de Murilo Rubião são adotadas em cursos de português na França.

1990

Publica *O homem do boné cinzento e outras histórias*.

Com adaptação e direção de Cida Falabella, a Cia. Sonho & Drama monta em Belo Horizonte o espetáculo *A casa do girassol vermelho*.

1991

16 de setembro: morre em Belo Horizonte aos 75 anos.

20 de setembro: inaugurada em Belo Horizonte a exposição *Murilo Rubião, construtor do absurdo*, com curadoria de Márcio Sampaio.

1994

É publicada na Checoslováquia (atual República Checa) uma coletânea de contos de Murilo Rubião, com o título *Nevěsta z modrého domu (A noiva da casa azul)*.

1998

Contos reunidos

1999

O pirotécnico Zacarias e outros contos escolhidos

2002

O conto "O bloqueio" é adaptado para o cinema, num curta-metragem de animação de Cláudio de Oliveira.

A Cia. Dende Collective, de Londres, monta a peça *The piranha lounge*, baseada em vários contos da obra de Murilo Rubião.

2004

Contos de Murilo Rubião

2006

Com *O pirotécnico Zacarias e outros contos* e *A Casa do Girassol Vermelho e outros contos*, ambos em nova seleção, a Companhia das Letras começa a relançar a obra de Murilo Rubião.

Realizada em Belo Horizonte a exposição *Murilo Rubião, 90 anos*, com curadoria de Claudia Renault, Marcio Sampaio e Marconi Drummond.

2007

O Homem do Boné Cinzento e outros contos
Sai, em Montevideu, *La Ciudad y otros cuentos*

2010

Murilo Rubião – Obra completa (edição de bolso)
Com direção de Yara de Novaes, o Grupo 3 de Teatro monta em São Paulo *O Amor e outros estranhos rumores – 3 histórias de Murilo Rubião*

2011

Curta metragem em animação “O Ex-Mágico”, baseado no conto “O ex-mágico da taberna minhota”, direção de Olímpio Costa, cenários de Ricardo Cavani Rosas, e direção de animação e direção de arte de Mauricio Nunes.

2016

Patrono da V Bienal do Livro de Minas Gerais, realizada pela Câmara Mineira do Livro, em Belo Horizonte, de 15 a 24 de abril.

Autor homenageado na IV Mostra de Teatro Tiradentes em Cena, realizada em Tiradentes (MG), juntamente com a exposição *Quase roteiro*, com curadoria de Cleber Cabral.

OBRA

Livros

- O Ex-mágico*. Rio de Janeiro, Universal, 1947.
A Estrela Vermelha. Rio de Janeiro, Hipocampo, 1953.
Os Dragões e outros contos. Belo Horizonte, Movimento-Perspectiva, 1965.
O Pirotécnico Zacarias. Prefácio de Davi Arrigucci Jr. São Paulo, Ática, 1974, 13a ed., 1988.
O Convidado. Prefácio de Jorge Schwartz. São Paulo, Quíron, 1974. 3a ed. 1983, Ática.
A Casa do Girassol Vermelho. Pref. de Eliane Zagury. São Paulo, Ática, 1978. 3a ed., 1980.
Murilo Rubião – Literatura comentada. São Paulo, Abril Educação, 1982.
O Pirotécnico Zacarias e A Casa do Girassol Vermelho (edição dupla). Prefácio de Humberto Werneck. São Paulo, Clube do Livro, 1988.
O homem do boné cinzento e outras histórias. São Paulo, Ática, 1990.
Contos reunidos. São Paulo, Ática, 1998.
O pirotécnico Zacarias e outros contos escolhidos. Porto Alegre, L&PM Pocket, 1999.
Contos de Murilo Rubião. (Coleção O Encanto do Conto). São Paulo, Difusão Cultural do Livro, 2004.
O Ex-mágico da Taberna Minhota. São Paulo, Difusão Cultural do Livro, 2004
O Pirotécnico Zacarias e outros contos (nova seleção). Posfácio de Jorge Schwartz. São Paulo, Companhia das Letras, 2006.
A Casa do Girassol Vermelho e outros contos (nova seleção). Posfácio de Sérgio Alcides. São Paulo, Companhia das Letras, 2006.
O homem do Boné Cinzento e outros contos (nova seleção). Posfácio de Vilma Arêas e Fábio Dobashi Furuzato. São Paulo, Companhia das Letras, 2007.
Murilo Rubião – Obra Completa (edição de bolso). São Paulo, Companhia das Letras, 2010.
Obra completa – edição do centenário. São Paulo, Companhia das Letras, 2016.

TRADUÇÕES

No exterior

The ex-magician and other stories. New York, Harper & Row, 1979. 2ª ed. (de bolso), Avon Books, 1984.

Der Feuerwerker Zacharias. Frankfurt, Suhrkamp Verlag, 1981.

Dům U červené slunečnice (A Casa do Girassol Vermelho). Praga (Checoslováquia), Odeon, 1986.

La casa del girasol rojo y otros relatos. Madri, Grupo Libro 88, 1991.

Nevěsta z modrého domu. (A noiva da casa azul). Praga, Argo, 1994.

La Ciudad y otros cuentos. Montevideú, Ediciones de la Banda Oriental, 2007.

Murilo Rubião tem contos publicados em antologias, revistas e jornais de muitos países, entre eles Alemanha, Argentina, Bulgária, Canadá, Colômbia, Espanha, Estados Unidos, França, Itália, México, Noruega, Polônia, Portugal, República Checa e Venezuela.

ADAPTAÇÕES

Cinema

Quatro contos de Murilo Rubião já foram adaptados para o cinema:

A Armadilha. Roteiro e direção: Henrique Faulhaber. 1979 (curta-metragem).

O Pirotécnico Zacarias. Roteiro e direção: Paulo Laborne. 1981 (curta-metragem).

O Ex-mágico da Taberna Minhota. Roteiro e direção: Rafael Conde. 1987 (curta-metragem).

O Bloqueio. Roteiro e direção: Cláudio de Oliveira. 2002 (animação, curta-metragem)

O Ex-Mágico. Roteiro e direção: Olímpio Costa; direção e animação: Mauricio Nunes. 2016 (animação 2d, curta-metragem)

Teatro

A casa do girassol vermelho. Adaptação para o teatro dos contos “A Lua”, “Bárbara” e “Os três Nomes de Godofredo”. Direção: Cida Falabella. Cia. Sonho & Drama (MG/Brasil), 1991.

The piranha lounge. Adaptação para o teatro dos contos “A Lua”, “Os três Nomes de Godofredo”, “Os Dragões”, “A armadilha”, “Teleco, o coelhinho” e “Bárbara” de Murilo Rubião. Direção: André Pink. Cia. Dende Collective, Londres, 2002.

O ex-mágico. Adaptação para o teatro de Emmanuel Nogueira. Direção Jean Nogueira. Cia. de Teatro Livre Mente. Juazeiro do Norte, Ceará, 2004.

O ex-mágico da Taberna Minhota. Série Contos da Meia-noite. Rádio e Televisão Cultura. São Paulo, 2004.

O Amor e outros Estranhos Rumores – 3 histórias de Murilo Rubião. Direção: Yara de Novaes. Grupo 3 de Teatro. São Paulo, 2010.

Sobre sua obra: Além de dezenas de artigos publicados em revistas e jornais, a obra de Murilo Rubião já foi estudada em mais de quarenta teses de doutorado e dissertações de mestrado, no Brasil e no exterior.



Murilo Rubião, Mary Vieira, Lúcia Machado de Almeida, Célia Laborne, Mariana Aquino, Márcio Sampaio e Chanina.

SUPLEMENTO



Murilo Rubião por Inimá de Paula

Governador do Estado de Minas Gerais
Secretário de Estado de Cultura
Diretor-geral da Imprensa Oficial de Minas Gerais
Superintendente de Bibliotecas Públicas e Suplemento Literário

Fernando Damata Pimentel
Angelo Oswaldo de Araújo Santos
Eugênio Ferraz
Lucas Guimaraens

Suplemento Literário

Diretor
Coordenador de Apoio Técnico
Coordenador de Promoção e Articulação Literária
Projeto Gráfico
Escritório de Design
Diagramação
Conselho Editorial

Jaime Prado Gouvêa
Marcelo Miranda
João Pombo Barile
Plínio Fernandes
Gíria Design e Comunicação
Carolina Lentz - Gíria Design e Comunicação
Humberto Werneck, Sebastião Nunes, Eneida Maria de Souza, Carlos Wolney Soares, Fabrício Marques
Elizabeth Neves, Aparecida Barbosa, Ana Maria Leite Pereira, André Luiz Martins dos Santos

Equipe de Apoio

Jornalista Responsável

Marcelo Miranda – JP 66716 MG

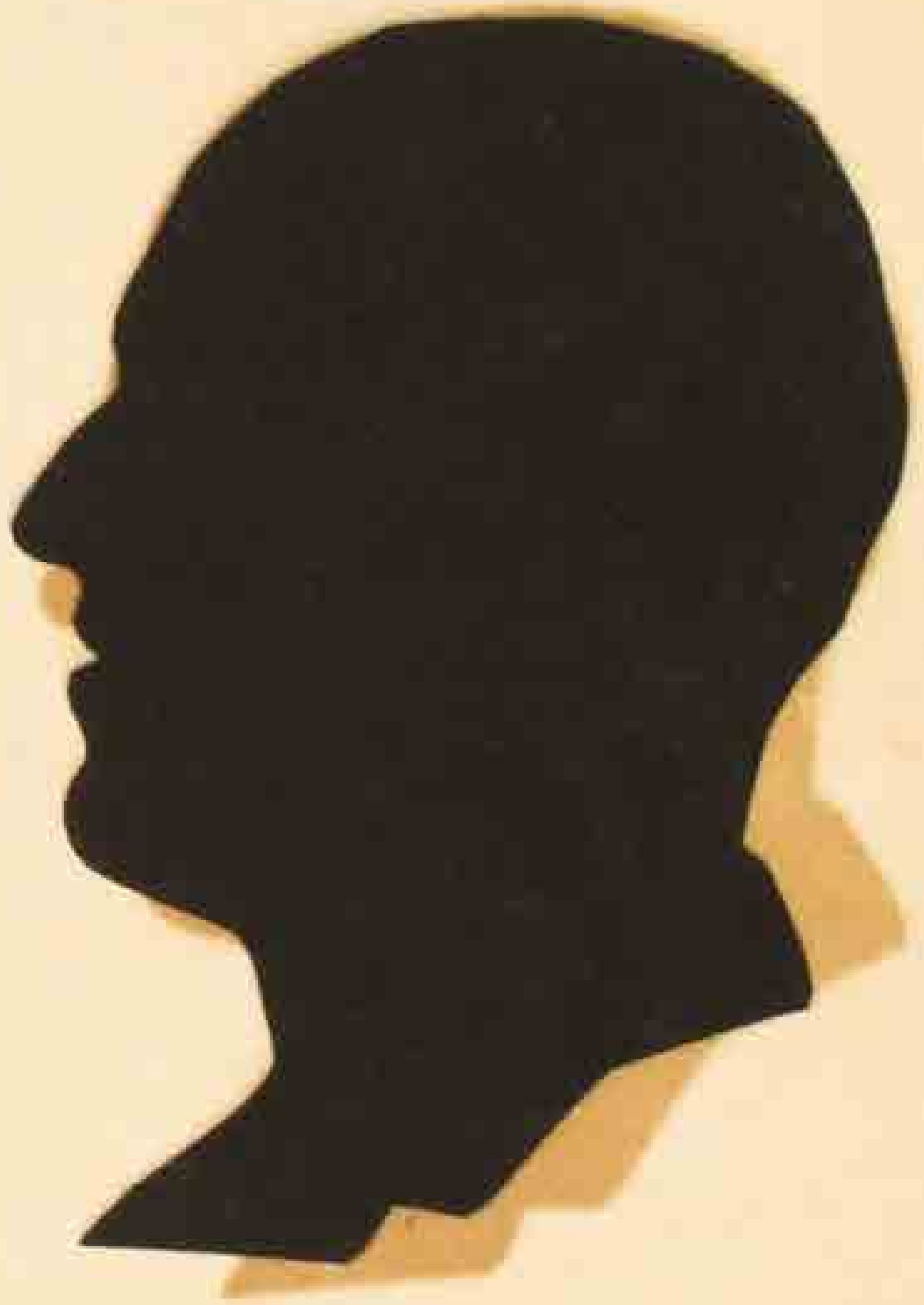
Textos assinados são de responsabilidade dos autores
Acesse o Suplemento online: www.cultura.mg.gov.br



O SUPLEMENTO é
impresso nas oficinas da
Imprensa Oficial do Estado
de Minas Gerais

Suplemento Literário de Minas Gerais
Av. João Pinheiro, 342 – Anexo – CEP: 30130-180
Belo Horizonte, MG – Telefax: 31 3269 1143
suplemento@cultura.mg.gov.br





AUTORRETRATO

No Livro de registro de nascimento da matriz de Silvestre Ferraz, hoje Carmo de Minas, encontro, ao lado meu, os nomes de meus pais: Eugênio Álvares Rubião e Maria Antonieta Ferreira Rubião. 1916. Meu pai, homem de boa cultura humanística, era filólogo e pertenceu à Academia Mineira de Letras. Escrevia com rara elegância, apesar de gramático. Dele herdei a timidez e um certo ar cerimonioso, que me tem privado da simpatia de numerosas pessoas. Algumas delas mulheres, o que é lamentável.

Em Belo Horizonte residi vinte e cinco anos. Alguns alegres, outros tristes. Lá pretendo morrer. No cemitério do Bonfim, se não for incômodo para os que me sobreviverem.

Cursei grupo escolar, ginásio, Faculdade de Direito, e posso afirmar, sem sombra de orgulho, que jamais fui primeiro aluno em qualquer disciplina. Como escritor, alcancei algum êxito na burocracia das letras. Três vezes presidente da Associação Brasileira de Escritores (Secção de Minas Gerais) e vice-presidente do I Congresso Brasileiro de Escritores.

Sete anos levei pra escrever e publicar o meu primeiro livro O Ex-Mágico. Nem por isso ele saiu melhor.

Comecei a ganhar a vida cedo. Trabalhei em uma baleira, vendi livros científicos, fui professor, jornalista, diretor de jornal e de uma estação de rádio. Hoje sou funcionário público.

Celibatário e sem crença religiosa. Duas graves lacunas do meu caráter. Alimento, contudo, sólida esperança de me converter ao catolicismo antes que a morte chegue.

Muito poderia contar das minhas preferências, da minha solidão, do meu sincero apreço pela espécie humana, da minha persistência em usar pouco cabelo e excessivos bigodes. Mas, o meu maior tédio é ainda falar sobre a minha própria pessoa.

